



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Juliana da Rosa Brochado da Luz

A negra FORTE está morta:
narrativas de negras, professoras universitárias, sobre práticas de resistências

Florianópolis

2026

Juliana da Rosa Brochado da Luz

A negra FORTE está morta:

narrativas de negras, professoras universitárias, sobre práticas de resistências

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Coorientadora: Profa. Josiane Beloni de Paula, Dra.

Florianópolis

2026

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Luz, Juliana da Rosa Brochado da

A negra FORTE está morta : narrativas de negras,
professoras universitárias, sobre práticas de resistências
/ Juliana da Rosa Brochado da Luz ; orientador, Elison
Antonio Paim, coorientadora, Josiane Beloni de Paula, 2026.
154 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Educação. 2. negras professoras universitárias. 3.
experiências. 4. memórias. 5. mito da mulher negra forte.
I. Paim, Elison Antonio. II. Paula, Josiane Beloni de.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

Juliana da Rosa Brochado da Luz

A negra FORTE está morta:
narrativas de negras, professoras universitárias, sobre práticas de resistências

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado em 09 de fevereiro de 2026 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Orientador

Profa. Josiane Beloni de Paula, Dra.
Co-orientadora

Profa. Helena Maria Marques Araújo, Dra.
CAP/UERJ (Examinadora)

Profa. Claudia Miranda, Dra.
UNIRIO/PGED (Examinadora)

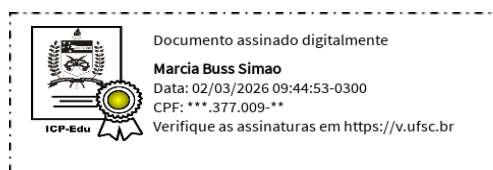
Profa. Ilka Miglio de Mesquita, Dra.
UESC/DECIE (Examinadora)

Prof.(a) Mirianne Santos de Almeida, Dra.
SEMED/São Cristóvão-SE (Examinadora)

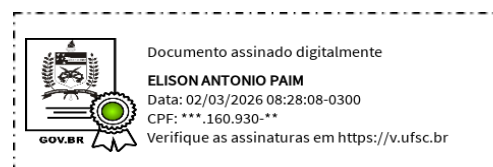
Profa. Patrícia Magalhães Pinheiro, Dra.
SED/ Florianópolis (Suplente)

Profa. Eliane Debus, Dra.
MEN/CED/UFSC/PPGE (Suplente)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Educação.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Orientador

Florianópolis, 09 de fevereiro de 2026.

Dedico esta tese a todas as negras professoras que fazem dos seus movimentos espaços de resistência e de suas lágrimas sobrevivências, em especial à minha mãe, Zeli Farias da Rosa, que me devolve para as encruzadas da vida, mesmo quando estou em cacos ao dizer que é preciso ter coragem e enfrentar.

AGRADECIMENTOS

Mofelê ceuã, mocelê ce alore, modele cealorê ireo, mofelece oxum boquê
Mofelê ceuã, mocelê ce alore, modele cealorê ireo, mofelece oxum boquê

(Axé de flores)

Na imagem a seguir, as flores representam para nós, batuqueiras/os, a felicidade, a harmonia, a beleza e a perfeição da natureza expressa em cada um dos nossos orixás, em cada um de nós, pois é vida.



Essas pessoas presentes na imagem me oportunizaram brotar nesse desafio que é fazer ciência: não ando só. Tem ciência NEGRA aqui! A cada dia me fazem acreditar que florescer não vai doer para sempre. Obrigada pelo trilhar que nos trouxe até aqui: Zeli Farias da Rosa (mãe), Elfreo Brochado (pai – *in memoriam*), Zeline Brochado (filha), Eufrân da Luz (filho), Diéle da Luz (enteada), Diego Luz (marido), Zaki Pinheiro (neto), Iya Tereza do Bará (que cuida do meu ori), Babalorixá Luiz Carlos

do Xangô (que me iniciou na religião) e minhas irmãs, Carine Brochado, Rejane Correia e Josiane Teixeira.

Também ofereço minha gratidão a quem me emocionou ao me chamar de intelectual negra: Profa. Dra. Giane Vargas.

Ao meu orientador, que se construiu amigo, Prof. Dr. Elison Antonio Paim, que muito mais do que acreditar em mim, ressignificou a grandiosidade da minha existência nas encruzadas nas quais venho buscando avanços, pois eu não enxerguei até aqui as brechas e, por isso, vinha na exaustão da derrubada de muros. Foste tu quem me convidou a usar de outros saberes capazes de nos impulsionar e fortalecer. E se o medo chegar, enfiemos o braço uns nos outros, no Grupo de pesquisa Pameduc, e vamos com medo mesmo, de bando.

À minha amiga e coorientadora, Profa. Dra. Josiane de Paula.

Às Professoras Dra. Helena Maria Araújo, Cláudia Miranda, Ilka Miglio de Mesquita, Mirianne Santos de Almeida, Patrícia Magalhães Pinheiro e Eliane Debus, da banca examinadora, agradeço pela generosidade de tornar a pesquisa um diálogo plural, onde tivemos a oportunidade de cruzar nossos estudos, experiências e crenças, comprometidas com projetos que nos aproximam, não somente por sermos mulheres, mas por sermos negras mulheres e mulheres brancas, que se comprometem com a necessária construção de uma sociedade livre de apagamentos, agressões e negação de existências.

Quando penso nas mais velhas, algumas ainda ecoam falando da importância do estudar e elas nos convocaram a enfrentar os medos. E isso tudo também é para elas: Eva da Rosa (tia – *in memoriam*), Elisa da Rosa Garcia (minha dinda - *in memoriam*), Eva Brochado, Nilza Garcia (tia – *in memoriam*) e, especialmente, Lídia Maria Paiva da Rosa (*in memoriam*), que nunca mediu esforços para nos ajudar a estudar. Era sobre vibrar e encorajar, com um amor gigante que nunca vai se desfazer. Ao fechar os olhos, retorno à sua casa, que era a casa de todas, e encontro as fotos de formaturas na sala, pois elas sempre tiveram lugar de honra, no coração, na luta e nas conquistas dessa mulher.

Agradeço também às diretoras do Colégio Municipal Pelotense, por facilitarem momentos que eram fundamentais para que eu pudesse me dedicar à escrita, em especial à direção-geral. Entre negras mulheres, às vezes, as palavras são desnecessárias, pois sabemos quem somos e a que nos propomos nas nossas lutas, e vocês são oportunidades.

Sempre é possível iniciar, mas o fim não está no meu caminho! Nas novas caminhadas, peço axé ao pai Bará, para que eu não viva da falta, mas de tudo que necessite para agradecer ontem, pelo que construímos amanhã. Alupo, Axé!

O meu lugar / É caminho de Ogum e Iansã / Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar, cada andar / O meu lugar / É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor / E cerveja pra comemorar / O meu lugar /
Tem seus mitos e seres de luz. (Meu lugar, Arlindo Cruz, 2007).

RESUMO

Tese, em nível de doutorado, apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) na Linha de Pesquisa Sociologia e História da Educação (SHE), que propõe dialogar a partir das narrativas de memórias e experiências negras mulheres, professoras universitárias, que trabalham ou trabalharam em programas de pós-graduação em educação de universidades públicas brasileiras. Foram ouvidas as narrativas de mulheres com mais de 60 anos sobre os impactos causados a elas pelos estereótipos da mulher negra ser forte e buscou-se saber como elas, muitas delas pioneiras em espaços acadêmicos, sentem as representações de ser forte e guerreira nos espaços que ocupam. Foram oportunizadas aprendizagens com essas professoras, as formas como elas intervêm em seus contextos, para que, a partir das inquietações que seus corpos provocam, sobrevivam ao que o racismo impõe em seus cotidianos. O objetivo foi denunciar as consequências do estereótipo, no atravessamento da vida dessas mulheres, e as representações que o mito da mulher negra ser forte impõe, bem como as resistências que produz. Propomos a pesquisa centrada em sete narradoras negras, cujas narrativas ocupam espaço de expressão ou representação. Tais narrativas foram conduzidas por meio de um diálogo que se construiu nas entrevistas semiestruturadas e que possibilitaram a construção de pequenos trechos, capazes de dar sentido às narrativas que são construídas no formato de mônadas, conforme a proposta metodológica de Walter Benjamin. Em conjunto com as autoras/colaboradoras, dialogarmos com algumas autoras e autores, como Carla Akotirene, Claudia Miranda, Luciana Ballestrin, Mirianne Almeida, Cida Bento, Vera Candau, Sueli Carneiro, Patricia Collins, bell hooks, Angela Davis, Nilma Gomes, Lélia Gonzales, Maria Lugones, Cristiane Sobral, Catherine Walsh, Munanga, Ailton Krenak e Antônio Bispo. A tese foi organizada trazendo inicialmente o memorial, no qual é possível saber quem é a Juliana do Bará, apresentando um pouco da sua vivência familiar, das experiências como estudante e das práticas profissionais. Em seguida é apresentada a introdução, apontando os desafios de ouvir as narrativas das colaboradoras para que possamos responder acerca das fortalezas estabelecidas. O capítulo inicial, *Sopros destemidos de Iansã*, apresenta os conhecimentos regidos pelas sabedorias, apresenta a pesquisa, as protagonistas, os objetivos e as intelectualidades teóricas decoloniais. O segundo capítulo, *Otim, a hábil caçadora: quem nos cuida nunca dormiu e nós continuamos dormindo de olhos abertos*, aborda as implicações das formas com que as docentes foram sendo lidas e forjadas na academia e as rotas que essas mulheres construíram. E o capítulo final, *A valentia de Obá: a negra mulher forte está morta: memórias e experiências narradas pelas negras professoras, que não foram vencidas*, busca apresentar as negras mulheres e suas leituras de si. O texto narra caminhos e caminhadas que carregam em si uma riqueza extraordinária de conhecimentos que somente essas mulheres podem nos oportunizar. Por fim, foi possível constatar com as docentes narradoras que elas não se reconhecem fortalezas intocáveis e indestrutíveis, porém, entregam a coragem que a caminhada exigiu delas, diante de um “futuro que sempre será incerto” elas possuem autoridade para olhar ao redor e sorrir para o que construíram.

Palavras-chave: negras professoras universitárias; memórias; experiências; mito da mulher negra forte.

ABSTRACT

This doctoral thesis, presented to the Graduate Program in Education at the Federal University of Santa Catarina (PPGE-UFSC) within the Research Line of Sociology and History of Education (SHE), proposes a dialogue based on the narratives of memories and experiences of Black women, university professors, who work or have worked in graduate programs in education at Brazilian public universities. We listened to the narratives of women over 60 years old regarding the impacts caused to them by the stereotype of the strong Black woman. We sought to understand how these Black women, many of them pioneers in academic spaces, feel the representations of being strong and a warrior in the spaces they occupy. We provided learning opportunities with these professors, exploring the ways they intervene in their contexts so that, based on the concerns their bodies provoke, they survive what racism imposes on their daily lives. We aim to denounce the consequences of the stereotype on the lives of these women and the representations that the myth of the strong Black woman imposes, as well as the resistances it produces. We propose a study centered on seven Black narrators, whose narratives occupy a space of expression or representation. The narratives were conducted through a dialogue built during semi-structured interviews, which allowed for the construction of small excerpts capable of giving meaning to the narratives, which are constructed in the format of monads according to Walter Benjamin's methodological proposal. Together with the authors/collaborators, we dialogue with several authors such as Carla Akotirene, Claudia Miranda, Luciana Ballestrin, Mirianne Almeida, Cida Bento, Vera Candau, Sueli Carneiro, Patricia Collins, bell hooks, Angela Davis, Nilma Gomes, Lélia Gonzales, Maria Lugones, Cristiane Sobral, Catherine Walsh, Munanga, Ailton Krenak, and Antônio Bispo. We organized the thesis by first presenting the memorial where it is possible to know who Juliana do Bará is, a little about her family life, her experiences as a student, and her professional practices. Following this, we present the introduction, pointing out the challenges of listening to the collaborators' narratives so that, together, we can answer about the established strengths. The initial chapter, *Fearless Breaths of Iansã*, presents the knowledge governed by wisdoms, introduces the research, the protagonists, the objectives, and the decolonial theoretical intellectualities. The second chapter, *Otim, the Skilled Hunter: The one who takes care of us never slept, and we continue sleeping with our eyes open*, addresses the implications of the ways the professors were read and forged in academia and the routes these women built. The final chapter brings *The Bravery of Obá: The strong Black woman is dead: memories and experiences narrated by Black professors, who were not defeated*, with the purpose of presenting Black women and their self-readings. It is a text that narrates paths and journeys that carry an extraordinary richness of knowledge that only these women can provide us. Thus, we confirm with the narrator professors that they do not recognize themselves as untouchable and indestructible strengths. However, they deliver the courage that the journey demanded of them, and facing a "future that will always be uncertain," as Petronilha said, they have the authority to look around and smile at what they have built.

Keywords: Black university professors; memories; experiences; myth of the strong Black woman

RESUMEN

Esta tesis doctoral, presentada al Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa Catarina (PPGE -) en la Línea de Investigación Sociología e Historia de la Educación (SHE), propone un diálogo a partir de las narrativas de memorias y experiencias de mujeres negras, profesoras universitarias, que trabajan o han trabajado en programas de posgrado en educación, de universidades públicas brasileñas. Escuchamos las narrativas de mujeres mayores de 60 años, acerca de los impactos causados a ellas por el estereotipo de la mujer negra fuerte. Buscamos saber cómo estas mujeres negras, muchas de ellas pioneras en espacios académicos, sienten las representaciones de ser fuerte y guerrera en los espacios que ocupan. Oportunizamos aprendizajes con estas profesoras, las formas en que intervienen en sus contextos, para que, a partir de las inquietudes que sus cuerpos provocan, sobrevivan a lo que el racismo impone en sus cotidianos. Nuestro objetivo es denunciar las consecuencias del estereotipo en la vida de estas mujeres y las representaciones que impone el mito de la mujer negra fuerte, así como las resistencias que produce. Proponemos la investigación centrada en siete narradoras negras, en las que sus narrativas ocupan un espacio de expresión o representación. Las narrativas fueron conducidas por un diálogo que se construyó en las entrevistas semiestructuradas, que posibilitaron la construcción de pequeños fragmentos, capaces de dar sentido a las narrativas que se construyen en el formato de mónadas conforme a la propuesta metodológica de Walter Benjamin. Junto con las autoras/colaboradoras, dialogamos con algunas autoras y autores como Carla Akotirene, Claudia Miranda, Luciana Ballestrin, Mirianne Almeida, Cida Bento, Vera Candau, Sueli Carneiro, Patricia Collins, bell hooks, Angela Davis, Nilma Gomes, Lélia Gonzales, Maria Lugones, Cristiane Sobral, Catherine Walsh, Munanga, Ailton Krenak y Antônio Bispo. Organizamos la tesis trayendo primero el memorial donde es posible saber quién es Juliana do Bará, un poco de la vivencia familiar, de las experiencias como estudiante y de las prácticas profesionales. A continuación, presentamos la introducción señalando los desafíos de escuchar las narrativas de las colaboradoras para que juntas, podamos responder acerca de las fortalezas establecidas. El capítulo inicial, Soplos intrépidos de Iansã, presenta los conocimientos regidos por las sabidurías, presenta la investigación, las protagonistas, los objetivos y las intelectualidades teóricas decoloniales. El segundo capítulo, Otim, la hábil cazadora: Quien nos cuida nunca durmió y nosotras seguimos durmiendo con los ojos abiertos, aborda las implicaciones de las formas en que las docentes fueron leídas y forjadas en la academia y las rutas que estas mujeres construyeron. Y el capítulo final trae La valentía de Obá: La mujer negra fuerte está muerta: memorias y experiencias narradas por las profesoras negras, que no fueron vencidas, con la finalidad de presentar a las mujeres negras y sus lecturas de sí mismas. Es un texto que narra caminos y trayectorias que llevan consigo una riqueza extraordinaria de conocimientos que solo estas mujeres pueden brindarnos. Así, constatamos junto a las docentes narradoras, que ellas no se reconocen como fortalezas intocables e indestructibles. Sin embargo, entregan el coraje que el camino les exigió, y frente a un "futuro que siempre será incierto", como dijo Petronilha, ellas tienen la autoridad para mirar alrededor y sonreír a lo que han construido.

Palabras clave: profesoras universitarias negras; memorias; experiencias; mito de la mujer negra fuerte.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pesquisa realizada no catálogo dissertações e teses da CAPES	47
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CMU	Centro de Memória Unicamp
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAE	Faculdade de Educação
FURG	Universidade Federal do Rio grande
IEEAB	Instituto de Educação Assis Brasil
PAMEDUC	Patrimônio, Memória e Educação
POA	Porto Alegre
PPGANT	Programa de Pós-Graduação de Antropologia
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUCRS	Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RS	Rio Grande do Sul
SHE	Sociologia e História da Educação
UERJ	Universidade Estadual do Rio de janeiro
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal Bahia
UFC	Universidade Federal
UFCat	Universidade Federal de Catalão
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFES	Universidade Federal Espírito Santo

UFF	Universidade Federal Fluminense
UFFS	Universidade Federal da Fronteira sul
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFJF	Universidade Federal de Juiz de fora
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMA	Universidade Federal São Luiz do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal Mato grosso do sul
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFOP	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Paraná
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFR	Universidade Federal Rondonópolis
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do norte
UFRP	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFS	Universidade Federal de Sergipe

UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFT	Universidade federal do Tocantins
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal Triângulo Mineiro
UNB	Universidade Federal de Brasília
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNR	Universidade Nacional de Rosário

SUMÁRIO

	MEMORIAL - ENCRUZILHADAS PERCORRIDAS: AS RODAS QUE CONSTROEM A NEGRA MULHER DO BARÁ	17
	INTRODUÇÃO: A CHAMADA PARA A RODA	33
1	CAPÍTULO 1 – SOPROS DESTEMIDOS DE IANSÃ: CONHECIMENTOS REGIDOS PELAS SABEDORIAS	43
2	CAPÍTULO 2 – OTIM, A HÁBIL CAÇADORA: QUEM NOS CUIDA NUNCA DORMIU E NÓS CONTINUAMOS DORMINDO DE OLHOS ABERTOS	70
3	CAPÍTULO 3 – A VALENTIA DE OBÁ: A NEGRA MULHER FORTE ESTÁ MORTA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NARRADAS PELAS NEGRAS PROFESSORAS QUE NÃO FORAM VENCIDAS	94
4	CONSTATAÇÕES DE RODAS QUE NÃO PARAM, JUNTO À DETERMINAÇÃO DE IEMANJÁ: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS QUE SE CRUZAM PELA MUDANÇA DOS NÃO FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	139
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	146
	ANEXO B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	151
	ANEXO C – CONVERSA QUE AJUDA A FAZER O ESTADO DA ARTE	153

MEMORIAL - ENCRUZILHADAS PERCORRIDAS: AS RODAS QUE CONSTROEM A NEGRA MULHER DO

BARÁ

OU LÈ BÀRÀ YÀ B' ODÙ MÀÁ SÀNÀ BÒ RÈ ELEGBA
 OU LÈ BÀRÀ YÀ B' ODÙ MÀÁ SÀNÀ BÒ RÈ ELEGBA
 (Reza do meu pai, Bará)

Sou uma negra¹ mulher, pele preta, 48 anos, de religião de matriz africana e já chegou aqui pertencendo ao Pai Bará Agelú² para ser entregue a uma família biológica bastante grande. Minha avó materna teve 11 filhas/os e nenhum(a) teve a oportunidade de concluir o ensino fundamental; teve 35 netas/os, 4 se graduaram e somente 1 obteve o título de mestra; e dos seus 57 bisnetos, 6 concluíram graduação e 1 está com ela em andamento. São três gerações, perfazendo um total 105 pessoas, dentre as quais somente 11 tiveram acesso à academia até este momento, e eu sou a primeira doutoranda. Os trinetos não foram mapeados.

Em relação à família do meu pai, nunca tivemos muitas informações, pois ficou órfão muito cedo e acabou sobrevivendo em espaços de parentes que o acolhiam, dentro das possibilidades que um menino negro órfão poderia usufruir. Marcas que o acompanharam por toda a vida e faziam-se presentes nas relações emocionais, adoecidas, que em muitos momentos produzia.

Sou a filha rebelde da Zeli Farias da Rosa e do Elfreo Brochado; tenho três irmãs, Joseane Teixeira, Rejane Corrêa e Carine Brochado, e todas estudamos na escola pública. Meu pai não teve a garantia do direito a estudar, já que ficou órfão aos 8 anos e, para se manter onde morava, teve que trabalhar na lavoura, mesmo sendo criança, e, por isso, não foi alfabetizado, mas certamente lhe foi dito que todos somos iguais aos olhos de Deus. Mito ou não? Todas as crianças de 8 anos, na época dele estavam nas lavouras e sem poder acessar a escola? Foi a minha mãe que o ensinou a escrever seu nome. Já a minha mãe acabou evadindo da escola para trabalhar fora da sua cidade, como empregada doméstica, assim como

¹ Opto por utilizar o termo “negra”, sempre antes, pois antes de ser qualquer outra coisa sou o que nasci, o que me leem, o que incomoda os olhos de quem me vê: negra. Depois sou mulher, professora, mas antes, sempre antes, sou a negra.

² Bará Agelú, um orixá maravilhoso, orixá de mel, que acompanha o orumalé dos santos de praia, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Seu símbolo é a chave. Mesmo sendo o Bará mais moço, é responsável por abrir todas as fechaduras ou fechar somente para abrir depois, como um organizador ensinando o ser humano que precisa aprender sentindo na pele, fecha, ensina doendo, mas assim se aprende. Abre acalmando todos os sentimentos agonizantes que causou, para um bem final. (Mãe Tereza de Bará Lanã)

suas irmãs, para ajudar na manutenção de uma família conduzida pela minha avó, Fortunata Farias da Rosa, a matriarca, que assumiu sozinha a responsabilidade dos seus filhos, após ter ficado viúva.

Nunca ouvi relatos positivos da minha mãe em relação à escola, lembro dela repetir os apelidos desrespeitosos que ela recebia de meninos brancos e, inclusive, de uma reação dela agressiva para dar “uma lição nele”. Em casa nos ensinavam a não discutir política, time de futebol, religião e as manifestações racistas, e digo isso pois a escola sempre se manteve como a extensão de casa, já que também normalizava e normaliza as diversas formas de preconceitos e discriminações sofridas pelas/as estudantes negras/os, convencendo-os, na maioria das vezes, a acreditar que silenciar é a melhor resposta.

“O calado vence!” Quem produziu essa narrativa e para calar quem? Certamente não foi acreditando nessa falácia, histórias para nos fazer dormir, que nossos ancestrais venceram.

Em relação a isso, eu sempre lembro de ouvir, quando era pequena, que a escola era uma extensão da nossa casa e que, em algum momento, a professora seria como mãe. Então, é viva em mim a fala da minha mãe de quando eu contava que alguém tinha me discriminado, rido de mim ou me chamado de creona³, e a minha mãe dizia para não dar atenção para os fatos, pois na escola era assim mesmo, e eu tinha que fazer que não me incomodava, pois assim iriam parar.

E lá na escola/casa eles também agiam assim: não “dá bola” que é assim mesmo. Tu és mesmo negra, então não te ofendas. De fato, a minha escola, quando eu era criança, foi a extensão da minha casa.

A professora, em minha defesa, orientava-me que, ao ser chamada de negra suja, eu não deveria me incomodar, pois eu não era uma negra suja. Mas a situação não ia para a sala para ser no mínimo discutida, buscando evitar que continuassem aquelas práticas violentas comigo. Ensinaaram-me que eu tinha que mudar e não ficar me queixando, porque isso ia passar. Então, se a escola foi a extensão de casa, foi nesse sentido de aprender a suportar, fingir que não está acontecendo, seguir fazendo o que tinha que fazer e pronto, seguir em frente.

Nas salas de aula da escola pública do bairro Jardim América, na cidade de Capão do Leão, no Rio Grande do Sul, mesmo quando eu era criança, havia mais estudantes brancas, e em alguns anos éramos somente duas negras. Lembro que

³ Palavra utilizada para se referir a crioula.

teve uma fase em que pedi que o meu presente de natal fosse alisar o meu cabelo no salão do Farias. Lá usavam uma pasta que queimava muito a cabeça, mas essa dor nem se comparava àquela que me faziam sentir, por eu não ter um cabelo “bonito”. então abri mão de qualquer presente que pudesse ganhar durante o ano, para no final do ano poder alisar o cabelo.

Minha expectativa era chegar ao mês de março com o cabelo alisado, porque eu entendia que se eu chegasse com o cabelo alisado, a escola se tornaria um bom lugar para estar e teria um mar de rosas na sala de aula. Mas, para minha surpresa e desespero, não foi, porque não era somente o cabelo, não tinha como mudar a pele também. Então tivemos que continuar vivendo tudo aquilo.

A Cleonice, minha amiga, que chamavam de “creona” (e a mim em muitos momentos também) para se referirem à crioula, vivia em uma situação econômica bem mais difícil que a nossa, que já era delicada, então eu dizia a ela que pedisse para sua mãe para lhe fazer as tranças soltinhas, que aí o cabelo dela pareceria liso. Hoje percebi o quanto nós, tão pequenas, tínhamos que nos preocupar com estratégias para poder sobreviver. Outra estratégia era se resguardar na biblioteca, espaço onde estava a única negra professora da escola e que fazia questão de nos rechaçar. Entendo que nossas presenças faziam com que ela tivesse que enfrentar, em primeira pessoa, o que é ser negra na escola, quer seja ocupando as classes como estudante ou como professora, pois do início ao final sempre seremos negras.

Sou mãe da Zeline Brochado e, por muito tempo, exerci essa função como mãe solo. Quando ela nasceu, optei por parar de estudar, mas isso jamais fez parte dos planos que minha mãe construiu por mim, o não estar na escola. Sim, ela fez a minha matrícula no magistério quando eu já havia abandonado os bancos escolares para me dedicar a ser uma empregada doméstica de qualidade e a melhor mãe que eu pudesse ser.

O magistério veio me provar que poderia ser boa em outras coisas, além de cozinhar e limpar as casas das pessoas. Mesmo saindo às 7h e retornando às 22h, mesmo quando o descanso possível era sentada, cochilando no banco da praça, eu sabia que um dia faria sentido tamanho esforço. Antes que eu encerrasse a formação, meu pai ancestralizou, sem poder ter a “alegria de ver uma filha formada”, como ele dizia. Às vezes, meu pai dizia: “Fulano está muito bem, mas teve estudo, então merece ter vida boa. Hoje me pergunto se meu pai pensava que lhe negaram esse acesso, se ele percebia que vida boa e merecimento não ocupam o mesmo

espaço. Encho-me de gritos respondidos pelo silêncio, por tudo o que ele foi impedido de acessar e de gritar.

Em 2001, fui nomeada professora da educação infantil e com uma proposta tentadora de dobrar meu salário na casa onde trabalhava, para que me mantivesse lá, fui embora e decidi, como disse Cristiane Sobral (2022), “Não vou mais lavar os pratos!”.

Eu já tinha a certeza da escolha de ser professora, então, em um período em que as coisas eram terríveis para quem não tinha dinheiro, fiz uma rifa e consegui pagar o vestibular, concorrendo a uma vaga no curso de Letras/Espanhol, e mesmo tendo frequentado o curso popular Desafio, onde vendia toalhinhas de crochê para pagar minhas passagens de ônibus, não consegui ser aprovada. Algum tempo depois surgiu a possibilidade de cursar Pedagogia, em Pinheiro Machado (RS), 110,3 km de Pelotas (RS), em uma universidade privada, mas com uma proposta diferenciada para os estudantes, além do curso ser concentrado. Desse modo, cursei a minha graduação às segundas-feiras à noite e às terças-feiras, manhã e tarde.

Mesmo em meio a refeições restritas ($\frac{1}{2}$ miojo feito com repolho) para ser possível comer todo o mês e com os deslocamentos entre minhas tias Eva e Lídia, que não entendiam minha preferência pelo pensionato, quando eu somente queria zelar por seus sonos, enquanto eu elaborava atividades na madrugada para as aulas do outro dia, trouxe para nossa família o diploma da Pedagogia.

Nesse período, conheci meu marido, Diego, que frequentava a mesma casa de religião que eu. Namoramos, fomos morar juntos, engravidamos e ele também retornou aos bancos escolares do ensino médio. Minha mãe foi lá e resolveu tudo, e em 2023 concluí o mestrado em Literatura e atualmente cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mais uma conquista nossa que agora minha mãe não tem condições de saúde para celebrar.

Em 2004, realizei a especialização em Educação Infantil, na Faculdade de Educação (FAE) da UFPEL, onde ingressei grávida do meu filho Eufrân Brochado da Luz. E ele, assim como o filho da minha amiga Josiane Beloni de Paula, o Cauê, frequentaram as aulas e lá receberam os estímulos para estarem rolando nos cobertores no chão da sala de aula de um dos professores, enquanto nós estudávamos para que pudéssemos nos fortalecer o suficiente para seguirmos na

construção de projetos de vida em que nossos filhos pudessem viver sem a árdua tarefa de sobreviver. Eufrân, hoje em dia, está se graduando no curso de odontologia na UFPEL.

Ao assumir mais um cargo de professora, agora de anos iniciais, passei a desempenhar uma carga horária de três turnos; e nesse espaço do ensino fundamental assumi o desafio de coordenar o pedagógico junto ao grupo de professoras/es da escola em que estava, até então, em sala de aula, trabalhando com o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Após duas experiências de coordenação, anos finais do ensino fundamental e EJA, aceitei o convite para estar à frente da direção da escola, um espaço de gerenciamento de pessoas que são, em sua maioria, brancas, que eram reconhecidas e apoiadas pela comunidade escolar, também, em sua maioria, negras.

Ao contrário do que diz o mito da democracia racial, foram necessárias muitas estratégias para o enfrentamento ao rechaço de aceitarem que a escola estava tendo como referência a gestão de uma mulher negra, e isso fez com que houvesse uma manifestação de injúria racial, como foi classificada a ocasião em que uma das mães mencionou, na calçada da escola lotada de crianças e de seus familiares negros, junto a todos os outros estudantes, que era um absurdo aquela escola ter que ter uma diretora negra.

Encaminhei a situação ao espaço adequado, fazendo uma denúncia na delegacia, pois se o respeito não vem pelas vias naturais, ele deve vir pela imposição da justiça. Tive que receber em minha sala muitas pessoas brancas em defesa dessa agressora e, em muitos momentos, essas pessoas acreditaram que me convenceriam a retirar a queixa policial, fazendo eu me sentir do mesmo modo que a escola fazia em minha infância, como se eu tivesse certa culpa no ocorrido.

Para justificar as práticas racistas, muitos se solidarizaram em relação às agressões que tentavam me direcionar, afirmando que “naquele lugar as diretoras sempre foram brancas e, em função disso, para aceitarem a mudança precisavam de tempo para se acostumarem”. Ainda em relação às práticas de “acolhimento”, ressaltavam que, para piorar a situação do “acostumar-se” com a minha presença negra, houve também a troca da orientadora de anos, e também chegou “aquela parecida comigo”, leia-se a orientadora educacional negra igual a mim, diretora negra. Mas, ao final, todos seguem repetindo a frase de que “somos todos iguais,

perante aos olhos do seu criador”. Sempre soube naquele espaço a qual “igualdade” se referem e a quais “igualdades” as deusas e os deuses não se reportam.

Aqui não relatarei todas as falas e expressões que compunham o ativismo racista, mas elas nos fizeram atentar para a necessária desconstrução de vocabulários letais que se fortaleceram muito pelas formas com que foram sendo perpetuados nas relações da escola, fazendo os estudantes não as confrontarem, pois foram sempre entendidas como modo de falar, desprovido de intenção maldosa.

Estive na equipe de assessoria da diversidade, 5ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (5ª CRE), a convite de outras companheiras, com as quais eu tinha projetos em comum. Nesse período foi possível me aproximar de experiências bastante marcantes que exigiam intervenções permanentes, para que se evitasse que a escola assumisse o papel de promover práticas que eternizem os distanciamentos de oportunidades e assumisse a responsabilidade da garantia do direito das estudantes, sem que eles necessitassem sobreviver todos os dias por estarem nesses espaços. Saímos da instituição ao perdermos o mandato de governador no estado na ocasião, mas com a certeza de que ainda é necessário o reparo do Estado e da sociedade a uma dívida enorme em relação aos afros e indígenas, por exemplo, assim como aos quilombolas e às pessoas do campo. Ainda assim, em muitos momentos as/os docentes se colocavam na posição de defesa dos privilégios daqueles que sempre tiveram o melhor em seu poder.

Estar entre os profissionais, entre aquelas e aqueles que deveriam assumir a luta, a mudança e o fortalecimento de todas e todos os sobreviventes dos apagamentos e das negações e presenciar que são muitos os professores que criam rotas e armadilhas que impedem o acesso de negras e negros às mudanças e aos caminhos de oportunidade é, no mínimo, revoltante.

A escola não quer negras/os, não quer os empobrecidos, os não héteros, as pessoas com deficiência, os animais, a natureza e quaisquer outras formas de ser e existir no mundo que se distanciem dos padrões que ela sempre promoveu. A escola clama pelo silêncio, abafa os gemidos, arranca os gritos e constrói buracos para plantar corpos estáticos que não tenham espaços para serem retratados em suas obras de arte, por não dialogarem com sua paleta de cor aceitável.

A escola ainda se esforça para tornar as vítimas culpadas pela negação do ser, do pertencer e do resistir, assim como pela falta de direito a que são

submetidas, eximindo o Estado de qualquer compromisso com essas pautas, consideradas inexistentes nesse mundo invisível que tentam nos fazer habitar e do qual todos os dias escapamos.

Reconheço que a influência da minha mãe foi fundamental para fomentar minha permanência nos estudos, algo permeado pela autoridade firme, mas lotada de sensibilidade ao reafirmar que precisávamos estudar para que nos tornássemos gente. Sempre fomos gente e minha mãe sabia disso, mas hoje sei que ela se referia ao saber, pois tinha essa compreensão de que quem tem saber, tem poder, e ela confiava nessa oportunidade que a escola representava

Mesmo sem a oportunidade de minha mãe presenciar diretamente meus feitos acadêmicos, por conta das armadilhas provocadas pelos inúmeros AVCs (Acidente Vascular Cerebral) que sofreu, eu sigo levando para esta mulher que trilhou sua caminhada com maestria e que carrega ainda em muitos momentos do seu olhar a autoridade que sempre teve, os resultados de ter aprendido com ela que temos que enfrentar e seguir. E foi sempre dessa forma que minha mãe ia fazendo reencontrarmo-nos em nós, quando muitas vezes coríamos o risco de não saber mais quem éramos e desejássemos somente o resguardo da nossa casa, mas ela nos devolvia às encruzadas, recolocava-nos e continua nos recolocando no mundo, pois sempre nos viu como o mundo e não como parte dele.

Fiz algumas seleções para ingresso no mestrado e acessei esse direito na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Jaguarão, dando seguimento a escolha pela educação e dialogando a partir das necessidades da escola em que me encontrava. Não me tornei a pesquisadora, conforme é mencionado que se constrói até essa etapa, pois não conseguir o envolvimento acadêmico que me permitisse vivenciar as possibilidades que esse espaço pode oferecer, já que nunca em minha vida, do ensino médio até aqui, houve a possibilidade de escolher entre o trabalho e os estudos. Por conta do que me ensinou minha mãe, eu precisava dar conta de ambos.

Realizei a escrita da dissertação nas madrugadas e em meio às necessidades que a enfermidade de minha mãe exigiu. Houve tempos em que fiquei mais de quatro dias praticamente sem dormir, apenas me restava a possibilidade de cochilos de duas horas, pois deveria estar no trabalho no dia seguinte. E quando me perguntavam como eu conseguia fazer aquilo, respondia, em meio a choros, que a uma família parceira e a uma religião de matriz africana eu consegui seguir, mesmo

que com dores no físico e na alma, além dos medos provocados pelas sequelas do racismo que nos persegue desde o ventre de nossas mães. Tivemos que fazer a manutenção do Banzo⁴ para que, como muitas das nossas, não acabássemos sendo levadas ao encontro das ancestrais, devido a esses sentimentos traumáticos que são mortais.

Ver a partir dos olhos da professora Giane Vargas, na banca do mestrado, as rotas de resistências construídas por intelectuais negras e ser reconhecida pela professora como mais uma intelectual necessária nessas andanças, foi algo que me revitalizou a querer estar nesse lugar de doutoranda. Eu ouvi as falas da minha mãe e sim, se eu quero, eu posso, junto daqueles que se movimentam para que eu possa ter oportunidade de seguir. Esse processo fez com que eu me inserisse em grupos de estudo, como o Afronteiras Negras, um projeto de ensino e pesquisa da Unipampa, que prioriza estudos de obras de pensadoras/intelectuais negras, e o Atinukés, associação de direito privado, beneficente, sem fins lucrativos de Porto Alegre (RS), que se dedica ao estudo do pensamento de negras mulheres e apoio ao fomento da agência negras mulheres. Ambos os movimentos são de negras educadoras em que nos fortalecemos na experiência com as nossas, assim como estudamos com a referência que as negras mulheres estão produzindo cientificamente, o que também nos impulsiona a escrever.

O término do mestrado provocou anúncios em mim, de que estava pronta para trilhar outros percursos que fossem capazes de tornar as experiências de jovens negras e negros um cenário que rompesse o modelo histórico forjado para nosso povo. Mas o fio da navalha está sempre muito afiado, e aquele jovem despossuído dos seus direitos básicos se torna uma presa fácil e tomba nos projetos que sua mãe esperançou, tomba nos desafios que ele quer desafiar e, assim, torna-se mais um que vai se tornar estatística de tombamento negro. Sim, perdemos meu sobrinho, 17 anos, para a rua e para tudo o que os becos dos vulneráveis são capazes de garantir.

Sobreviver ao sentimento de destituída do amor e do desejo de ser caminho e caminhada foi muito difícil, sendo que muitas pessoas ainda se aliviaram por não se tratar de uma vítima de abordagem policial ou de grupos envolvidos com tráfico, mas na realidade há um vazio de estado que larga esses jovens à própria

⁴ Estado de depressão e melancolia que acometia os escravizados devido à saudade da sua terra e da sua liberdade, mas também se tornou uma forma de resistência que levava até a morte.

sorte/morte. Mas, ao mesmo tempo em que W.C.P., meu eterno medonho⁵, deixa-nos esperando que somente uma vez na vida ele tenha a oportunidade de ter uma virada em sua vida, e que dessa vez não tenha relação com entrar num time de futebol ou ter um videogame potente, mas com a vontade de seguir sendo, e assim, antes de aceitar que deveria retornar a UTI e ser convencido que retornaria ao quarto, ele cantarolou “faz um milagre em mim...”. O que nunca foi fácil para nós, continuou não sendo. O quarto seguiu vazio e ele fez a travessia, deixando-nos com uma ausência presente e que ainda hoje nos faz sangrar, mas rompi com isso para não me paralisar. Estudar ainda é o caminho que escolho para lutar contra a rejeição, contra as violências, os preconceitos e as invisibilidades.

Fiz a primeira seleção para doutorado na UFPEL, pensando que dessa vez pudesse estar perto de casa, mas não tive aprovação e, em meio a essa necessidade de entregar o resultado positivo em casa, inscrevi-me para a realização do doutorado na Universidade Nacional de Rosario (UNR), na Argentina. Cursei a primeira etapa na cidade de Rosário, o que logo se tornou inviável, por conta da pandemia de Covid-19 e da situação de negligência sanitária que vivenciamos com o desgoverno de Jair Bolsonaro, presidente nessa época, que colocava em dúvida a possibilidade de brasileiros entrarem no país. Isso tudo fez com que eu cancelasse esse doutorado em Educação, mesmo já estando com projeto em fase de conclusão e com o aceite das orientadoras, a argentina (Anny Ocoro Loango) e a brasileira (Giane Vargas).

Apesar do contexto mencionado na Argentina, eu sabia que não conseguiria mais não estar na condição de doutoranda e, em meio a participação em grupos de estudo durante a pandemia, fui instigada a fazer a seleção para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGant) da UFPEL e fui aprovada. Cursei todas as disciplinas, pois estavam sendo ministradas no modo online. Mas sem me apaixonar pela área. Na verdade, de acordo com minha orientadora, Loredana Ribeiro, eu sempre me colocava como da Educação, escrevia do lugar da educação e o que ela não considerava negativo, mas sim ganho lá na Antropologia minha presença e questionamentos. A orientadora me enxergar nesse lugar foi a resposta que tanto pedi ao meu pai Bará, quanto ao caminho a seguir.

⁵ Medonho é a forma com que nos referimos, no Rio Grande do Sul, a quem é danado, travesso e arteiro.

Atendendo ao convite da amiga e atualmente professora doutora em educação, Josiane de Paula, participei sendo entrevistada como colaboradora da sua tese e, em meio às tratativas, ela narrou acerca do que a levou à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o que a direcionou ao orientador. Curiosamente, nunca perguntei e nem fui pesquisar acerca da etnicidade dele e, quando realizei a inscrição e fui selecionada para realizar uma disciplina isolada o conheci, surpreendi-me e, ao mesmo tempo, iniciei a projeção de novos planos.

Ao ser convidada a participar de uma roda de estudos no grupo de pesquisa cujo tema era memória da plantação de Grada Kilomba, identifiquei que aquele homem branco, o Professor Elison, transbordava compromisso com a responsabilidade que os não racializados possuem no processo de opressão, violência e de tantas outras barbáries em relação a povos tidos como não hegemônicos.

Assim, passei a compartilhar com essas pessoas as minhas experiências, as minhas leituras e a aprender com elas que há inúmeros caminhos, mas que em nenhum deles pode não haver lugar para todes. Desse modo, em um lugar que deveria ter sido uma passagem, decidi que queria tornar também meu lugar. Assim foi que decidi me preparar para entrar no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSC e continuar no grupo de pesquisa.

Meus passos sempre são impulsionados pelo que construo em coletivos, e não foi diferente nas travessias que o grupo Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC⁶) me oportunizaram, ao me apresentar um espaço acadêmico distanciado de disputas e da necessidade de confidencializar as produções. Sim, foi um choque vivenciar isso quando o que tinha como referência da universidade se relacionava a produzir para se destacar, chegar em primeiro, ser a referência. No PAMEDUC, em contraposição às experiências anteriores, os passos são dados com diferentes pesquisadores de diferentes áreas, como, por exemplo, História, Pedagogia, Museologia, Sociologia, entre outras, vivendo as experiências coletivas de estudo e de investigação junto aos diferentes níveis em que as pessoas estejam. Trata-se de uma construção horizontal, cheia de vida e de significações que se tornam potentes pelo reconhecimento da potência dos diálogos, reflexões e encontros de diferentes campos de pesquisa, mas tendo no que cada um é o elo mais precioso.

⁶ Link de acesso para mais informações sobre o grupo: <https://pameduc.paginas.ufsc.br/>

Fiz disciplinas na UFSC, dei continuidade na seleção para o PPGE e, sabendo do aceite como estudante cotista, solicitei o cancelamento como cotista no PPGant. Novamente pude entregar para dona Zeli, minha mãe, mais um passo de orgulho.

Hoje, um pouco diferente do que foi no mestrado, tenho um suporte ímpar junto ao grupo de pesquisa PAMEDUC, algo muito diferente das experiências que conheço, pois, para além dos estudos potentes e desmoralizantes de tudo o que se é, antes de estar ali, está o compromisso com as vidas. E não são somente as vidas que ali habitam, mas com todas as formas de vidas que nos compõe, pois é título para a vida e não a vida para o título, é fazer da academia uma porta para melhorar o mundo e, quem sabe, a academia se reconheça parte do mundo, com todas as diversas necessidades de se reinventar que demanda.

Ainda não tenho a experiência de me dedicar somente à pesquisa, mas me esforço para fazer isso da melhor forma, pois esses passos foram possíveis em função de muito suor e sangue, o que faz com que os pesadelos não me afugentam desse lugar que também é meu. Muitas das nossas ações movimentam e, é sobre isso que se refere, por exemplo, minha irmã mais velha estar cursando o ensino médio e já planejando seu ingresso na graduação. Sim, ainda somos poucas em nossas famílias, mas penso que nessa vivência UBUNTU⁷, podemos tornar as nossas histórias de estudos narrativas melhor sucedidas do que foram para aquelas que, antes de nós, sonhavam com nossos passos firmes rumo ao sucesso nos estudos.

Minha caminhada não é somente minha, assim como tudo que faz parte dela. Eu não sou a exceção, eu sou resultado de um projeto que vem sendo construído, que é caro para nosso povo negro, e nesse momento nos enchemos de expectativa de que possamos reparar tudo o que nos foi tirado ao longo do tempo. E aqui estou me referindo a esse ataque às identidades, aos pertencimentos e às subjetividades.

Embora minhas entradas nas pós-graduações tenham sido árduas, sempre pensei faltar apoio em relação a como o fazer, pois não sabia, mas foi por conta da ajuda de pessoas em quem pude confiar que o processo foi menos árduo. Ao

⁷ Filosofia africana de origem Bantu que traduz a ideia da conciliação do humano com suas humanidades, pois trata da existência do eu na necessidade da existência do tu. A identidade, o bem-estar, centraliza-se na pessoa, no plural e no coletivo.

reconhecer que podemos, mas que falta oportunidade, desafiei-me a criar um grupo que chamei de NegrExistências, para o qual convidei quatro negras mulheres, professoras da educação básica, para estudarmos juntas e construirmos seus projetos para a seleção do mestrado. Até este momento, a Caroline Belchior, a Nilza Moraes Duarte, a Ana Lúcia Furtado Teixeira, assim como Cíntia Rio Branco Pereira, enfim, todas as 4 participantes que havia convidado para o NegrExistências, concluíram seus mestrados. Juntas construímos os memoriais, o projeto, a inscrição e também fomos dialogando para que as entrevistas pudessem ser menos frustrantes. Em 2023, abrimos o NegrExistências para mais quatro mulheres, mas infelizmente o grupo acabou não conseguindo se envolver na proposta. Então, também por conta dos meus estudos, resolvi que vou aguardar o final do doutorado para poder ampliar esse movimento.

Apesar de termos uma estafa permanente, o cruzamento de nossas vidas nos traz para as caminhadas, e nesse período os suportes foram menos técnicos e mais de preparo emocional, afeto e encorajamento, pois entrevistas são capazes de demolir. Em 2024, Nilza ingressou no doutorado em antropologia, Ângela Lemos Medeiros, biomédica, teve o ingresso no mestrado, e Pamela Cristina de Oliveira Santana, produtora cultural, também ingressou no mestrado em Letras, mas chegou ao grupo com a proposta construída. Em 2025, a Cíntia ingressou no doutorado em Educação e agora temos duas negras mulheres, Carine Brochado (enfermeira) e Zeline Brochado (nutricionista), à espera para darmos início à caminhada com elas, com destino ao mestrado.

Em relação aos inúmeros movimentos que as encruzas nos levam, neste ano de 2025 tivemos mais sofrimento em nosso caminho, provocado pela vulnerabilidade, pela desumanização, sofrimento, discriminação e negação. Trata-se de uma mulher negra, N.C.P., de 27 anos, minha sobrinha, que a cada passinho que foi dando foi se distanciando, que rejeitou e que foi rejeitada, agrediu e recebeu agressão, não encontrou felicidade nos padrões que lhe apresentaram e gritou não se importar em ser infeliz, pois foi nesse espaço que encontrava prazer e defendeu até o último momento o direito de ser quem era.

Ora, o sofrimento fez com que o pedido de cura e de mudança na vida acontecesse, e nessa cerimônia de passagem se percebia nas vozes e no desespero da dor o pedido de socorro, e o questionamento sobre como chegamos a isso e como sairemos... Havia o pedido do milagre presente, “faz um milagre em

mim...”, assumindo a negação do estado, as sobrevivências e as entendendo como fracasso individual somente da família. Triste e revoltante!

Perguntei-me de quem é a culpa, quem se responsabiliza por mais esse tombamento, por mais essa vida que não pôde ter continuidade? Dou-me conta de que são fatos exatamente iguais ocorrendo a inúmeras famílias negras, que já ouviram inúmeras vezes que vidas negras importam e talvez não obtiveram ainda a resposta de para quem essas vidas importam.

Até 2024, construí o meu fazer-me professora pela manhã na escola Alcides Maia, na cidade de Rio Grande (RS), junto as crianças da educação infantil, e na cidade de Pelotas (RS), no turno da tarde, auxilio as professoras/es e estudantes na construção de práticas e estratégias que diminuam o distanciamento dos aprendizados relacionados às identidades e pertencimentos dos povos negro e indígenas, tendo o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI)⁸, do Colégio Municipal Pelotense, como o espaço conquistado como referência para subsidiar nossas ações. Nessa mesma instituição faço parte da equipe de formação junto ao curso normal, modalidade educação infantil, onde muitas estudantes que fizeram ou fazem parte encontraram a oportunidade de se emancipar da vida de donas de casa ou de compor o índice de estudantes que não possuem uma formação específica para fazer o curso pós-médio, que as habilita a estarem em salas de aula, mesmo que atualmente restritas à escola privada, já que não há mais concursos que contemplem as normalistas; o que faz também com que esse curso esteja em situação de término, tendo sido em 2023 que a última turma realizou essa formação.

Sou de muitos lugares, já que vivo nas encruzadas que me guiam em Capão do Leão, cidade do granito e da agropecuária, onde moro atualmente, que possui em suas faixas contas não pagas com escravizados. Trabalho em Pelotas, cidade chamada de Princesa do Sul, mais conhecida como cidade do doce, que apaga de seu catálogo a amarga memória dos escravizados, banhadas no sangue que os charqueadores faziam verter de seus corpos em troca de suas fortunas.

Sou professora, minhas experiências docentes também se realizam em Rio Grande, cidade de turismo, Festa do Mar, portuária que teve sangue derramado de

⁸ Este NEABI, fundado em 2007, é o pioneiro na educação básica do município, tendo como coordenadora a Profa. Marita Freitas, por incentivo do então presidente da Fundação Palmares na época, Zulu Araújo, junto a atual secretária de Educação. Atualmente a rede municipal possui sete Neabis, sendo quatro na zona rural e o restante na zona urbana.

escravizados trazidos à força e de indígenas catequizados submetidos à força da colonização.

Ainda nas minhas caminhadas, incluo Florianópolis (SC), cidade fora do meu estado onde realizo meus estudos e encontro muita familiaridade, já que se trata de um lugar vendido no turismo como paraíso, mas que, não diferente das terras das quais faço parte, tenta apagar as negritudes e coloca-nos sob a mira o tempo todo. É em Florianópolis que termos como suástica e genocídio estão mais presentes no meu caminho. Foi nesse lugar que vi nos muros afirmações de que mulher negra nem para ter filho serve e encontrei em banheiros frases de ordem, incitando covardemente a violência contra corpos negros.

E ainda acerca desse lugar tido como objeto de desejo de muitos, tenho que narrar e agradecer o fato ocorrido que dificultou o meu retorno ao meu estado, que fez com que eu perdesse meu ônibus, após ter três aceites de corrida de aplicativo seguidos negados pelos motoristas, estando eu já no local de embarque determinado, ao confirmarem se tratar de uma mulher negra. Fato que me foi relatado por um motorista negro, que encerrou sua denúncia ressaltando que o melhor que me aconteceu foi não ter sido atendida por eles, pois estavam bastante tensionados a cometer danos, mesmo sendo o acordado para aquele dia somente não colocar negras e negros em seus carros. Resumindo, o dinheiro de todos é bem-vindo no estado catarinense, mas não há espaço para negras/os.

Quando ouço as pessoas desejarem esse lugar, como paraíso a ser conquistado, escorre em meu corpo água que não é do mar, ardência que não é do sol e a garganta seca que não é pelo desejo da água de coco. Vivencio um cenário impactante que nada tem de relação com Lagoa Azul, mas com os filmes de terror mais macabros, violentos e permeados até pouco tempo de lobos que vestem pele de cordeiros e, como se isso já não fosse horrível, esses lobos foram autorizados a simplesmente ser os que devem seguir tentando nos caçar.

Trata-se aqui desse sobreviver em quatro cidades diferentes que me impede de dormir com os olhos fechados, já que não há tréguas diante de uma vasta caminhada desenfreada, na tentativa de nos encurralar e tornar vencidas, mesmo constatando nossa característica de nos mantermos em pé.

A escrita desses fragmentos de quem sou e porque sou faz parte do desafio de sair desse lugar de não escrita, que aos poucos fui sendo encarcerada sem que se percebesse essa forma de opressão. Ao longo da minha vida de estudante, em

especial do magistério no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB), em Pelotas, muitas vezes fui elogiada e reconhecida perante a sala pelas escritas que se destacavam nos textos dissertativos, e na graduação, mesmo não obtendo um desempenho de destaque, conseguia produzir.

Minha escrita foi sendo ampliada e se adaptando às exigências e ao controle da academia, para que pudesse se tornar o instrumento aceitável que abarcasse minhas experiências e estudos, e essa passagem resultou na titulação de especialista na Educação Infantil e na continuidade dos percursos e percalços, mestre em educação.

No PPGE/UFSC redescubro que posso escrever, que posso estar viva nas minhas escritas e que dialogar nesse contexto é uma escolha necessária de seguir existindo em corações atravessados pela negação de suas próprias existências.

A escola básica foi um instrumento fundamental de controle violento da minha fala. Lembro-me que eu amava falar, lembro-me das professoras me pedindo silêncio e lembro mais ainda de todos os meus boletins que diziam: “Estudar mais e falar menos”, e sim, o boletim controla. Porém, a prática da professora no cotidiano funciona como uma máscara que molda sua experiência de silenciamento, assumindo-se como instrumento regulador.

Algumas pessoas podem pensar que o tempo passou e que essas práticas já não fazem parte das minhas vivências e experiências, mas ressalto que elas vêm sendo derrotadas a cada momento em que me reencontro com aquela menina negra da escola, falante e sorridente, e assumo o risco de ter que enfrentar em casa o perverso alerta da escola, de parar de falar e estudar mais, para que sim, eu fale, assumindo cotidianamente a experiência do enfrentamento das negações que nunca foi fácil.

Eu sou negra. Para eles eu sou a negra, sou a preta, sou a pele escura e, antes de tudo, acreditam que eu sou o que eles tentam me condicionar, da leitura que fazem da minha pele. Isso significa que antes de identificarem meu gênero, minha condição financeira, minha profissão, meus feitos e desfeitos, minha feiúra ou beleza dita exótica, sou para eles aquela negra.

Ser negra, ser mulher, ser filha, ser mãe, esposa, madrastra, avó, estudante, trabalhadora doméstica, filha de santo, umbandista, professora e atualmente uma pós-graduanda, tudo em sua plenitude vem após, pois o que escorre em meu corpo, antes da fala, do gesto e da troca de olhar, é minha negritude.

Todos os atravessamentos interseccionais atingem as negras mulheres, sem que um seja mais ou menos fulminante, mas eles se direcionam a esses corpos alvos, que jamais seriam atrativos para esse fuzilamento, se não fossem corpos negros femininos.

E ao escrever eu me alio a Paulina Chiziane⁹, quando ela disse que precisou aprender a escrever em meio à guerra. Penso que para nós, negras mulheres, é transgressor estarmos neste lugar da escrita, da produção dos nossos conhecimentos e mais ainda negar a condição de desvalia que tentam nos colocar. Eu, assim como todas as outras negras mulheres que vieram antes de mim, deslegitimamos a tentativa de controle sobre nossas epistemes, sobre o que podemos e somos. Disseminamos a potente presença das trabalhadoras domésticas, das moradoras das comunidades, das mães, das tias, das avós, das filhas e de todas as negras mulheres que vêm movendo essa sociedade, com suas presenças presentes e revolucionárias (des) reconhecidas.

Falo com Angela Davis¹⁰, ao enfatizar que quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se modifica, e isso evidencia que não somos participantes da construção social, somos a construção social em essência.

⁹ Escritora moçambicana, de 70 anos, que na juventude atuou na Guerra da Independência na Frente de Libertação de Moçambique. Suas obras têm como característica a prevalência da voz feminina e nos seus romances faz crítica de costumes e destaca a diversidade cultural do seu povo.

¹⁰ Angela Yvonne Davis é uma intelectual negra, militante dos Panteras Negras e do Partido comunista dos Estados Unidos, que alia a academia e a militância para romper com as assimetrias sociais.

INTRODUÇÃO: A CHAMADA PARA A RODA

As razões que me impulsionam à realização deste estudo estão ligadas à minha vida, pele, alma, história e negritude, conforme mencionado pelo professor Victor que avaliou nosso projeto no seminário da linha de pesquisa Sociologia, História e Educação (SHE). O tema escolhido também diz do meu compromisso com nossas caminhadas, assim como do reconhecimento quanto aos ensinamentos que as mais velhas sempre nos oportunizaram, quanto às formas de resistências que produziram.

Acredito que a pesquisa, além de contar, denunciar e anunciar, pode se tornar um espaço seguro, no qual é possível o retorno de outras gerações para se reencontrarem com as mulheres que proporcionaram oportunidades para estarmos nos movimentos de ressignificação aos quais hoje nos sentimos convocadas.

A negra FORTE está morta: narrativas de negras, professoras universitárias, sobre práticas de resistências, porque “o negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário, o negro chega antes da riqueza” (Carneiro, 2023, p. 130). Negro já nasce no desassossego, de se manter e justificar suas chegadas, pois a felicidade que o abraço negro e o sorriso negro trazem, anunciados pela música *Sorriso negro*, de Dona Ivone Lara (1981), que celebra a negritude, a comunidade negra e a liberdade que construímos, é riqueza nossa, que se amplia em nossos reencontros negros.

As negras e negros, que já estiveram aqui, sorriram, abraçaram e, mesmo que nos seja exigido seguir em luta e resistentes às armadilhas, nossos sorrisos e nossos abraços sempre nos libertarão da tentativa de silenciamento do rufar de nossos protagonismos.

Penso que o compromisso com os passos que já foram trilhados e que modificaram percursos, junto a tudo que carrego em meu corpo território, justificam que tenhamos como objetivo compreender o mito da mulher negra guerreira com docentes universitárias de instituições públicas, mais experientes, problematizando as consequências desse estereótipo na vida dessas intelectuais.

Consideramos fundamental explicar aqui que nos referimos a “mito” como esse termo é reconhecido popularmente, ou seja, como invenção, fábula, mentira ou algo que foge à realidade. Sem termos a intenção em nenhum momento de

desrespeitar o reconhecimento de mito para outras culturas, dentre elas os povos tradicionais indígenas e africanos, entendemos que a mitologia armazena crenças, tomba padronizações que implicam tensionar o que é considerado digno de ser zelado, em detrimento de bens culturais invalidados, capazes não apenas de ensinar comportamentos, mas de fazer a manutenção deles.

Os mitos ocupam um lugar de extrema relevância que os distanciam simplesmente de serem ou não relacionados a verdades ou inverdades, por carregarem em si mesmos “poder, que se destina a linguagem” (Cassirer, 1992, p. 19), em relação à construção e fortalecimento do pensamento que ela exerce. Um exemplo acerca de mitos se refere a pensar os povos negros como grupos minoritários, algo que por muito tempo foi reforçado. Porém, com o esforço das comunidades negras e dos movimentos negros, derrubou-se a criação desse mito, que se empenhou em colocar a raça negra como menor, diante de um grupo hegemônico menor que se apropriou de uma condição de ser maior em todos os sentidos que possam caber nessa palavra.

As narrativas mitológicas são capazes de revelar a cultura, as crenças e valores de uma sociedade, já que se encarregam de fazer o trânsito do que é estabelecido como pensamento e prática desejada de ser internalizada nas crenças e comportamentos das pessoas. Bárbara Carvalho (1982, p. 24) menciona que o “mito [...] cria arquétipos ou paradigmas [...] não é apenas uma revelação, mas uma fixação de valores paradigmáticos, na busca de padrões de comportamento”, o que se estabelece no controle desses comportamentos, definindo, de certa forma, o funcionamento.

Os mitos, gêneros provenientes das tradições orais (Silva, 2012), são tornados modelos capazes de qualificar ou desqualificar as pessoas para transitarem com privilégios ou desprezo de quem são e de suas necessidades frente eles, que não estão isolados, mas alicerçados nas práticas cotidianas.

Nunca houve um momento em que eu andasse só, e a voz da professora Mirianne Santos Almeida, ao compartilhar, dentro das nossas tradições de fala, de escuta, de aprendizagens dos fundamentos, transmite e transborda o que nossos passos em comum constatarem. E assim ela comunicou durante a qualificação desta tese que: “O que você nos oferece em sua tese é uma escuta dessas vozes – vozes negras-mulheres-professoras, cujos corpos carregam a travessia de um mito que

também é armadilha: o da mulher negra forte. Aqui refiro-me a força forjada na dor, romantizada pelo opressor, convertida em silêncio e apagamento”.

Propomo-nos, sim, a narrar essas vidas, a tensionar esse mito e a tocar nesse nervo profundo da experiência negra no Brasil, que é a desumanização travestida de resistência que também foi edificada pela negra intelectual, no ritual¹¹ de qualificação da tese.

Eu não ando só, pois sou uma mulher de axé. Tenho trilhado os meus caminhos e os compreendido como representações, do quanto podemos ter escolhas, mas que as encruzadas nem sempre estarão abertas, e que será necessário a construção de rotas seguras. A partir daí, começo a pensar nos orixás, que carregando suas características, suas potencialidades e limites, movimentam o mundo numa roda que carrega, sobretudo, o peso da crença social de que temos que ser mono, amar mono, crer mono, quando somos filhas e filhos de diferentes perspectivas, ou seja, somos múltiplos sujeitos que impulsionam comportamentos diversos. Independentemente de nossas crenças, somos regidas por forças e energias que influenciam nossos comportamentos, que jamais deveriam se tornar padronizados, por jamais cabermos todas e todos em um único modelo.

Juliana tem muitas das qualidades do Pai Agelú, amiga fiel, trabalhadora, desbravadora de caminhos (pessoa que sempre está procurando um novo caminho, até porque se cansa facilmente com o comodismo e quer sempre novos desafios) onde os encontrar, nem que seja por pouco tempo e cansa, para os próximos a vir, pessoa prática e de um coração enorme, gosta de estar em contato com a alegria (crianças que são receptores e doadores em uma troca de sintonia da alegria) fiel aos seus propósitos, pessoa fácil de comunicação, empática, simpática de sorriso sincero (só sorri quando tem vontade kkk) alegre, pessoa que não vê dificuldades sempre tem uma solução, guerreira, mas sempre primeiro ela esse é o seu dilema e de todos os filhos de Bará. (Yalorixá Mãe Tereza de Bará Lanã)

Reconheço-me como responsável pela derrubada dos obstáculos que desmontam os sonhos de nós negras e negros, já que mentiram para nós que sonhar não custava nada, mas pagamos com nosso desesperançar frente a lutas que nem sempre são suficientes para desarticular as práticas racistas que nos privam de sonhar. Nessa busca, identifico-me com o pensamento de Grada Kilomba,

¹¹ Ritual de qualificação da tese se assemelha, ou deveria se assemelhar, aos mesmos bens que construímos em um serão de religião, ao nos reunirmos para trabalhar/aprender/ensinar e, assim, abrilhantar o Batuque/festejo para que as nossas e nossos, orixás e irmãs/aos possam estar em diálogo com os sagrados, na maior experiência de entrega, aprendizado, ensinamento, fortalecimento e fé.

ao defender a necessidade de guiar o estudo com a “pesquisa centrada em sujeitos, visto que os sujeitos marginalizados como secundários, são privados do direito a autorrepresentação” e, desse modo, fazer pesquisa com foco no sujeito se tornou um “conceito necessário dentro dos processos de pesquisa e de discursos acadêmicos” (Kilomba, 2019, p. 82). Meu lugar enquanto negra pesquisadora é garantir que as vozes das parceiras sejam ouvidas, para que nossas experiências ocupem espaço central nas abordagens intelectuais e políticas de construção social afrocentrada.

Esse caminho da pesquisa foi construído pelas rotas traçadas para o objetivo central, que é buscar compreender o mito da mulher negra forte com docentes universitárias, de instituições públicas, mais experientes, problematizando as consequências desse estereótipo na vida dessas intelectuais. A tese se propôs a trazer no estudo as rotas que tornaram as colaboradoras sobreviventes em uma estrutura que as vê como as que não necessitam de cuidados.

Os objetivos específicos asseguram o trilhar desses movimentos ao: 1) evidenciar de que forma o mito da mulher negra forte aparece nas narrativas de negras mulheres docentes e quais os impactos dessa construção na constituição de suas subjetividades e experiências profissionais; 2) identificar práticas de resistência cotidiana mobilizadas por essas mulheres em seus contextos de vida e atuação docente, com ênfase nas estratégias de cuidado de si, afirmação identitária e solidariedade entre pares; e 3) refletir sobre as possibilidades de uma escrita acadêmica que reconheça a potência epistemológica das narrativas negras como formas de ruptura com paradigmas eurocentrados.

Os questionamentos de pesquisa visam saber como a mulher negra se entende, resiste, permanece e reconhece-se como intelectual/pesquisadora/professora no atravessamento imposto pelo mito da mulher negra ser forte, do qual ela faz parte. São negras que não ficaram sob o “efeito da discriminação contínua branca, que produz a internalização nos negros, de ocuparem os lugares inferiores, produzidos pela hierarquia social” (Nascimento, 2021, p. 53), já que designaram seus passos e estão nos lugares a ela não destinados.

Encontrei-me com mulheres que assustadoramente me pareciam muito familiares, digo não somente em relação aos rostos, às expressões sisudas e marcantes, mas também ao riso, na gíngua, na busca, na persistência e na inegável

permanência na luta. Ou seja, em qualquer lugar que escolhemos estar. E os assuntos tratados para este estudo foram sendo conduzidos por mulheres de caminhadas sábias, com passos que abriram rotas inimagináveis para as negras, negres e negros, que nunca foram objetos de idolatria.

Eu sendo a primeira a ser chamada nesta roda, orixá de frente, pelas minhas ancestrais, pelas mais velhas, pelas mais novas, pelas que vão chegar, tive a honra de ir chamando outras mulheres que enchem a vida com suas energias, com seus desbravamentos, das idas e vindas que impõem movimentos nos quais suas negritudes gritam silenciosas vitórias das quais as marcas somente podem ser compartilhadas nos vazios que todas habitamos, que nos convocam a sermos espelhos umas das outras e a nos encorajarmos umas com as outras.

Assim¹², saúdo meus espelhos e as nomeiei como: **Ana Maria Rufino Guilles**, 69 anos, com formação em História e natural de São Paulo; a dança de **Ida Mara Freire**, 63 anos, paulista de Presidente Prudente, formada em Pedagogia; a presença de **Petronilha Gonçalves e Silva**, 82 anos, licenciada em Letras, gaúcha de Porto Alegre; o estar de **Transformação**, 66 anos, pedagoga, gaúcha de Lavras do Sul; a existência de **Ventos**, 67 anos, sergipana de Aracaju e bióloga; a construção de **Eugénia Portela de Siqueira Marques**, 65 anos, da República de Cabo Verde, da Ilha de São Vicente, pedagoga; e a **Resistência**, 60 anos, de Campo Grande, no Mato Grosso do sul, formada em Ciências Jurídicas, Pedagogia e Letras. E nesse movimento de roda me reencontro com **Juliana da Rosa Brochado da Luz**, 48 anos, pedagoga, gaúcha natural da cidade de Pinheiro Machado.

A conversa segue com elas e por elas, por isso na sequência cada uma se auto apresenta:

Me autodeclaro negra. Faz tanto tempo, mas tanto tempo que não abro meu Lattes, deve estar lá, se tem autodeclaração, nunca me declarei diferente. Eu sou aposentada e a Federal de São Carlos foi a última instituição em que trabalhei, pois estar em movimento é uma coisa, estar trabalhando é outra.
(**Petronilha**)

Na continuidade:

¹² Devido ao consentimento expresso, identifico nominalmente somente uma das colaboradoras, a mais experiente – Petronilha, que representa a vida e a proteção proporcionada por IEMANJÁ. Em relação às demais parceiras que, após defesa da tese, consentiram, fui identificando-as. As que não manifestaram a intenção de ser identificadas, opto em chamá-las por características que carregam as orixás: OXUM, IANSÃ, OBÃ, EWÁ e NANÃ.

Sou negra e, na minha certidão de nascimento, sou parda. Não tem mencionado no meu Lattes a autodeclaração, pois na época em que fiz, eu acho que não tinha ainda essa necessidade, essa orientação. Sou aposentada. (**Vento**)

Dando seguimento, temos duas apresentações:

Sou uma gaúcha que foi para longe. (*Risos*) Desgarrados do pago! Então, eu me autodeclaro quando tem a autodeclaração, não deixo de me autodeclarar e me autodeclaro negra quando tem só essa categoria e parda quando tem preto e parda, pois uso como referência minha cor de pele quando tem as duas. Atuo como educadora. Vou chamar assim. Em Recife, existe uma rede comunitária de bibliotecas, ela se chama Releitura e, a partir de 2019, eu comecei a participar (**Transformação**)

Desde 92 estou em Santa Catarina, eu prestei concurso e depois cheguei aqui, que é meu pedacinho do céu, escolhi a dedo esta cidade. (*Risos*) Me autodeclaro negra. Não sou mais do corpo docente da UFSC, eu estou como aposentada da UFSC, já me aposentei, não estou mais atuando em sala de aula propriamente dito, mas não sei, uma vez professora, sempre professora. (**Ida Mara**)

A próxima a se apresentar:

Cabo Verde é um arquipélago, são dez ilhas, nove habitadas e uma desabitada. A capital é a praia, na Ilha de Santiago. Sou da segunda ilha em termos de população, que é a Ilha São Vicente. Me autodeclaro negra, uma mulher negra. Não me aposentei. Trabalho na Universidade Federal do Amapá, como professora, já desde... Entrei como professora substituta em 1994, depois passei para efetiva, fiz o concurso e então eu já vou fazer 30 anos, na Universidade Federal do Amapá, na Graduação, Pedagogia, na pós-graduação, mestrado e doutorado em Educação. (**Eugénia**)

Ainda fazendo a volta, temos:

Sou uma mulher negra, simplesmente uma mulher negra de pele escura. Por que, dentro da categoria oficial, negros são pretos e pardos, né? E também as pessoas se declaram negros de pele clara, negros de pele escura. Eu sempre me declaro como uma mulher negra com muito orgulho. Então, eu moro em Curitiba desde 1977. Sim, são 47 anos. Adoro Curitiba, mas ainda me sinto paulista em termos daquele ritmo, aquele ritmo do paulista, vamos, vamos. (**Ana Maria**)

E fechando nosso círculo de apresentações:

Eu me declaro uma mulher negra, de cor parda. Sou docente na faculdade de educação, no mestrado e doutorado do PPGEDU, com a disciplina relações étnico-raciais, nesse semestre no curso de Pedagogia e Educação Física. E no mestrado e doutorado numa disciplina que se chama Tópicos

de Cultura, Estado e Sociedade e a ementa é aberta, então cada professor que assume pega e trabalha com seu conteúdo. Trabalho com os pós-coloniais na disciplina, eu me aproximo dos pós-coloniais e dos nossos intelectuais negros e negras. A maioria das minhas teses e dissertações, a gente se aproxima para dialogar com eles. (**Resistência**)

Sete presenças presentes na vida, sendo e construindo formas de atravessar desafios que nunca foram somente seus. Sete filhas do mar de lemanjá, criadoras, embaladas pelas sete notas musicais, irradiando complexidades junto aos mistérios das sete cores do arco-íris.

Negras mulheres que aceitaram desafios que as exigiam se construírem durante os sete dias da semana, transmitindo nesses corpos o transporte de tudo o que lhes foi herdado, nas suas existências, para que nós possamos ser corpos que avançam e que produzem defesas.

Nessas rodas muitas das coisas ditas jamais puderam ser aprendidas na escola, pois tratam muito de nós negras de classe popular, das nossas caminhadas, das nossas buscas que nada têm com sonhar, mas com fazer acontecer, e, como diz a música: “é preciso ter força, é preciso ter raça é preciso ter gana sempre” (Nascimento, 1978), já que nossos contos nunca foram de fadas e que nossas histórias não contadas versam os mais inquietantes ensinamentos para que resistissem à falta do sonhar para realizar, pois se a outra música dizia que “sonhar não custa nada, não se paga para sonhar” (Mocidade, 1991), o acordar dos sonhos sempre nos deixou uma conta dura de se (re)conhecer com aquelas que estavam distantes dessas projeções que habitam os sonhos.

Este estudo versa na direção do que brota, do que pode nascer fora do círculo da dor, da negação, do avanço da coragem, que nem sempre vem sem o medo, é uma parada para reconhecer a presença do cansaço, da falta de fôlego, do choro que não se cala, olha estranho, mas brinda uma balança que não cai, e percebemos que nunca estivemos só, o que faz com que nossos sentimentos não traduzam dó, mas encorajamentos em meio àquilo que poderia ser afogado em lamentos.

Esse atabaque¹³ que ecoa em nós, pessoas negras, são caminhos que nos impulsionam a seguir andando, a seguir gritando, a ser liberdade de escolha, de não escolha, de se construir no caminhar sem responder a desejos que não fomos nós

¹³ Instrumento musical de percussão, também chamado de tambor no Rio Grande do Sul, é utilizado nos batuques. São capazes de se comunicar com as/os orixás e atravessar os corpos do povo de axé pela energia que carregam, sendo respeitados no tocar e zelo.

que produzimos. Nós, pessoas negras, jamais vamos esclarecer a nossa luta para a sociedade, pois nossos movimentos sempre ocuparam o lugar de elucidação. Nós, negras, não vamos temer a “coisa está preta”, pois é dessa escuridão que gritamos que, então, se as coisas estão pretas, estão boas.

Essas potentes mulheres que produzem ciências, que dialogam com aquelas e aqueles que nunca foram demandas de frente, são capazes de cobrar a dívida da sociedade, quando fazem o direito epistemológico ser equitativo e mais ainda quando essas mulheres incomodam os olhares com suas presenças presentes. “O raio não cai duas vezes no mesmo lugar”, puro mito, pois as negras seguem ocupando e desenvolvendo práticas que rompem com imposições históricas de negação das chegadas, afastando grupos étnicos, especialmente negros, de ocupar espaços de poder e representação.

Certamente, o que nós, estudantes, negras, negres e negros, sentimos falta tem relação com as ausências daquele abraço que sempre faltou e nos levou para fora, que nos manteve na falta, mas que nem tínhamos coragem de admitir. Sempre foi mais fácil extravasar a nossa falha, sim, se pessoas negras têm necessidades, a culpa é delas. E muitos dirão que os abraços, as bolsas, as vagas e as condições sempre estiveram ali, onde estavam os negros que não as pegaram? Entendedores, entenderão? Nós negros entendemos, e nunca aceitamos. Essas mulheres que desafiam os abandonos e assumem o protagonismo, os percursos que movimentam, convidam as(os) estudantes a levarem consigo quem são, o que são, o que desejam, e o que sentem, enfim, anunciam nas turmas por onde passam que gente negra também é gente, que luta, que constrói e que sente.

E sobre esse sentir, rimos, pensamos, falamos e nos calamos muitas vezes durante as entrevistas. Respirar fundo foi uma estratégia importante, quando as narrativas abriam feridas que talvez possam ter sangrado bem menos do que as hemorragias passadas, mas com certeza o sangue estava tão vivo quanto.

Quando me perguntarem se de fato negras mulheres são fortes, logo responderei: quais negras mulheres? A que força tu estás te referindo? Já ouviste negras mulheres? Para finalizar, pergunto: após ler a pesquisa intitulada: ***A negra FORTE está morta: narrativas de negras, professoras universitárias, sobre práticas de resistência***, o que tu vais te responsabilizar a fazer?

Sim, o racismo é ação, então o combate nos exige o mesmo. Os passos dessas mais velhas fazem com que não nos percamos nas possibilidades de

encontrar caminhos, já que seus movimentos educam e fortalecem e revolucionam, por tratar de um projeto existencial coletivo, que pensa as questões que atingem, mas que se solidificam no coletivo quando os não atingidos se importam. Essas pioneiras na educação assumem espaços de poder definidores e dialogam acerca dos espaços de negação, que também sempre serão seus. A pesquisa apresentará o exercício social, do que venho propondo no estudo. Ela produz para corroborar com essa transformação que oportuniza, sensibiliza e enfrenta.

As experiências e memórias “que são outras formas possíveis ou desejáveis de expressão e representação” (Werneck, 2010, p. 16), como fontes da pesquisa, trouxeram esse sujeito, negra mulher, para o centro do palco e com um protagonismo que somente ela pode ter, pois se trata de suas vivências libertas da invisibilidade e dos silenciamentos sociais dos quais os espaços acadêmicos não são exceções. Os esforços aqui depositados construíram espaços para que o racismo, as narrativas, o mito, o protagonismo das negras mulheres, os silêncios, o epistemicídio, as tentativas de apagamentos e as diversas formas de sobrevivências fossem abordados ao longo da tese.

Em consonância com o que acreditamos, de sermos coletivos, as narrativas e as memórias das professoras se deram de forma colaborativa, manifestando um compromisso generoso com as desconstruções sociais, das quais queremos fazer parte. Trata-se de uma metodologia de pesquisa horizontal, com as sujeitas da pesquisa que se propõem a ouvi-las e a escutá-las em suas incertezas, gravando suas entrevistas online, com questões previamente elaboradas, para posteriormente transcrevê-las.

A horizontalidade, em uma pesquisa proposta por Mário Rufer e Inês Cornejo (2020), põe em prática formas outras de produzir conhecimento, dando valor central ao diálogo em uma perspectiva em que as práticas, narrativas e contribuições dos povos subalternizados e negados comunicam do centro suas diferenças. A forma com que tratamos do compartilhamento de vivências diz acerca do nosso compromisso com a potência dos conhecimentos que se desviam, em uma cultura que não dialoga com a cultura oral e, que dessa forma, abandona a compreensão das diferenças culturais como fundamentais para que as diversas identidades possam ser reconhecidas descentralizadas da generalização que nos coloca como outros, menores, alternativos e invisíveis.

A partir desse movimento, da escuta e da troca, teremos o momento de tecer as mônadas, as quais são partes dessa rememoração, capazes de trazer um todo acerca das experiências vividas naquele período e que por si só são suficientes para legitimar esses temas que estão sendo propostos na pesquisa. Dessa forma, Walter Benjamin (2007, p. 69) menciona que “as mônadas descrevem o mundo de forma abreviada”, ou seja, nessas pequenas partes está concentrado o todo.

As mônadas são como os filhos de santo respondendo à reza na roda de batuque, pois não trazem somente o que foi dito, por serem capazes de trazer grande parte da emoção que compõe não somente a narrativa, mas a experiência vivida e rememorada. Quando a reza do santo é cantada, ela por si só comunica qual santo o batuque está reverenciando. Se cantamos para Oxum, estamos saudando o amor, a fertilidade, a beleza, o dinheiro, a doçura, a suavidade e a inteligência, e as mônadas dizem do sentir e pensar vividos, para podermos aprender o hoje com essas experiências narradas,

É nessa relação do ontem, do hoje e do que poderá vir a ser que a pesquisa apresenta, no capítulo 1, as colaboradoras, os objetivos e os movimentos que contribuíram para que houvesse condições de dar continuidade ao estudo.

No capítulo 2 é proposta a reflexão acerca das formas com que as negras professoras foram recebidas, assim como as projeções em relação aos seus fazeres. São momentos que provocam uma experiência de nos aproximarmos do que negras professoras vivenciam com suas chegadas aos espaços da Universidade e da Pós-Graduação em Educação.

Já o capítulo 3 tem a função de dar continuidade a respostas à questão da pesquisa, tendo na forma com que as negras professoras se reconhecem a elucidação do mito da mulher negra forte em suas caminhadas negras.

Para termos outros começos, que se constroem do início, meio e início, conforme nos ensinou Nego Bispo, vamos saudando as percepções dessas negras acerca de ocuparem o lugar de fortalezas para podermos construir diálogos reflexivos, capazes de movimentar, acerca da construção de mitos como o de a mulher negra ser forte e a quem interessa que essa ideia se torne uma prática verdadeira.

Certamente desejamos que essa roda, que se faz na pesquisa, oportunize inquietudes e desassossegos, movidos pelos ventos que nos cercam. Negras

mulheres são movimentos e são os ventos de lansa que nos conduzem ao capítulo inicial. Eparrei!

1 CAPÍTULO 1 – SOPROS DESTEMIDOS DE IANSÃ: CONHECIMENTOS REGIDOS PELAS SABEDORIAS

UO SENIRÊ OBERÊCE CÁRE DE OGUM
OIÁ NIRÊ OBERÊCE CÁRE DE OGUM
OBERE CÁRE DE OGUM, ASENIRÊ UACAUÁ
(Reza de Iansã)

O cântico em destaque se destina à orixá Iansã, que rege os ventos e tempestades e que também é aquela que nos protege e resguarda deles, além de saudar as forças de Ogum, com quem essa mulher enfrenta batalhas. Trazê-lo é uma forma de pedir passagem e proteção na continuidade da abertura dos caminhos que essas negras proporcionam no trilhar das suas caminhadas.

A preparação desta caminhada forneceu pistas quanto às direções a seguir na pesquisa, conduzindo a construção do estado da arte para que as afirmações em relação às pesquisas já realizadas não fossem tímidas e também para podermos ter subsídios para afirmar que nosso estudo de fato traga algo novo, contribuindo para que a pesquisa oportunize conhecimentos acerca do tema e ocupe o compromisso com as mudanças daquelas/es que compõem as situações que justificam a necessidade do estudo a serviço das vidas.

Silêncio! Busquei nas teses de outras pesquisadoras o caminho para realizar o estado da arte e fiquei extremamente tranquila, por entender que se tratava de ler atentamente e colocar em prática seus relatos. No entanto, para mim as coisas não foram tão automáticas, já que na tentativa de realizar esse mapeamento muitas dúvidas foram se tornando presentes, ocasionando a necessidade de buscar ajuda para que a proposta se desenvolvesse.

Ao final de cada tentativa, eu ficava em silêncio, pois não atingia o objetivo, e buscava nesse silêncio respostas para algo que parecia um enorme mistério lotado de complexidades, das quais meus conhecimentos estavam muito distantes. É necessário que se busque, cotidianamente, recursos que mantenham o projeto de desconstrução dos mitos acerca da intelectualidade de pessoas negras, para prosseguirmos sem a falsa ideia de que pessoas negras têm mais dificuldade para aprender.

Juntas, testando as possibilidades, a professora doutora Josiane eu e, como duas adolescentes do ensino médio, desvendando o mistério de algo que não se

tratava da resolução de um exercício mais difícil proposto pela professora, mas de uma etapa importante para que a caminhada prosseguisse, e mesmo com essa dificuldade inicial, fomos insistentes. Ali, lado a lado, olho no olho, mesmo que virtualmente, a colega não desceu para me encontrar, mas fortaleceu o lugar onde sempre estive, que se chama ao lado, e assim refez sua caminhada para me mostrar as possibilidades do trajeto e eu poder fazer minhas escolhas.

Essa caminhada acompanhada fez com que todos os medos e ansiedades fossem embora, assim como o silêncio, pois houve um perfume que exalava cheiro de êxito e de conquistas, tornando não somente o céu mais aberto, mas as encruzadas na possibilidade do reconhecimento de que somos, sim, muito mais potentes em coletivo, reconhecendo, assim, o potencial do conhecimento que não precisa ser meu, pois se amplia quando o valorizo como nossa caminhada.

Chegada a esse momento tão importante, não narro aqui o que aprendi, mas coloco anexo, entendendo que colaboramos para que a realização do estado da arte não arranque lágrimas dos olhos e muito menos se torne um momento sensível, em que paire dúvidas em relação a nós mesmas. Se uma aprendeu, logo as outras precisam ter essa oportunidade, e isso nos leva a narrar, detalhar e convidar a sentir e pensar juntas.

Assim, trilhamos o caminho de busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), filtrando os distanciamentos com nosso estudo para obtermos subsídios que apontassem para a quantidade de investigações que se aproximassem do tema da pesquisa em construção, tendo sido possível indicar o potencial do estudo para o ineditismo.

O recorte temporal definido foi de 2003-2023, pois esse período abriga momentos de extremo empenho de corpos negros junto aos movimentos negros, para que tivéssemos o reconhecimento da necessidade da Lei n. 10.639/03 (Brasil, 2003) e sua implementação, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura do nosso povo negro nas instituições escolares.

Nesse recorte, estabelecemos que as pesquisas deveriam compor as Ciências Humanas como grande área de conhecimento e a educação como programa, área de conhecimento, a área de avaliação e a área de concentração.

Em janeiro de 2024 realizei as buscas utilizando, em um primeiro momento, o título provisório e os seguintes descritores: **A negra guerreira está morta:**

narrativas de negras, professoras acadêmicas, sobre práticas de resistência. E nenhum registro foi encontrado para esse termo.

A segunda busca, utilizando o descritor **A mulher negra guerreira**, resultou em 01 pesquisa de mestrado de 2020, realizada por Jefferson Basilio Cruz da Silva, intitulada *“Sou um negro que correu para a polícia”: Carlos Magno Nazareth Cerqueira (1937-1999) e o sonho pedagógico de um novo policial*, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

O terceiro descritor verificado, **Mulher negra forte**, apontou 02 estudos: uma dissertação de mestrado de 2019 defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de João Paulo Mariano Domingues, intitulada *Insurgências juvenis no carnaval de rua em Belo Horizonte: o bloco seu vizinho e a luta pela afirmação do território*; e uma tese de 2020, de autoria de Paulo Felipe Lopes de Carvalho também defendida na UFMG e *Corpos políticos em insurgências urbanas: a cidade e as muitas de Belo Horizonte*.

No quarto descritor, **Negras professoras acadêmicas fortes**, tivemos como resposta 01 registro no banco de dados, de uma pesquisa de mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR) realizada 2019, de autoria de Eliane Regina Titon Hotz e intitulada *Estudantes com altas habilidades/superdotação na universidade: análise de itinerários pedagógicos*.

Após apresentarmos os cinco descritores pesquisados, mencionamos o quinto e último selecionado, que retornou de dois estudos, respondendo à pesquisa do termo **Negras professoras doutoras da universidade**: um de doutorado, na Universidade Católica Dom Bosco, realizado 2019 por Benício Backes, tendo como título *Foi o espaço que encontrei: a temática étnico-racial em escolas de educação básica em um contexto de colonialidade germânica*; e outro também de doutorado, tendo autoria de Elida Regina Nobre Rodrigues (2023) e realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), intitulado *Professoras negras e suas autorias: um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul*.

Os estudos, lidos a princípio nos seus resumos e alguns avançando um pouco mais na introdução, oportunizaram experiências importantes acerca do conhecimento que tem sido produzido, ainda, sobre ou com as vidas negras. Digo “ainda”, pois muitos dos estudos são realizados por pesquisadores não negros sobre temas das negritudes, e muitos desses estudos abordam a negritude e não as

peessoas negras que, em nosso entendimento, são aquelas que sabem dizer de seus pertencimentos e de suas experiências de negritude.

Em linhas gerais, é possível vislumbrar um cenário amplo de abordagens relacionadas aos termos que compõem o título desta tese: *A negra FORTE está morta: narrativas de negras, professoras universitárias, sobre práticas de resistências*; no entanto, não encontramos pesquisas que tenham provocado fissuras suficientes que as convocassem a buscar nas marcas de negras mulheres o que o mito da mulher negra forte produz em seus corpos, na condição de docentes dos programas de educação nas universidades públicas.

Feitas as pesquisas, é possível afirmar que aqui nasce uma proposta sem precedentes, que se constrói em corpos que inúmeras vezes foram desconstruídos de suas essências para que ocupassem o lugar forjado de força, para resultar em abandonos. A Tabela 1 apresenta a síntese das pesquisas realizadas no portal da CAPES.

A intenção de trazer as pesquisas que abordam o mesmo tema tem como objetivo nos fazer refletir quanto à relevância ou não dessas questões para o espaço acadêmico e, sobretudo, fornecer-nos subsídios para que possamos elucidar qual o potencial do nosso estudo que o torna uma experiência única.

Nossas lutas individuais, quando interligadas a ações em grupo, ganham novo significado. Dado que nossas ações como indivíduos fazem com que deixemos de simplesmente existir no mundo e passemos a ter algum controle sobre ele, elas nos permitem ver a vida cotidiana como um processo e, portanto, como algo possível de mudança. (Collins, 2019, p. 215).

O que carregamos aqui não se refere somente à denúncia, mas versa sobre a escuta das vozes negras de mulheres que são presas a uma criação de força, de algo que dói e que é mantido pelos opressores como forma de retirada de voz e de existência, já que silencia e apaga.

Tratamos aqui de um dado que é conhecido, mas que não faz barulho, ao reafirmar o pequeno percentual de negras professoras nas universidades.

Tabela 1 - Pesquisa realizada no catálogo dissertações e teses da CAPES

CATEGORIZAÇÃO	DESCRITORES				
	1	2	3	4	5
	A+ mulher + negra + guerreira + está + morta + narrativas + de + professoras + acadêmicas + negras + sobre + práticas + de + resistências	A+ mulher + negra + guerreira	Mulher+ negra+ forte	Negras+ professoras+ acadêmicas+ fortes	Negras+ professoras+ doutoras+ da + universidade
Geral	00	09	75	03	17
1. Tipo: Mestrado e doutorado	00	09	74	03	17
2. Ano: 2003 a 2023	00	09	59	03	17
3. Grande área conhecimento (ciências humanas)	00	06	12	01	12
4. Área conhecimento (Educação)	00	02	03	01	10
5. Área avaliação (Educação)	00	02	03	01	10
6. Área concentração (Educação)	00	01	02	01	2
7. Nome do programa (Educação)	00	01	02	01	2
8. Instituições Federais	00	01	01	01	00
	-	UERJ	UFMG/UFPR	UFPR	UCDB/PUCRS

Fonte: elaborada pela pesquisadora (2025).

Propomos atentar para essas mulheres que certamente são conduzidas pelas encruzilhadas abertas pelas pioneiras que as antecederam e que permitiram a ocupação desses espaços por outras negras mulheres. E acerca dessas chegadas que burlam extermínios, racismo e subalternização, o sociólogo Rafael Guerreiro Osório menciona que:

A discriminação racial funciona para os brancos como calçados que usam para correr contra negros descalços. Torna a corrida tranquila para os primeiros e extenuantes para os últimos. Para que a equalização racial ocorra no Brasil, em um horizonte de tempo aceitável, é preciso, primeiro, tirar os calçados dos brancos. Depois, deixá-los correrem descalços por algum tempo e calçar os negros para que os alcancem (Osório, 2008, p. 91).

Essas pesquisas transitam pelos temas da negritude, indígena, mulheres, LGBTQI+, deficiências, autorias negras e crianças. Frente a essas experiências do existir, elas tratam de vulnerabilidade, apagamentos, representatividades, resistências, ressignificações, ausências, coletivos e tantas outras pautas causadas pela manutenção de hegemonia dominante. Dessas, o espaço acadêmico vem sendo convocado a se tornar local de escuta de vozes que, por muito tempo, não foram ouvidas.

Este estudo se alicerça nos diálogos que se estabelecem com as colaboradoras, nas experiências que foram compartilhadas. Nos estudos junto ao Grupo de Pesquisa Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC), liderado pelo Professor Elison Antonio Paim, que reúne pesquisadores de diferentes áreas na construção de experiências de investigação articuladas com práticas de ensino e de extensão que contribuem para a reflexão e problematização dos estudos acerca das memórias e experiências na interface com a educação. A escrita brota também das experiências da pesquisadora, de ausências, de dores, de resistências, das presenças, da ancestralidade e do mais profundo desejo do rompimento de silêncios, de escuta e da ancestralidade.

Inúmeras vezes me perguntei acerca do número de negras professoras que fizeram ou fazem parte da docência em universidades públicas, ao me surpreender por encontrar uma delas, já que não se tratava de algo comum. Para obter respostas, busquei por essas mulheres nas páginas de programas de pós-graduação de todas as universidades públicas federais do país, visando me aproximar de possíveis colaboradoras que fossem pioneiras, com vínculo ou que já tiveram vínculo com os programas de pós-graduação em educação dessas universidades. Não se trata de responder à questão inicial, já que optamos por esse grupo específico, mas, com certeza, possibilita que se tenha uma mostra desse contexto.

Definimos que trabalharíamos com a participação de dez professoras. Seriam duas de cada região do Estado brasileiro, entendendo uma amplitude de rotas sendo colocadas em xeque.

O que trago aqui é resultado de todos os momentos de busca por imagens, lendo os Currículos Lattes, explorando páginas de programas e selecionando as informações em redes sociais à procura das negras professoras. A busca ocorreu nas universidades federais que possuíam os programas de pós-graduação em educação requeridos.

Dessa forma as universidades que em princípio atenderam aos requisitos foram as dos seguintes estados: Acre (UFAC), Alagoas (Ufal), Amapá (UNIFAP), Amazonas (UFAM), Bahia (UFBA, UFSB), Ceará (UFC), Distrito Federal (UNB), Espírito Santo (UFES), Goiás (UFCat, UFG, UFJ), Maranhão (UFMA), Mato Grosso (UFMT, UFR), Mato Grosso do Sul (UFGD, UFMS), Minas Gerais (UNIFAL-MG, UFJF, UFLA, UFMG, UFOP, UFU, UFV, UFTM, UFVJM), Pará (UFOPA, UFPA), Paraíba (UFCG, UFPB), Paraná (UFPR), Pernambuco (UFPE, UFRPE), Piauí (UFPI), Rio de Janeiro (UNIRIO, UFRJ, UFF), Rio Grande do Norte (UFRN), Rio Grande do Sul (FURG, UFSM, UFPEL, UNIPAMPA, UFRGS), Rondônia (UNIR), Roraima (UFRR), Santa Catarina (UFFS, UFSC), São Paulo (UNIFESP), Sergipe (UFS) e Tocantins (UFT).

Encontrar as colaboradoras e ter o aceite delas somente ocorreu com a mediação do meu orientador, acionando sua rede de contatos e amigos de várias universidades federais do Brasil, que foram indicando o contato de outras pessoas e, posteriormente, fomos tendo os retornos de aceite. Assim, o orientador encaminhou a solicitação junto ao resumo e, de posse dos contatos de WhatsApp que ele me disponibilizou ao lhe darem retorno, entrei em contato com as professoras. Nos e-mails que eu trocava com elas eu usava como assunto um pedido de ajuda para realização da pesquisa, porque era isso que eu queria que as pessoas entendessem desde o primeiro e-mail e que pudessem me ajudar, mas o diálogo mais próximo de fato foi no WhatsApp.

Foram realizadas, oito entrevistas de forma online (em função dos distanciamentos que me impossibilitaram de estar com as professoras) gravadas no celular e posteriormente transcritas. As agendas das colaboradoras determinaram os momentos de diálogo e, assim, as entrevistas ocorreram nos seguintes dias: 19 de agosto de 2024 (21h), 21 de agosto de 2024 (20h), 29 de agosto de 2024 (19h30),

25 de outubro de 2024 (16h), 21 de março de 2025 (7h)¹⁴, 22 de março de 2025 (18h) e no dia 06 de abril de 2025 (11h).

Essas vozes, que são vidas pulsantes em cada relato narrado, ofertaram-nos esperança, sobrevivência e pertencimentos capazes de melhorar muitas das rachaduras às quais fomos submetidos. A pesquisa assumiu o gesto ético-político de romper silenciamentos e de inscrever histórias outras no corpo da academia, onde as negras professoras insurgem e rompem com as desumanizações impostas.

Reivindicamos sobre atravessarmos o tempo, sem que tenhamos que nos perder de nós, pois corpos negros não cessam, ecoam nos tambores, nas águas, na terra, no ar e no fogo, visto que somos sobreviventes dos açoites, dos abafamentos, mesmo que as marcas teimem em verter memórias travadas nas dores.

Assim, o povo negro, maioria da população do Brasil, 55,5%, segundo o censo do IBGE de 2022 (IBGE, 2023), segue em luta pelo direito de saber suas origens e cultura, frente a um processo de mais de 500 anos que tenciona a negação desses corpos. O filósofo Ailton Krenak (2019, p. 9) nos ensina que “manter os vínculos profundos, das pessoas, com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, é a forma que possuem para não enlouquecerem neste mundo maluco”. Sempre vamos escolher ser livres, sempre construiremos a abertura dos nossos caminhos com os nossos, e rebeldes desafiamos os silenciamentos, reerguendo-nos firmes em meio a dor que a força nos exige e nossa ancestralidade, ecoada em nossas vozes, em nossos terreiros, fortalece nosso desejo firme de continuarmos vivos e resistentes aqui.

Fomos embalados a seguir firmes para que as nossas conquistas não fossem retiradas durante o período de desgoverno e desserviço do presidente Jair Bolsonaro, eleito para executar um projeto de nação de execução de negras/os, mulheres, indígenas, não héteros e toda a classe popular a quem deveria governar. Foi preciso nos mantermos em luta, foi um enorme desafio que exigiu sobrecarga e muito movimento coletivo de reafirmação de nossa presença e permanência na sociedade brasileira. Tratou-se do enfrentamento da colonização que sempre tenciona nos colocar nas margens e no enfrentamento da derrubada desses guardiões de privilégios, abrindo caminhos para que outros conhecimentos e

¹⁴ Já tinha sido realizada em 24/08/2024, mas o áudio foi extraviado.

presenças ocupem o lugar de valorização em sua inteireza, e as academias fizeram suas escolhas diante dessas lutas.

Entendemos como é importante que tenhamos parceiras/os antirracistas fortalecendo as lutas, o que não diminui o espaço da fala, da produção e da manifestação dos protagonistas, sendo aquelas e aqueles que até então têm conseguido vencer a invisibilidade, as opressões e os despejos. Sendo assim, sempre que encontrarmos mais autoras e autores não negros lutando no campo do espaço científico, por exemplo, gritaremos, chamando os nossos!

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de ouvir os sujeitos cujos corpos são atravessados pelo racismo, provocando que se enxergue como as corporeidades dessas negras mulheres professoras que alcançaram a universidade como docentes, interpretadas pelas próprias docentes e em que lugar elas se veem frente a essas fortalezas impostas pelo mito da mulher negra ser forte, do qual elas fazem parte.

Segundo bell hooks (1993, p. 133), os falsos adjetivos fortalecem o mito da mulher negra forte, fazendo com que apoios não sejam necessários, pois naturalmente elas são feitas para suportar e resistir a tudo que vier pela frente, tornando os problemas dessas mulheres questões somente delas, tornando-as solitárias.

Trata-se de uma travessia de histórias, de saberes, de memórias e de existências que ecoam em negras mulheres que sabem que não é somente a terra que nos firma, mas as nossas próprias raízes entrelaçadas em busca de curas capazes de aliviar. Esses rituais de encontros seguros nos exigiram uma escuta comprometida e um olhar ético.

Propomos, neste estudo, um diálogo que desencadeia os processos de reflexão e ação acerca das práticas de resistência exigidas nas vivências dessas intelectuais negras, bem como das relações impostas a elas. Conforme menciona Crenshaw (2002, p. 10) acerca da “sobreposição das pessoas [...] são as mulheres de pele mais escura que tendem a ser as mais excluídas dos seus direitos”, o que tem sido proposto pelos estudos acerca da interseccionalidade. As negações atingem também as armadilhas do mito da força dessa mulher e do epistemicídio como forma de negação do conhecimento. A experiência de negras mulheres está fortemente marcada por opressões distintas, porém interconectadas, que nos atingem e nos colocam em situações desiguais em relação a outras mulheres, já que

somos tornadas mais vulneráveis. É acerca dessas experiências que Nilma Lino Gomes questiona o seguinte:

Até que ponto o racismo e todos os seus mecanismos que interferem na construção da identidade racial da mulher negra, afetam a sua prática pedagógica ao trabalhar com a questão racial e ao enfrentar situações de discriminação? A mulher negra e a mulher branca que atuam no magistério possuem trajetórias semelhantes, simplesmente pelo fato de serem mulheres e professoras? Elas trazem valores, representações, ênfases culturais diferenciadas para o cotidiano escolar? (Gomes, 1995, p. 130).

Desse modo, trouxemos para o estudo aspectos relevantes acerca das múltiplas formas que atingem essas mulheres interseccionalmente, dialogando com autoras que nos ensinam e tencionam esses conceitos, como Kimberly Crenshaw (2012), Carla Akotirene (2019), Ângela Davis (2016) e Patrícia Hill Collins (2019). As práticas de negras mulheres são fortalecidas por suas lutas, são cenários onde elas ocupam espaços e ressignificam práticas, que os estigmas, estereótipos e representações impostas podem ser revelados, bem como as resistências que se construíram.

A professora Nilma Lino Gomes afirma que:

[...] embora nem sempre ocorra o reconhecimento dos educadores acerca dos valores culturais e ideológicos que carregam e que são responsáveis pelas práticas sociais e pedagógicas que desenvolvem, estes tornam a escola um espaço distante, da neutralidade que envolve os problemas interligados e, ao mesmo tempo, distintos relacionados a raça e classe (Gomes, 1995, p. 33)

Reconheço nesse pensamento da professora o espaço da universidade, rota que exige disputas de fronteiras permanentes em que, conforme a continuidade do pensamento da autora, “o corpo negro nos conta uma história de resistência constituída de denúncia, proposição, intervenção, revalorização” (Gomes, 2017, p. 95), e tem sido lido mesmo no limite, como um corpo que não necessita de cuidado, por ser forte.

Para a filósofa Sueli Carneiro (2012, p. 1), “a mulher negra nunca reconheceu em si a fragilidade, já que nunca foi tratada como frágil”. E ainda acerca de nós negras, Sueli menciona o conceito de epistemicídio cunhado por ela, o qual faz com que as produções acadêmicas de negras doutoras ocupem espaço de invisibilidade e desqualificação. A Universidade criou um processo que exige luta

constante para que os saberes negros sejam reconhecidos e ouvidos, pois eles não ocupam lugar de reconhecimento válido por serem produzidos por negras consideradas, de modo geral, inferiores intelectualmente.

Quanto ao empoderamento das negras mulheres, a intelectual Giane Escobar ressalta:

Assim, acreditamos na importância das próprias mulheres contarem suas histórias e, as mulheres negras, em particular, silenciadas por séculos, apropriarem-se de conhecimentos que as empoderam coletivamente e impulsionam a tomada de espaço na sociedade, já que outrora jamais foram consideradas como sujeitos na produção de ciência (Escobar, 2017, p. 108).

Queremos aprender com as estratégias científicas que elas desenvolveram, pois se tratam de rotas de fuga que garantiram suas continuidades, portanto, anunciamos os caminhos percorridos em que talvez dores e presenças, narradas possam ser experiências capazes de enfrentar as debilidades sociais, visto que a produção da não existência é derrotada pelas resistências e (re)existências dessas intelectuais, até então consideradas historicamente como vencidas. Resistências estas, assumidas como começos e possibilidade de acontecer, conforme acredita a educadora argentina María Lugones (2019), ao afirmar que existe uma tensão entre a formação/informação do sujeito e o senso mínimo de agência necessário para que a relação oprimir/resistir seja ativada.

Essas mulheres vão descobrindo as amarras que necessitam romper, ao se reconhecerem diante das imposições sociais pelas quais também são atingidas.

Concorri com todas as pessoas que tinham leite A

E lá na minha formação, comecei a ter consciência de classe também. E é assim uma formação completa como ser humano, enquanto consciência de classe. Durante as aulas, eu fui percebendo que a professora deu uma aula e eu fiquei pasma. Falei: 'mas esta sou eu!' Aí fui entender que eu já tinha uma consciência, pois na minha família já tínhamos essa questão do movimento negro, basicamente em Santos. O meu irmão era do movimento negro, os amigos dos meus irmãos. Eu lia reportagens. A primeira palavra que decorei em inglês foi 'Black is Beautiful'. Então, assim, meu irmão trazia, porque meu irmão era atleta, então ele trazia revistas enfatizando a questão do movimento negro nos Estados Unidos. E a gente fazia reunião do movimento negro em casa. Então, foi aí que comecei a me identificar com as crianças da África do Sul, que elas eram como eu, e eu comecei a perceber as coisas assim. E lá na minha formação, comecei a ter consciência de classe também. Então, um dia, em uma aula, a professora deu a aula de quem passava no vestibular, porque lá eu estudava com o pessoal que era chamado de 'os barões da cana-de-açúcar'. E Piracicaba era e ainda é, ainda estava essa questão do Proálcool, saindo essa

tecnologia do combustível a álcool. É uma região de cana-de-açúcar. Quem estudava e pagava era só os filhos e filhinhos e filhinhas de papais que tinham condições de pagar a universidade mais cara do país na época. Então, eu disputava com estas pessoas. E aí a professora, numa aula, falou dos alunos que bebem leite A e os alunos que bebiam leite C. E se bebessem... E aí comecei, eu me identifiquei e falei: 'Eu sou esse do C.' Concorri com todas as pessoas que tinham leite A, mas eu só entrei por causa da bolsa. Se eu não tivesse bolsa, eu não conseguiria estudar naquela universidade. Então, muitas coisas se abriram, e aí o engajamento político já entra nessa vibe de que o mundo não é fácil, né? Mas, ao mesmo tempo, tu já estás sem ilusões, entende? (**Ida Mara**)

O pensamento de Ida Mara também é defendido por Josiane Cruz (2014, p. 43), ao afirmar que as práticas de resistência são as ações inovadoras de sala de aula que não estão nos parâmetros tradicionais e que, mesmo não intencionadas, são capazes de criar renovações. Essas práticas se dão na busca de outros caminhos em que fazer coisas diferentes possam romper com o que tem sido imposto socialmente como norma.

Dessa forma, mostrar as negras/os que há caminhos a serem seguidos e que eles podem significar o fim de todas essas cicatrizes que ainda doem. Conforme dito por Conceição Evaristo em uma de suas falas no ano de 2021, não podem doer mais, é possível. O que vem sendo construído por essas negras professoras acadêmicas não pode ficar abafado, pois as memórias são também armas que podem nos garantir o acesso a muitos direitos até então negados.

Havia a hipótese de que essas mulheres construíram estratégias científicas para suas rotas de fuga, na garantia de suas continuidades na ocupação desses espaços, o que faz com que ressignifiquem práticas, mas também estejam presas à sobrecarga imposta a esses corpos negros.

As experiências e memórias, conforme Walter Benjamin (2007), são outras formas possíveis de expressão e representação. As narrativas, enquanto fontes da pesquisa, trazem esse sujeito, mulher negra, para o centro do palco com um protagonismo que somente ela pode ter, pois se trata de suas vivências e experiências libertas da invisibilidade e dos silenciamentos sociais dos quais os espaços acadêmicos não são exceções (Werneck, 2010).

A nós, negras mulheres, nunca foi reservado o cuidado ou resguardo. Essa possibilidade nunca esteve em jogo, assumimos dentro do que se apresenta como condição imposta – o enfrentamento – para poder seguir. Nossas condições de mulher negra são muito similares, pois historicamente se constrói socialmente essa necessidade de se fazer forte e, nesse sentido,

[...] as mulheres não raro defendiam seus companheiros das tentativas do sistema escravista de depreciá-los. Grande parte delas, talvez uma substancial maioria, diz Genovese, compreendia que, quando eles eram diminuídos, elas também o eram. Além disso, “elas queriam que seus filhos crescessem e se tornassem homens, e sabiam perfeitamente que, para isso, eles precisavam do exemplo de um homem negro forte diante deles”. Seus filhos precisavam de exemplos masculinos fortes do mesmo modo que suas filhas precisavam de exemplos femininos fortes. (Davis, 2016, p. 31).

Alessandro Portelli (1996, p. 8) nos diz que “a história oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas”. São as falas dessas sujeitas que podem traduzir a forma com que sua mobilidade social negra é tratada e percebida em um país em que o imaginário social faz questão de manter os estigmas da escravidão, e que eles sejam carregados em nossos ombros. Na mesa serão colocadas as subjetividades, ou seja, como essas mulheres se tornam sujeitas de si mesmas.

Frente àquilo a que nos comprometemos, houve a exigência de traçar os caminhos e também refazer as rotas, para que as descobertas fossem ocupando os espaços de compreensão nos contextos de sobrevivências de negras docentes e suas negritudes, em relação ao estereótipo de mulher negra ser forte. As dificuldades impulsionaram esta pesquisadora, considerada também fortaleza a procurar essas mulheres que estão em espaços de poder, em voos considerados fora da rota nas universidades, a visibilizar suas ocupações nesse céu acadêmico, não lido como o limite, anunciado no mito de “o céu é o limite”, por não cabermos em existências de aprisionamentos, mas de se soltar das amarras.

Reconhecemos o protagonismo das negras professoras que participaram da pesquisa e as nomeamos como sujeitas que são da produção de conhecimentos e na representação que realizam de si mesmas. O uso do termo sujeitas, neste estudo, não tem nenhuma relação com sujeição e/ou submissão, mas com quem é central nos espaços em que ocupa, aquelas que agem, tomam iniciativas.

Esses primeiros momentos da busca já foram reveladores, tornando-se perceptível que encontrar essas sujeitas não seria fácil, não em razão do mapeamento, mas pela quase ausência dessas negras mulheres dentro dos programas de pós-graduação. Tornou-se inevitável assumir um estado de torcida e de certa esperança impaciente de que esses corpos pudessem estar em algum canto da nossa terra, voando em bandos, mas aos poucos a expectativa foi se tornando ausente e deu espaço às inquietações e fortalecimento da necessidade de

seguir lutando contra os impedimentos que mantêm esses territórios não enegrecidos.

Ao constatar a dificuldade de encontrar esses rostos negros, fiquei reflexiva quanto ao que provoca nas juventudes intelectuais negras não ter essa representatividade nesses espaços. Que recado vem sendo dado para essas juventudes, essa falta de nós nesse espaço que também é nossa porta para a liberdade e poder, os quais são o conhecimento, a escola e a academia.

Não podemos ignorar que se trata do preço que não vamos mais pagar pela “perpetuação da cultura colonial de dominação, mesmo após o fim do sistema colonial, nas ações da colonialidade” (Ballestrin, 2013, p. 99), impondo movimentos de aniquilação que são extremamente caros para nossas negritudes, pois têm custado nossas vidas.

A colonialidade se refere à prática do “colonialismo que cria, deslegitima ou legitima certas identidades, para oprimir ou privilegiar, já que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula estas identidades, privilegiando certos grupos em detrimento de outros” (Ribeiro, 2019, p. 18). São as diferenças produzidas pela colonialidade¹⁵ para subjugar e oprimir. Não há relação com as diferenças culturais que “[...] confluenciam, ao ser energia que se move para o compartilhamento, para o reconhecimento e para o respeito. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia [...]” (Bispo, 2023, p. 4); é sobre não deixar de ser na relação com os outros, mas de se fortalecer com o outro a ponto de se tornar um.

O que esse sistema que ataca e impede que todos existam e que produz corpos presentes/ausentes responde a essas negras mulheres, que vêm estabelecendo mudanças com seu trabalho, com suas pesquisas e com suas culturas, ao distanciá-las das suas referências e do poder? Provavelmente, esses

¹⁵ “Colonialidad no significa lo mismo que colonialismo. Colonialismo denota una relación política y económica, en la cual la soberanía de un pueblo reside en el poder de otro pueblo o nación, lo que constituye a tal nación en un imperio. Distinto de esta idea, la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza. Así, pues, aunque el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo. La misma se mantiene viva en manuales de aprendizaje, en el criterio para el buen trabajo académico, en la cultura, el sentido común, en la auto-imagen de los pueblos, en las aspiraciones de los sujetos, y en tantos otros aspectos de nuestra experiencia moderna. En un sentido, respiramos la colonialidad en la modernidad cotidianamente”. (Maldonado-Torres, 2007, p. 131).

jovens estão acostumados a nos ver fora dos espaços de poder, mas logo gritam em mim argumentos que mostram que temos essa capacidade, mas que somos engolidos pela negação de quem somos e do que somos construídos, dessa forma por meio da qual opera o sistema racista.

Uma negra professora na academia, não é algo que esteve sempre ali; e isso faz com que ela tenha que provar sempre sua inocência, ressaltando sua capacidade de ocupar seu espaço, sem que tenha cometido nenhum delito, já que sempre será questionada quanto a como fez para chegar ali, ou seja, essa chegada é lida como algo fora da normalidade, que necessita ser explicada.

Estar na academia poderia significar alívio da carga pesada que envolve o resistir. Negra é negra em qualquer lugar que esteja e a mesma sociedade que nos pergunta “tu sabes com quem estás falando?” Responde com a negação dos nossos direitos dizendo “ela/es que se coloquem no lugar delas/es”. É nesse cenário de suposta tolerância, distanciada do reconhecimento, aceitação e respeito que as sequelas da racialização se mantêm em constante produção, das violências, das subordinações e de mortes.

A criação de estratégias que facilitam a busca foi importante, e seguir o roteiro de entrar na página de cada um dos programas de pós-graduação em educação, verificar o histórico do programa, após buscar as docentes, para posteriormente identificar as negras mulheres, foi o caminho escolhido.

Nos programas de educação, a quantidade de mulheres se equipara à de homens e, inclusive, em algumas instituições elas estão em maior número. Esse dado poderia simplesmente ser lido como positivo pela equiparação de gênero, mas se desfaz pelo recorte de raça, que acusa se tratar de professoras brancas a maioria das mulheres, sendo exceções a presença de negras professoras.

Quando observadas as fotos, pois nos seus currículos acadêmicos suas idades não são reveladas, com exceção a uma negra professora, essas mulheres brancas aparentam ser bem jovens. Nesse momento, me arrisco a afirmar que as professoras brancas aparentam ser mais jovens do que as negras, o que me faz entender que as primeiras, além de ter maior acesso e oportunidade que as segundas, fazem esse percurso mais cedo.

Foi bom ver que as negras mulheres trazem em seus Currículos Lattes aproximações, que entendo serem movidas pelos valores civilizatórios afro-brasileiros que nos aproximam e nos identificam nos temas de interesse, já que,

na quase totalidade (Gomes, 2017, p. 95), elas estão envolvidas em algum projeto ou coletivo que envolve questões raciais, de educação para as relações étnico-raciais ou com destaque para os coletivos negros.

A autodeclaração é necessária, mesmo que em determinados momentos isso possa gerar desconfortos e exigir retomadas reflexivas nos espaços negros.

Me autodeclaro uma mulher preta

Eu me autodeclaro uma mulher negra, de cor parda. Fui me declarar preta uma vez num seminário onde tinha mulheres mais retintas e causou assim... Depois, no intervalo assim, a professora de uma universidade¹⁶ veio falar comigo. Falei: "Olha, professora, para mim, no Mato Grosso do Sul, Campo Grande, sou preta, por isso, me declaro preta. Daí ela disse: 'Aí, Região Centro-Oeste, vamos definir as coisas. Você é uma mulher negra, é de cor parda e, em alguns outros lugares que tenho ido, também não me identificam como uma mulher preta. Eu aqui, para mim, me autodeclaro uma mulher preta, assim como tenho outras pessoas com quem convivo que têm a pele mais retinta, daí causa toda essa. Tudo isso daí que a gente tem vivenciado relacionado à autodeclaração, então é, se vou para um formulário, eu me autodeclaro preta. Depois, pois na minha já tá parda e, parda são todo esse povo que se autodeclara pardo, sem ter a ancestralidade africana. Então fica bem complicado, né? Mas se for para autodeclaração em documentos oficiais que eu vá preencher, eu me autodeclaro uma mulher preta, justamente por causa de todas estas outras questões que estão envolvendo o termo pardo. É, agora eu nunca havia sido abordada, assim como fui abordada, né, e aí eu, por exemplo, considero a professora. Você conhece a professora da universidade, eu a consideraria se for eu e ela, eu a considero uma mulher negra parda e eu me consideraria uma mulher negra preta, porque ela tem a pele um pouco mais clara e tem os cabelos, não tem cabelo afro como eu tenho. Bem, assim ficou desse jeito, mas não sei como para sua pesquisa você consegue colocar ou se faz diferença se você vai dizer que foram tantas pessoas que entrevistei, mas para dizer que nós até estamos lá no consórcio de NEABIS precisando fazer um seminário, né, porque até mesmo entre nós está tendo essa... Que para nós, não é problemático, porque somos negros, mas toda essa questão da heteroidentificação, que a perpassa por essa questão de pardo que todo mundo agora... Até branco se autodeclara pardo e virou toda essa confusão. **(Resistência)**

Nos momentos de dúvida quanto à raça de algumas professoras, já que somente duas dessas negras mulheres se autodeclaram no seu Lattes, e nem sempre o fenótipo era evidente, o registro descrito de seus temas/causas de interesse no Lattes contribuíram. O que não significa que não haja professoras não negras que sejam parceiras desses estudos. E ressalta-se que essas são parcerias extremamente necessárias na luta, mas que neste estudo elas não são requeridas.

¹⁶ Para manter o anonimato da pessoa mencionada na narrativa, denominei-a de "Professora da Universidade", e sem mencionar nominalmente a universidade para também apontar para a referida instituição.

Trago aqui 71 docentes negras mapeadas, número que pode ser considerado alto, mas refutado pelo privilégio e a desigualdade que se expressam no número de instituições, 64, que atendem as especificidades da pesquisa, assim como nos anos em que os programas foram iniciados e na permanente manutenção da hegemonia branca constatado na quantidade de docentes brancas.

Há uma margem de erro nos dados, provocada pelo número de mulheres, em total de 21, que não possuem foto no Lattes e também não nas redes sociais, o que as deixou fora do mapeamento, já que não foi possível saber a que grupo étnico elas faziam parte. Em muitos casos, foram os *cards* das lives realizadas durante a pandemia que oportunizaram a identificação.

Estou querendo (re)lembrar como tudo começou, como cheguei nessa necessidade de pesquisar esse tema que fala de negras, mulheres, professoras da universidade, mas que também fala de mim, da minha mãe, da minha avó, da minha filha, das minhas irmãs, fala de corpos negros que fazem histórias. Mas, diante de toda essa histórica caminhada que nos aproxima, ao ver essas mulheres em movimento e ao observar minha caminhada, desaparece o sorriso, que também insiste em expressar que já está cansado.

Sim, negras cansam e estamos sempre driblando essa condição, já que caímos no conto que não foi de fadas, mas que garantiu que a palavra limite não fizesse parte do nosso repertório, que nos tornou protagonistas de heroísmos, pois fomos dadas como as mais fortes. Aplaudam essas mulheres, negras, que são fortes por natureza!

O tempo foi nos jogando fora dos cuidados, dos reconhecimentos, dos direitos, das simples ajudas, pois, afinal, elas são poderosas, elas são fortes. E assim, fomos nos deixando levar por toda essa correnteza, mares calmos, mares agitados, maresias, tsunamis, e nessas águas vamos sendo reviradas junto às ondas e percebemos que também somos o mar.

Assim essas mulheres, mares revoltos, para gritar por si e pelas suas outras que habitam os oceanos, mandam recado pela correnteza: mulher negra não é mulher forte, é gente, é humana, sente, deseja e grita! Nessas águas geladas, essa negra joga tudo fora, já não tem mais o que despir, mas deixa nas águas a sobrecarga plantada em suas costas e anuncia que é o fim das exigências, pois a sobrecarga não cabe mais em nossos corpos.

Assim desaparecem corpos nascidos para resistir e surge na beira da praia uma mensagem na areia lembrando que os passos já foram dados e que a água não é capaz de apagar tudo, sempre fica alguma coisa. Incomodada, vou em busca de caminhos e caminhadas, entendendo que o ontem não será lavado pelas águas de hoje, mas que ambos fortalecem a vazão do amanhã.

Disso tudo, fica o desejo de ouvir negras professoras, que fizeram suas danças em águas desconhecidas ao se tornarem professoras de Universidades Federais, para saber se elas se reconhecem como fortalezas ao serem encharcadas pela afirmativa de que são fortes. Não há dúvidas de que o que resiste às construções e enfrentamentos na travessia dessas humanas, mantendo a água do mar em nossos rostos, se sustenta no sistema imposto às racializadas.

Sobre encontrar colaboradoras negras para a construção da pesquisa, sabíamos que não seria tarefa fácil, pois são minoria, como já foi dito, já foi divulgado, houve pautas acerca do fato. Os movimentos de reparação dessas ausências ainda não foram suficientes para que a presença negra na docência universitária não cause surpresa. Dessa forma, fiz uma pesquisa nas instituições federais que possuem programas de pós-graduação em educação e que têm negras professoras. Encaminhei um e-mail para aquelas que identifiquei com muito esforço e em número reduzido, mas as respostas à solicitação de participação no estudo não vieram.

Reencaminhando os e-mails, enviando recados no *Facebook*, algumas professoras fizeram questionamentos acerca do tema e justificaram a intensidade de suas agendas em projetos avaliados por elas como de extrema relevância, o que acabava as impedindo de assumir outras demandas. Junto a tais negativas, encontrei professoras que estavam realizando tratamento médico e que mencionaram estarem priorizando outras ações naquele momento, que se distanciaram dessa dinâmica da academia. É importante ressaltar que foram encaminhados e-mail inicial e segundo e-mail, mas nada de receber retornos para marcar as entrevistas.

Colegas do grupo de pesquisa PAMEDUC, vivenciando nossos pensamentos quase desesperadores, construíram uma rede, e muitos dos colegas e amigas/os buscam em suas redes possíveis professoras que respondem ao perfil definido, mas seguimos sem retornos.

No amadurecimento da pesquisa, percebo os fatores que possam ter impedido o movimento de participação das negras professoras, como a própria retroalimentação de tudo que experienciaram, já que o corpo inteiro será acionado novamente ao viabilizarmos essas subjetividades marcadas por suas memórias.

Diante da ansiedade de não ter as colaboradoras seguidas de euforia, pelo sucesso do encaminhamento do orientador, acabei entrevistando uma negra professora que não atendia o perfil, por não fazer parte de programa de educação. Mas ali estava eu a entrevistando, quando constatei, mas não hesitei em dar continuidade à conversa, e compreendi que ela poderia ser uma colaboradora que atende a outras reflexões na pesquisa que jamais invalidariam a riqueza de suas narrativas, então a menciono como colaboradora, sem a vincular a uma das regiões.

Quanto mais se estabelecia a negativa dessa presença negra nos programas de pós-graduação, mais eu reconhecia o sentimento de raiva se fazendo presente e fazendo-me rememorar em relação ao quanto nos tiram, mas também ao quanto ainda podemos aguentar sem que deixemos de acreditar nos nossos conhecimentos e na riqueza das nossas diferenças. Walsh (2009, p. 23), menciona que “a preocupação com a transformação das estruturas também envolve a preocupação com os seres de resistência, insurgência e oposição, os que persistem, apesar da desumanização e subordinação”.

Sim, os coletivos são fundamentais para a continuidade das lutas e enfrentamentos buscando a responsabilização do Estado diante da obrigatoriedade da garantia de direitos, mas também para estabelecer as estratégias de fomento à inserção, permanência e ampliação destas oportunidades. Nesses tensionamentos, os “movimentos negros, educadores em essência” (Gomes, 2017, p. 38) são fundamentais para o fortalecimento das subjetividades atacadas com crueldade a todo momento.

Diante da ausência dessas mulheres no espaço científico, torna-se cada vez mais necessário o fortalecimento de políticas públicas que obriguem a divisão do poder para que ele esteja também em mãos negras. Ações afirmativas que garantam a manutenção de suas permanências são fundamentais, pois vivemos na realidade do racismo estrutural que se materializa como elemento da organização econômica e política da sociedade, criando condições sociais para que grupos racialmente identificados sejam discriminados sistematicamente. Oliveira (2021, p. 63) apresenta “o caráter estrutural do racismo, isto é, que ele normaliza

determinadas tipologias de relações e que estas são aderentes à sociedade de classe”, e isso tem total atravessamento com a raça e com o gênero, ao manter a base de impedimento e negação do acesso aos direitos ao povo negro e indígena.

Foi sensível essa prática por fazer com que eu acessasse minhas experiências vividas como estudante negra, de ser quase sempre única, de não ter negras professoras ou de não ter no currículo as nossas questões na centralidade, sem que “reduzissem os negros a escravização ou a prática de rituais demoníacos” (Paim, 2023). Tratar de existências abordando o estado de alerta que a população negra vive, em primeira pessoa, é caro para nossos corpos negros, pois sabemos o que significa ter que dormir sempre de olhos abertos.

É importante poder evidenciar, no Lattes, as experiências das docentes negras, firmando comprometimento com as humanidades a partir de suas práticas e envolvimento com as lutas sociais, nas quais elas também estão do lado dos considerados fora do lugar. Elas devem saber o quanto é importante que possam operar dentro desse sistema em que a credencial é branca e colonial.

Na percepção de Walsh,

Decolonialidade é assinalar a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que posicionam de modo diferenciado grupos, práticas e pensamentos [...]. Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial, dirigido a romper cadeias e desescravizar as mentes; a desafiar e destruir as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade-estruturas até agora permanentes que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos. (Walsh, 2007, p. 9).

Ainda dialogando acerca da hegemonia, há uma cultura, uma ciência, uma etnia, uma religião, um gênero e uma classe validada, enquanto trancafiam e amordaçam outras ciências e culturas que dispõem de conhecimentos outros, capazes de produzir ciências referenciadas por tradições históricas.

Para Candau, os movimentos sociais têm sido decisivos para que as mudanças aconteçam, pois, conforme ele afirma:

Apesar do clima tenso, adverso e conflitivo, diferentes grupos e movimentos sociais continuam promovendo ações que visibilizem as diferenças, para que não sejam transformadas em desigualdades, contra preconceitos e discriminações e pelo seu reconhecimento e afirmação (Candau, 2020, p. 679).

Ouvir de negras professoras pioneiras de programas de pós-graduação o que sentiram e sentem estando nesses espaços, já que são lidas como negras mulheres fortes, é o que moveu nossa pesquisa. Nesse sentido, queremos saber das implicações do mito da mulher negra ser forte na vida dessas docentes que abriram brechas para ser possível termos outras negras professoras nas universidades. Essas “memórias têm poder como instrumento de luta em prol do reconhecimento e da valorização das culturas dos estratos afetados pela degenerescência de suas identidades” (Miranda; Araújo, 2019, p. 382). É nesse contexto da tradição oral, das narrativas e das memórias que os primeiros ensinamentos são compartilhados nas famílias negras, ensinamentos capazes de fazer com que, em toda nossa existência, possamos saber quem somos e porque somos.

A expectativa que os pais negros depositam ao dizer a seus filhos que estudem se justifica pelo entendimento de ser essa a herança que podem deixar e que ninguém poderá lhes tirar. Nunca o povo negro teve dúvidas da importância de obter conhecimento, pois aprendemos que quem tem conhecimento tem poder, e por isso lutaram e venceram para que seus filhos pudessem frequentar as escolas, mesmo em condições desiguais, das quais não tratarei neste momento, mas sobre o que Sueli Carneiro explicita que:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2005, p. 97).

As negras mulheres, em espaços de poder como a universidade e, especialmente, na pós-graduação, representam uma dupla conquista. Elas rompem com a subordinação masculina e tornam o epistemicídio um projeto derrotado pela incapacidade de perpetuar a desvalorização da intelectualidade, de grupos aprisionados na insignificância produzida pelo projeto de apagamento.

A falta de espaço para que a dimensão humana se fortaleça é mantido não somente pelas relações de poder que rechaçam os diferentes grupos socioculturais,

como também pela negação de outros modos de saber, poder e ser da diversidade cultural.

Receber a melhor formação não significa que possamos fazer escolhas, pois há impossibilidades construídas socialmente que visam impulsionar a classe trabalhadora para frentes de trabalho determinadas.

Moça pobre primeiro tem que ser professora e depois pode ser o que ela quiser

A minha mãe era professora, tinha um monte de amigas professoras e, de certa forma, eu gostava. E quando chegou a hora de fazer vestibular, a gente fazia testes e aí mostrava nos testes que qualquer atividade que tratava com pessoas eu poderia ir, inclusive Medicina, aí fiquei tentada, mas a minha mãe disse não, moça pobre primeiro tem que ser professora e depois pode ser o que ela quiser. Mas ela pensava primeiro em ser professora das crianças do primário na época, mas fiz colégio de aplicação, eu não fiz escola normal. Fiz o ginásio no Colégio de Aplicação, eu sou da primeira turma do Colégio de Aplicação da Federal do Rio Grande do Sul e, quando terminei o ginásio, a minha mãe não me incentivou, ao contrário. Ela foi da comissão que foi conversar com o reitor para que tivesse a continuidade de estudos no colegial, não era escola normal, mas ela não me incentivou necessariamente a ser professora, mesmo ela dizendo que moça pobre tinha que ser primeiro professora. Não a fazer escola normal, pelo menos. Aí fiz o clássico, escolhi o curso clássico e, quando fiz vestibular, escolhi o curso de letras neolatinas, licenciatura em letras neolatinas. (Petronilha Silva)

É inegável que o racismo define o destino das pessoas e que, por conta das pessoas racistas, há violências, perseguições e muito ódio, reprimindo a mudança do curso das nossas histórias e das histórias que até então haviam sido contadas a nosso respeito sob o olhar daqueles que nunca estiveram do nosso lado.

A demonstração de concentração de poder, no fim das contas, pode ser percebida, por exemplo, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, o mais antigo mapeado, com 52 anos, que possui somente sete negras professoras.

Não é possível mencionar que se trata de uma trincheira de disputas, pois as condições desiguais impedem que a peleja se consolide nas mesmas condições, tornando a dominação uma prática covarde e desigual, que pôde ser fortalecida nos últimos anos (2019-2022) por meio de um governo homofóbico, misógino, machista, racista, classista, o qual fez com que setores da sociedade vivessem momentos de êxtase e aprovação de suas barbáries. Dentre as atrocidades, houve a determinação de que

[...] questões relacionadas a gênero, sexualidade e questões étnico-raciais, homofobia e racismo, entre outros, não poderiam ser abordados em sala de aula e frente a esta situação houve o encorajamento de denúncias contra professores que não acataram a determinação (Candau, 2020, p. 679).

Senti a ausência dos ditos não racistas e dos defensores de uma única raça, a humana, em marchas renunciando a seus privilégios para que as vidas negras que repetem em coro que importam tenham seus direitos preservados. Bem como não foram significativas as represálias contra o autoritarismo imposto na indicação de reitores, negando processos de eleições e deslegitimando comunidades acadêmicas, assim como os processos democráticos que as definem.

Ao afirmar que a instituição é a representação dos sujeitos que a constituem, logo se torna necessário pensar o racismo institucional que seria impotente se não houvesse nas instituições os sujeitos que o mantêm. Essa estruturação da desqualificação negra é histórica e o povo negro carrega o fardo do estigma da escravidão nas costas, mas é esse que fortalece as lutas e fortalece o desarme das opressões, em que “a mulher negra nunca reconheceu em si a fragilidade, já que nunca foi tratada como frágil” (Carneiro, 2003, p. 1).

Olha, quero que você seja uma excelente costureira como sua mãe

Então eu queria... quando fiz o vestibular, estudei no colégio de aplicação e era uma aluna como sempre mediana, eu era uma aluna que não ia para todas as recuperações de unidade, não ia, mas já fui a algumas, mas não era aluna de dez. Então, minhas colegas eram dez e elas iam fazer Medicina e eu queria fazer Medicina desde pequenininha, então, meu padrinho, ele tinha posses, mas minha mãe costurava e ele dizia “olha eu quero que você seja excelente costureira como sua mãe”, mas eu não queria aquela vida de costureira para mim. Minha mãe costurava para a gente, não era nem para fora, era para a gente. Tá, mas eu não quero ser costureira, eu quero ser médica. Isso, desde pequenininha eu queria ser médica e fui pensando, né. Quando saí para fazer a inscrição do vestibular, eu disse: rapaz, eu acho que eu não passo não, eu vou fazer mesmo é Biologia, porque faço Biologia e no ano seguinte faço Medicina e pronto. Passo para Medicina, mas esse ano, se eu concorrer com as minhas colegas, eu não vou. E quando fui, consegui passar, não no primeiro semestre, mas no segundo consegui passar e fiz Biologia. Fiz o primeiro ano, fiz o segundo, aí fui gostando, sabe, fui ficando. Fiz experiências nos outros departamentos, nos outros laboratórios, não me identifiquei, fiz no de Educação, me identifiquei e fui. E o professor de estatística, que era básico na base, chegou e disse para mim: o que você escolher para fazer, seja a melhor. Ai, pronto, aí pensei ser uma boa professora, eu tive uma formação boa no colégio de aplicação e as professoras diziam assim, era uma formação de liberdade, sabe, e aí a gente tinha as explicações, a gente não tinha as declarações, mas explicava por que era aquele conhecimento, por que era importante, então sempre tive a sorte de ter formação na educação ou no colégio de aplicação, porque acho que isso eu trouxe para a minha vida como professora docente. Valorizar... O colégio de aplicação era um

colégio de rico na época, mas fui atrevida, porque lá entrava com seleção, prova, e aí entrei por prova, mas eu sabia que eu estava num... Concorri com dois alunos, [...] e eu acho que eram 40 e poucos candidatos. Nesse meio aí conseguimos passar, não sei se era 40 ou era 20, não tenho bem certeza, mas mesmo que seja 20, passar na frente de 10 pessoas acho que já foi uma vitória. Então não tinha como, então passamos eu e [...]. E aí foi a sorte, porque lá me fez ver várias coisas. No colégio de aplicação, eu não me sentia negra, eu não lembrava porque os meninos tratavam de igual, não tinha apelido, não tinha nada assim, era bem. Já, antes de entrar no colégio de aplicação, eu estudava na escola estadual, aí, sim, eu sentia o preconceito, eu senti a diferença porque acho que as pessoas estavam querendo, não sei o acesso, sei lá. Mas voltar da decisão não foi um objetivo, as coisas foram acontecendo e eu fui mudando e fui e dou graças a Deus, agradeço só gratidão, por ter conseguido ter uma formação, um emprego que me sustentou e que me sustenta até hoje. **(Ventos)**

As resistências se fazem nas práticas que nos desaprisionam das referências eurocentradas, para reconhecemos nossa experiência histórica, e isso vem sendo construído por essas negras professoras.

Esse não encontro de estudantes negras com negras professoras se aproxima da experiência que as crianças negras sofrem ao serem inseridas nas escolas, não visibilizarem negras professoras e muito menos o protagonismo negro nos materiais utilizados, por conta da negação da diferença e da construção das identidades afirmativas. Trata-se da fragilização de epistemes em um projeto educativo que se dedica a consolidar a força dos privilégios da branquitude¹⁷, resultantes de violências contra as diferenças, mas que encontraram práticas de resistência como resposta à ausência de uma educação que supere a inferiorização de alguns grupos. Segundo Candau:

[...] a interculturalidade crítica questiona as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, Étnico-Raciais, de gênero, orientação sexual, religiosos, entre outros; parte da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados (Candau, 2020, p. 680).

Práticas interculturais críticas ressignificam saberes e formas de poder, por afetar as subjetividades na construção de novas identidades que se libertam das estruturas da colonização. Na controversa presença de negras mulheres no poder, o

¹⁷ Branquitude é uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia. Ela assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro. (Bento, 2022, p. 14)

que é lido não se restringe somente à raça, já que se trata de uma negra, de uma mulher e de uma procedência da classe popular. A partir dessas condições, as opressões cercam interseccionalmente todas as negras, independente dos espaços que elas habitam. Conforme Patrícia Collins (2021, p. 12), as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia, faixa etária, entre outras, são influenciadas pelas relações interseccionais de poder e afetam os aspectos que envolvem o convívio social.

As práticas racistas são tão perversas que atingem em escalas que podem ser relacionadas ao tom de pele, assim como a nacionalidade, o que faz com que atinja as negras e negros de formas diferentes, mas atinge.

O professor brasileiro trata melhor o negro estrangeiro do que o negro brasileiro

A minha graduação foi interessante, porque viemos de um país minúsculo, para um mundo que é o Brasil, de dimensões continentais. Uma observação interessante é que algo que me chamou muito a atenção quando cheguei no Brasil foi que na universidade, os únicos negros que a gente via éramos nós estrangeiros, não havia estudantes negros. Isso foi, até escrevi um textinho no doutorado, algo pequenininho, um fragmento onde estão os negros brasileiros, que já era uma indagação que eu já vinha me fazendo, desde a graduação. Onde estão os negros brasileiros? E, então, eu vinha, foi algo muito interessante. Outra coisa, a gente era considerado estudante africano. Tinha acesso a alguns espaços, mas que a gente também não tinha pessoas negras praticamente nesses espaços. Isso é algo que me chamou muito a atenção, mas os professores eu achava muito atenciosos, tratavam a gente muito bem. Acabei criando essa ideia de que o professor brasileiro trata melhor negro estrangeiro do que o negro brasileiro, isso são... Risos. Então, sabendo que éramos estrangeiros, nossaaaa!!! (mais risos)... São algumas questões da graduação que me chamaram a atenção. **(Eugénia)**

Sem a presença de relações étnico-raciais, a experiência desse diálogo inexistente, e, sendo assim, a prática de um modelo de sociedade e de ciência única se torna uma máxima, descredibilizando quaisquer outras ciências construídas nos conhecimentos de outras culturas. Desenvolve-se aí a ideia de uma tradição eurocêntrica e colonial no centro de uma civilização, e se fomenta nesse processo a garantia da dissolução desse contexto de mão única, que tem negado a dignidade das humanidades.

Quando esses corpos negros conquistam suas entradas, transgredindo socialmente, estamos sim lidando com avanços que foram oportunizados por pioneiras, as quais trazemos nessa tese para poderem nos alimentar de suas experiências de vida.

Patrícia Pinheiro narra com maestria a construção realizada com as entrevistas a partir das narrativas das professoras:

[...] transformadas, por meio de um processo artesanal de tecer e trançar memórias e experiências, em miniaturas de significado, em centelhas de sentidos, em mônadas, [...] as mônadas têm o poder de tornar as narrativas mais do que comunicáveis, tornando-as experienciáveis. Elas são compreendidas como fragmentos literários encharcados de subjetividades, cristalizações das tensões inscritas nas práticas sociais, são elas fagulhas de sentidos. (Pinheiro, 2020, p. 41).

Em meio a tudo que me saltou aos olhos, não houve escolha a não ser encarar que há um empenho para que as desigualdades se mantenham. Porém, também podemos contar com muitos colaboradores que se empenham na realização de ações para que os silenciamentos sejam rompidos. Estar com essas negras professoras significa ouvir o que vem sendo dito e construído em favor das existências, (re)existências e sobretudo as sobrevivências.

A horizontalidade na construção da pesquisa comunica “[...] que la lucha es también por hacer escuchar la propia voz y que sea reconocida como legítima”. Se trata del derecho fundamental a ser escuchada y reconocida como voz horizontal, con interlocución válida” (Rufer; Cornejo, 2020, p. 10). Os autores ainda reforçam a intenção de diálogos científicos e não acadêmicos, por se tratar de ampliação de conhecimentos diversos.

Horizontalizar é necessário, diante da necessidade de desaprender a prática dos racismos, da homogeneidade criada para o apagamento e quanto ao reconhecimento e negação de privilégios. Há, sim, a produção violenta da não existência, que se estabelece no não questionar, sustentado pelo princípio de que “eles que se entendam com eles”, já que são considerados os não ser. Conforme mencionado por Fanon (2008, p. 108), “Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”, quando para o outro se trata da validação, da não existência do Tu.

É urgente fortalecer as dimensões humanas, romper com as normas, reencontrarmo-nos com nossa cultura de tradição oral, alimentar nossas memórias, para podermos seguir compartilhando nossas experiências ancestrais, saberes e fazeres que se validam pela tradição cultural e que, por isso, devem estar também na história.

A escola é o caminho para o projeto de sociedade que precisamos e, por isso, a humanização das ciências humanas está na pauta. Temos uma escola que reforça as colonialidades, e o que precisa nos mover é o reforço do que é bom. Para tal, precisamos ter a compreensão necessária das formas com que se constrói a desqualificação dos nossos corpos e de quem somos. As identidades negras afirmativas, a educação antirracista e crítica são percursos de ressignificação da memória, história e futuro dos grupos sociais em abandono.

O antirracismo precisa ser colocado em pauta, refletido e exercitado, e as implicações podem ser percebidas no pensamento de Lima (2023, p. 49), ao defender a prática de Educação Antirracista das Relações Étnico-Raciais (EARER) como política pública brasileira. De acordo com o autor, a EARER está a serviço da “colonialidade do poder” (Lima, 2023, p. 74). Nesse sentido, o que tem sido reprimido é a educação fundamentada na valorização e no respeito à dignidade existencial das pessoas negras, no seu direito humano ao desenvolvimento intelectual. Uma educação efetivamente fundamentada na justiça cognitiva e epistemológica sem segregação racial (ou de qualquer natureza) que é do que pretende com a EARER.

bell hooks (2022, p. 254) nos conta os reflexos dos apagamentos das culturas, que podem ser visualizados no comportamento denominado de branqueamento. Ela faz reflexões a partir do abandono que negros tiveram que fazer de si e dos seus valores, para se adequarem à cultura de domínio que acena a possibilidade de sucesso reproduzindo os comportamentos daqueles que sempre tiveram o poder.

A caminhada das colaboradoras da pesquisa se mostrou sempre muito lúcida e “verdadeiramente reflexiva, o que certamente as conduziu a práticas” (Freire, 1987, p. 29) que lhes possibilitaram condições de articular seus projetos “individuais” de promover condições de adesão a uma proposta de educação mais coletiva que respondesse às demandas carentes de reflexão.

Em consonância Munanga Kabengele (2022, p. 117) menciona que as práticas racistas, a xenofobia e todos os tipos de discriminações, notadamente religiosas, chamadas intolerâncias religiosas, são resultados do prejuízo que os movimentos impostos socialmente produzem, dificultando a convivência pacífica entre os diversos e os diferentes, fortalecendo as desigualdades assim como a violação dos direitos humanos.

Se por um lado há o empenho contra nós, é preciso dizer que não permitiremos a reprodução de práticas que garantam a sobrevivência dos fantasmas, mas seguiremos, sim, dormindo de olhos abertos, como nossos ancestrais já o faziam

2 CAPÍTULO 2 – OTIM, A HÁBIL CAÇADORA: QUEM NOS CUIDA NUNCA DORMIU E NÓS CONTINUAMOS DORMINDO DE OLHOS ABERTOS

OTIN GALA DUELEPÊ OTIN GALA DINGA DUELEPÊ OTIN GALA E AE,
OTIN GALA ADINGA DUELEPÊ OTIN GALA
(Reza de Otim)

Otim representa a força da mulher que luta, protege e que não se curva. Orixá, da água doce dos rios que não seca, que se ergue sozinha, e é reafirmando sua força que peço sua proteção.

No livro infantil *O lenço de cetim da mamãe*, de 2024 de Chimamanda Ngozi Adichie, ocorre um diálogo de uma criança negra, visivelmente triste com a saída da mãe e insegura com o possível não retorno. A mãe, como muitas mães, sabe que é necessário lutar, que é resistente pela existência, mas que acredita em si, o que a torna preparada para responder à filha:

Pela manhã, a mamãe escova os dentes.
-Você vai sair, mamãe? - Chino pergunta.
-Sim, Chino. Vou trabalhar.
-Você vai voltar?
-Eu sempre vou voltar, meu amor.
Tive uma ideia! Você quer brincar com o lenço da mama até eu voltar?
-Sim, por favor! (Adichie, 2024, p. 8).

Há uma dedicação para aprendermos a trabalhar, somos educadas para assumir o trabalho, conforme menciona Gonzales:

[...] não somos educadas para casar com um “príncipe encantado”, mas para o trabalho (por razões históricas e socioeconômicas concretas), a mulher negra não faz o gênero submissa. Sua prática cotidiana faz dela alguém que tem consciência de que lhe cabe batalhar pelo “leite das crianças”. (Gonzales; Hasenbalg, 2022, p. 36).

No entanto, negras mulheres nem sempre voltam para suas casas, mães negras, filhas negras, nem sempre voltam, e isso não choca!

Trata-se de uma violenta realidade que nos coloca em lugar de incertezas, pois somos violentadas, roubadas, assassinadas. Somos exploradas muito mais do que as mulheres não negras, e nossos direitos humanos negados não causam revoltas. Nessa falta de chamada de atenção, as violências que sofrem as negras mulheres me reportam ao crime que vitimou a professora Maria Beatriz do

Nascimento, 52 anos, historiadora, nascida em Sergipe, na cidade de Aracaju, ativista pelos direitos humanos de negras e negros, assassinada em 31 de janeiro de 1995, pelo companheiro de sua vizinha, que sofria violência doméstica e era orientada pela ativista.

A forma com que esses crimes são historicamente tratados ilustra como a sociedade compreende a gravidade da situação e, nesse caso, ocupa um espaço de não relevância, já que compõe mais um número em um país que assume os primeiros lugares do ranking mundial do feminicídio. Para nós, negras, com a morte de uma das nossas também morremos um pouco, já que essa professora deixa de abrir caminhos nas universidades, nas lutas, nas ruas e em sua própria caminhada, por enfrentar a luta que também considerou sua. Situações como essas exigem que ocorra o aquilombamento entre pessoas negras como forma de defesa, recolhas protetivas, onde possam se afastar da prática da violência que o próprio silenciamento das suas pautas impõe.

Neste capítulo abordo a forma com que as negras professoras foram recebidas, assim como as projeções em relação aos seus afazeres; são momentos de provocar uma aproximação com o que negras professoras recebem em suas chegadas, nos espaços dados como de desembarque. Lugares tidos, muitas vezes, como equivocados, ou seja, acham que você errou o local ou está aqui e agora o que faremos? Até quando estará? Desse modo, temos a oportunidade de saber como essas pessoas lidam com isso e sobre quais lutas tiveram que lançar mão para ocupar seus espaços de entrada em suas salas de aula. Acerca disso, Mirianne Almeida nos diz que:

[...] fala e aposta em uma prática pedagógica que aponta outros caminhos para desnaturalizar práticas racistas, resistências que fissuram a “colonialidade” e evidenciam diferentes possibilidades de (dês)construir identidades no contexto marginalizado; com sujeitos que resistem e se articulam para se fortalecer enquanto comunidade negra e, também, quilombola (Almeida, 2019, p. 20).

Assim, percebe-se na própria prática educativa política a “denúncia da realidade malvada e o anúncio da realidade menos feia, mais humana” (Freire, 2000, p. 56). Essas práticas, que se responsabilizam em fortalecer movimentos que promovam o reconhecimento de culturas e de identidades do povo negro, tendem a

fortalecer esses grupos, encontrando nas suas histórias e memórias as evidências de que temos que prevalecer avançando.

Ainda, respondendo à Mirianne, esses caminhos são capazes de conectar nossas lutas e melhorar as nossas condições de vida, já que desmascaram falsos mitos, como os relatados por Lélia Gonzalez (1984, p. 226), “Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem”. Então, por que inventaram o racismo?

Ambas intelectuais, Almeida e Gonzales, refutaram veementemente essa afirmação, já que o racismo é uma construção ideológica que proporciona privilégios sociais e econômicos às pessoas brancas, indiferentemente das classes que ocupem, afetando a vida de pessoas negras ao serem excluídos desses direitos.

A negra professora universitária, de instituições públicas e privadas, conforme mencionava Lélia Gonzales (Ratts; Rios, 2010, p. 46), “não bastava trabalhar teoricamente certos conceitos, era preciso também intervenção social, na qual se pudessem operá-los numa experiência de transformação”. Essa afirmação de Lélia requer fazer pesquisa, por exemplo, com os/as minorizado/as, abrindo espaços para a validação de quem elas são e do que elas querem se tornar, tendo suas ciências na roda.

Na realização das entrevistas com as narradoras, as inquietações da pesquisa começaram a ser elucidadas, já que estas mulheres apontam o que viveram acerca da militância política, da militância acadêmica, das ações afirmativas e da militância civil. Elas trazem fortemente a militância política de esquerda, assim como a ocupação de lugares políticos em suas atuações. Batalhas que passavam pelo poder que o conhecimento carrega nele também vão sendo narradas. Por exemplo, a primeira a concluir a graduação responde a isso, mesmo ao mencionar que a predominância da universidade ainda é de homens brancos. Essas professoras falaram sobre mover condições e, frente a isso, relatam seus aplausos àquelas e àqueles, seus discípulos, que as superaram e que construíram suas permissões para segurar o bastão e dar sequência a caminhadas em que pessoas negras já não se descubram únicas nos espaços.

Temas como a negação do conhecimento, o qual vai sendo colocado em dúvida, que acarreta necessidade de sobrecargas, que é necessário ganhar prêmios, que são as portas que vão sendo abertas, mas sem a devida consolidação

do reconhecimento das presenças, já que expressões do tipo “se ela passa eu passo”, “se até ela tem eu quero”, vão localizando as rejeições.

A certeza dessas mulheres na potência do coletivo recebe como punição, em muitos momentos, a maneira como o entorno nega suas parcerias. Assim, elas assumem os desafios e abrem os espaços pela necessidade da presença negra para o fortalecimento de políticas, pela urgência do trato de demandas negras reprimidas, o que faz com que a percepção das nuances que compõem as discriminações ainda choquem.

Essa necessidade colocada de provar seus valores traz uma certa redenção nas narrativas das professoras, quando elas mencionam que se tornaram referências para estudantes negras e negros, que suas ações ocupam um lugar de referência e, mais do que isso, que, em muitos casos, ocupam o lugar de primeira referência negra positiva na vida dessas pessoas, das nossas pessoas, da minha vida.

As memórias negras são como lágrimas que caem silenciosas e que carregam em si tudo o que nossos corpos armazenam; é como se tudo de nós estivesse no riso uma das outras ou em nossas caras fechadas, pelas memórias que nos lembram de nossos medos e segredos.

As mônadas carregam em si os sentimentos que nossas conversas produzem e, entre as falas, paradas, suspiros e risadas, há um caminho que vai se desenhando, capaz de nos fazer achar dentro dos diferentes tempos, sem que isso ative gatilhos, mas que nos faz compreender os abismos ou reconhecer que a criação deles é necessário para podermos ter o que nos roubaram.

Mônadas trazem esse todo em partes potentes, mas que não carregam promessas do ontem, já que não seria possível as cumprir, mas oportunizam que o ontem falei do não prometido, que parte do que temos hoje e se compromete com esse hoje, de ser possível pensar acerca do amanhã com os passos dados ontem.

As narrativas das professoras não são relatos descritos do passado, mas palavras carregadas de marcas, capazes de trazer o tensionamento necessário para as transformações que a produção de conhecimentos e a educação carecem. Essas “narrativas são conteúdo de um continente, da sua vida, da sua história e do seu passado. Como se o corpo fosse o documento” (Nascimento, 2018, p. 333) carregado de ontens, de hojes e de agoras.

Para a garantia de nossos futuros, as famílias negras, a maioria vivendo seus “caos”, reconheciam na educação a porta para que suas filhas/os pudessem ultrapassar as barreiras sociais colocadas. Essas filhas que narram aqui suas experiências, que fizeram de suas travessias, que possuem um histórico de desbravação de caminhos, os quais nunca foram novidade para quem as antecedeu, já que afirmaram que o estudo ninguém tira.

Diante da necessidade de estudar chegam as vitórias, como as narradas pela professora Resistência:

Fui a primeira a concluir a graduação

Acho que, para nós que somos negras e oriundas da classe trabalhadora... Fui a primeira da família. Sou a caçula de Caetité, e fui a primeira a concluir a graduação. Então, o orgulho da minha mãe, da minha família... Para mim, foi Letras, porque foi a primeira graduação. Foi a primeira vez que minha mãe, minha família, teve alguém que colocou grau, tirou foto... Tenho “álbuns e álbuns” de fotos... Aí, com a faculdade, eu passo em concurso, começou a trabalhar, a vida começa a melhorar. Me caso também. As outras graduações não foram tão difíceis.

Acerca do poder que o conhecimento oportuniza nos relata a professora Transformação:

A própria dinâmica em relação ao poder e em relação ao saber

Tive uma carreira acadêmica muito generosa no sentido de que eu poderia... teve alguns momentos que a dinâmica com os pares, questão de poder, a questão de... A distribuição de carga horária, dinheiro que vinha dos projetos, quem é que levava e coisa assim e a própria dinâmica em relação ao poder e em relação ao saber. A questão é que, quando cheguei à universidade, eu já cheguei fazendo o doutorado, na época em que ninguém fazia doutorado, então isso já me colocava à frente de muita coisa.

A vida nesse trilhar da educação também é mencionada pela professora Transformação:

Amanhã é dia de lutar pela vida, bora lá!

Acredito muito na educação, acredito porque tive provas. Não foi só por conta de um entendimento conceitual, é porque vi pessoas que tremiam no começo para falar em sala de aula, meninas negras ou meninas gordas, eu lembro de uma, que tentava se esconder ao máximo. Eu sempre fui... minhas anteninhas são bem boas, capturo rápido quem é que está aqui, quem habita estas pessoas e eu tomava medidas, aí no final da aula eu ia falar com aquela pessoa como quem não quer nada. Outro assunto, mas ficava conversando, começava a me comunicar mais com aquela pessoa, aí eu via o que era que aquela pessoa tinha se tornado ao final do semestre.

Percebi ao longo do tempo a potência que você tem de fato de mover condições e mobilizar as pessoas a moverem-se, eu tive provas disso. Então era algo que eu pensava: amanhã é dia de ir para a universidade, eu dizia, amanhã é dia de lutar pela vida, bora lá!

Pessoas negras têm lugares estabelecidos, socialmente, de circulação e (des)acesso, e a professora Petronilha da Silva ressalta sua experiência acerca dessa projeção:

As pessoas não acreditarem que tu pudesses ser a professora

Conforme te disse, sou filha de uma mãe professora que, de certa forma, me ensinava o caminho das pedras e que tinha que saber como enfrentar esse tipo de desafio, né, que põe as pessoas não acreditarem que tu pudesses ser a professora. Coisas assim, mas como te disse, o fato de ser filha de uma professora negra e que tinha amigas que também eram professoras, né? Então eu também ouvia as histórias delas e a minha mãe me ajudou bastante na forma de a questão é ter o nariz em pé sempre.

O conhecimento e seu lugar de poder têm endereço certo, conforme a professora Eugénia reafirma:

Eu ainda vejo a universidade como espaço predominantemente masculino e branco

Sim, sem dúvida. Continua até hoje, nós temos o Amapá. Amapá que se considera o estado em que a população se declara... Assim, 75% da população se declara negra, juntando pretos e pardos, mas no espaço da universidade é muito pouco que você vê. Claro que hoje você vê um pouco mais, por conta desses editais de políticas afirmativas, das cotas desses editais da pós-graduação, então você vê mais. Mas mesmo assim eu ainda vejo a universidade como espaço predominantemente masculino e branco.

Essa projeção social, que se esforça para delimitar os espaços de circulação negra, jamais intencionou que essas negras estivessem em movimentos de poder. Dessa forma, cria-se impedimentos que vão sendo refortalecidas, com o intuito de impedir a inserção de grupos que não fazem parte da hegemonia estabelecida de acessar.

Ainda que a “negrada” esteja rompendo os muros da favela, da vila, dos becos e dos bairros, esses processos são temidos e vistos como exceções, inclusive para muitas de nós, pessoas negras até pouco tempo, que havíamos introjetado que estaríamos na base. Estar na base é sobre administrar na falta, nas sobras, na sorte; e o que andamos fazendo é sobre criar rotas que nos deslocam a outras

posições, que assumimos que objetivamos vencer, o que até então tem se dedicado a nos eliminar.

Essas ausências constroem o que Vilma Piedade (2017, p. 45) conceituou como “Dororidade, que é onde são guardadas as dores, sofrimento moral, mágoas, pesar, aflição, dó, compaixão”. Esse emaranhado de ataques são provocados pelo racismo, pelo machismo e também pela classe, conforme ressaltado pela autora. A Dororidade entra quando sai do contexto das vivências de negras, é a sororidade (Piedade, 2017, p. 16) que traz em si o apoio, união e irmandade entre essas mulheres. A autora nos faz descobrir o quanto precisamos aprender a acolhermos a nós mesmas e a nos perdoarmos, por fazer do trânsito da Dororidade as pontes mais firmes, mas que na maioria das vezes nos jogam em águas solitárias nas quais o encontro com os medos é inevitável. Ainda sabemos pouco acerca do quanto somos capazes de carregar nossas vitórias sem carregar toda a nossa gente, pela incessante sede de sermos ouvidas, lidas, enxergadas, sentidas.

A instrução, o saber, o “BEABÁ”, o estudo, o conhecimento, o saber das letras e dos números, enfim, o ir à escola é uma chegada vitoriosa, que vai pôr em festa várias gerações de famílias negras, pois as papeletas do armarinho, da venda ou do banco ficaram manchadas de seus dedos ao colocarem suas impressões digitais onde deveriam estar as suas assinaturas. Diante do desejo quase impossível de acessar a escola, muitos se orgulhavam em dizer que seus compromissos eram firmados pela palavra, mesmo que em muitos momentos foram simplesmente a solução possível devido à ausência das letras escritas negadas.

Uma negra não chega em conquistas sem que tenha percorrido caminhos não indolores, mesmo que não tenha que ter se colocado aguerrida, certamente rompimentos de estruturas foram necessários e os rastros produzem rotas que serão trilhadas por outras e mais outras. Os movimentos produzidos nessas chegadas ecoam, pedindo o alívio das dores daquelas e daqueles para os quais a travessia não ocorreu. É festa quando passa de ano, quando aprova no Enem, quando acessa a universidade, quando assina a carteira de trabalho, quando se habilita condutora, mas estamos falando de festa coletiva, de xirê.

Essas chegadas negras são ressonâncias coletivas que se referem aos resultados dos estímulos externos que carregam em si a mesma frequência/desejo de vibração, por se referirem ao começo, meio e fim nosso, onde lágrimas nunca foram autorizadas a se fazerem presentes, mesmo quando os dedos

manchados e segurados com frieza os faziam lembrar que não sabiam escrever. Silenciosamente, muitos de nossos pais diziam a si, pediam em sua fé, gritavam gritos silenciosos de que suas filhas e filhos um dia seriam doutoras e doutores, e não é que essa “negrada” sábia, já anunciavam muitas de nós.

Aqui neste estudo se constrói uma dessas doutoras falando com outras e já anunciando que seremos lidas por mais e mais outras, que se tornarão as próximas. Assim seguiremos como nos foi destinado, pelas bênçãos dadas pelas avós, pelas nossas mães e pelas nossas Yás.

É sobre alguém vir antes abrindo o caminho para que as chegadas possam ter espaço de celebração e entrega suficiente, para que o movimento das continuidades aconteçam, como a professora Ventos nos conta:

Agora vou sair, para ela entrar

Então eu queria dar oportunidade para estas pessoas que estavam terminando seus doutorados e coincidentemente são minhas alunas, foram minhas alunas, minhas orientandas. Digo não, está na hora de sair e aí fiquei na pós-graduação, só na pós-graduação, me aposentei, e fiquei só na pós-graduação. Aí acontece que uma entra e aí tinha outra que também me supera, essas minhas discípulas são os discípulos porque os meninos também, porque estão aí fazendo um trabalho maravilhoso. Então está na hora de me aposentar mesmo e deixar esse pessoal, porque enquanto eu ficava lá como voluntária, estava ocupando lugar e a menina não entrava. Aí eu disse: 'Não, agora vou sair, para ela entrar, aí sai, ela fez a seleção, aí a seleção é mais simples, era só mostrar o currículo e entrou. Mas de vez em quando vou lá, faço alguma coisa... dou uma palestrinha, me convidam para falar numa aula... Tá tudo certo!

Não há nenhum momento em que corpos negros não tenham que fazer escolhas. A vida é um tensionamento permanente. É desse lugar que se assume a ação política frente aos movimentos que temos que fazer, movimentos que não se destinam somente ao embalo de nossas saias, mas para embalar nossos corpos às conquistas das negações. As experiências, nos espaços que vêm se tornando negros, nos exigem que nos aliemos aos não negros que se responsabilizam pela necessidade de mudança, que se reconhecem como beneficiados pelas negações, das quais as lutas políticas são fundamentais para que se promova e se garanta os direitos da população negra e, em especial, das negras mulheres.

Há um cancelamento, referente às presenças negras, também fortalecido pelo “Mito [...] discurso em que se fundamentam todas as justificativas da ordem e da contraordem do simbólico” (Piedade, 2017, p. 32). Respondemos aos discursos

que nos negam da forma que somos, pessoas politizadas e lúcidas que sempre souberam para onde ir, por saber onde vamos chegar.

É sobre se tornar luta e colocar-se no lugar de defesa, junto aos coletivos que se referem às professoras, pois seus corpos abrigam amor, dor, as/os orixás, mas sem que deixem de ser lutas. Há defesas que podem movimentar a sociedade, conforme relato da professora Petronilha da Silva:

**Foi uma experiência enquanto estudante bastante interessante,
experiência política**

Talvez uma experiência de militância política significativa, foi a primeira greve de estudantes que houve, nas federais. Eu era estudante e nós ficamos o primeiro semestre praticamente todo em greve e naquela época tinha dois exames, em junho e em dezembro, e nós não fizemos. Quem não fizesse, quem tinha algum problema fazia a provinha. Foi a primeira greve mais longa, aliás, nem fazem mais greves, (*riu*)... Ela foi praticamente todo o semestre e perdemos os exames, ninguém foi fazer exame do primeiro semestre e tinha a média, né? Quem tinha a média do exame do primeiro semestre, mas todo mundo fez o exame de dezembro porque ninguém tinha a média, ninguém tinha feito. Acho que esta foi uma experiência enquanto estudante bastante interessante, experiência política, embora eu não fosse do centro acadêmico, não fosse uma grande militante acadêmica. Mas fazíamos tudo, pelo menos no curso que eu fazia, na turma que eu fazia as decisões eram tomadas juntos, todos na mesma posição, a gente discutia e quando ia nas assembleias íamos em grupo. Essa, acho que foi uma experiência significativa do ponto de vista político.

Esses espaços de luta carregam sofrimentos, conforme nos relata a professora Eugénia :

Estudantes negros ainda não estão aqui

Eu acredito na educação, eu tenho um lugar político que eu preciso ocupar e eu penso que a sociedade amapaense também depende daquilo que posso proporcionar. Quando olho para trás, por exemplo, vejo que, apesar de eu ter sido criticada um tempo desses, mas [...] você só dá oportunidade para estudantes brancos. Cadê os estudantes negros? Os estudantes negros ainda não estão aqui, não estão concorrendo, eu não posso ir atrás deles. Apesar de que muitos brancos já se prevaleceram dessas oportunidades, agora que a gente está vendo essa abertura para estudantes negros, então a gente está modestamente dando a nossa parcela de contribuição, para essa sociedade se tornar mais justa, com mais espaços de igualdade pelo menos. Então é isso que me anima a continuar contribuindo para a gente... Eu não sei se a gente vai acabar, mas pelo menos diminuir essas disparidades que existem na sociedade, no Amapá, como no Brasil como um todo, como em Cabo Verde, como em Portugal, como em tudo. Daí o que me anima é essa, como é que eu diria, ta faltando uma palavra aqui... É essa predisposição para contribuir nessa luta contra o racismo, nessa luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Isso que me move.

As experiências narradas pela professora Transformação, a seguir, são práticas de resistências que se fizeram negando as violências e aculturações que advêm da colonização:

Era aquela face tradicional da luta, não tinha as questões raciais

Fiz a minha graduação de 76 a 80 na UFRGS na Faced, curso de pedagogia. Foi um tempo em que ingressei por algo que eu já tinha uma sensibilidade aguçada, pela convivência familiar que era a militância política, essa militância política de esquerda, no sentido tradicional. Então comecei logo a participar do diretório acadêmico. Isso é um marcador na minha história de graduação, ter sido membro do diretório acadêmico. Mas assim, com um período em que fui presidenta do diretório acadêmico, fiz parte dele todo tempo do curso e como eu a partir do segundo ano fui morar na casa do estudante da UFRGS, aí isso era uma coisa muito forte. A maioria de nós lá na casa éramos 40 mulheres, eram de diretório acadêmico, raro as que não eram. Aquilo lá incitava e cultivava ajudava a cultivar, essa disposição para militância, mas era uma militância no campo do progressismo. Do progressismo e não só porque cheguei a fazer parte de grupo clandestino de estudos de texto proibidos na época, mas era aquela face tradicional da luta, não tinha as questões raciais.

Há a necessidade de articulações, que derrubem as “marcas das ausências e, é desse lugar de silêncio histórico, pelo estabelecimento de não lugar e pela invisibilidade do não ser sendo” (Piedade, 2017, p. 17), que militar transborda sentido, conforme relatado pela professora Transformação:

Era uma coisa muito linda eu ver a minha mãe ajudando as crianças a estudar no balcão do armazém

Depois, com a história familiar, entendi um pouco, a minha mãe estudou até o que corresponderia o sexto ano hoje do fundamental, lá no campo, lá em Lavras. Ela sonhava em continuar estudando e foi preceptora, ou seja, ela foi convidada por uma família de fazendeiros para ensinar as crianças. Ela foi morar nessa fazenda e lá ela só ensinava as crianças. Isso foi num tempo em que ela dava as aulas e depois, no final do ano, ou na metade do ano, não lembro a frequência, vinha um inspetor literário fazer exame com as crianças e ele dava a titulação como se tivessem ido à escola. Eram soluções para a falta de escolas no campo. E quando a gente depois, ela teve um pequeno comércio por vários anos, né? E meu pai trabalhava de motorista, tratorista no zoológico, e ela abriu um pequeno comércio num bairro vizinho. Ela simplesmente ensinava as crianças no balcão. Quando ela fechou o armazém, o pai já tinha se aposentado, e, ela continuou atendendo as crianças dentro de casa. A essas alturas, eu já tinha iniciado a pedagogia e então acho que essa pedagogia meio que sem saber tinha uma... eu via aquilo, né, e era uma coisa muito linda eu ver a minha mãe ajudando as crianças a estudar no balcão do armazém. E eu acho que veio dali e ela tinha não só essa coisa de ajudar, mas tinha outras atitudes dela, ela tinha encantamento pela escolinha, chamava, Grupo Escolar, ficava meia quadra do armazém, ela fazia tudo para ajudar. Se a professora fazia rifa, ela pedia para as crianças cartelas e ajudava a vender. Tudo que ela podia, ela ajudava, recolhendo jornal, ela recolhia e repassava, ela tinha um

engajamento civil, uma militância educativa civil, então acho que a tal da pedagogia foi por aí, num nível afetivo e invisível. **(Transformação)**

Os atravessamentos que atingem pessoas negras deixam marcas sem pedir licença, mesmo que pareçam ausentes, pois são presenças, conforme a colocação da professora Transformação:

Ingressei na militância acadêmica pelas ações afirmativas

Ingressei na militância acadêmica pelas ações afirmativas e eu sabia que era campo de confrontação, mas não tive nenhuma fustigação pessoal ou em relação aos meus saberes, pelo menos que tenha chegado até mim. Podem ter feito, mas não diretamente e nem me trouxeram, acaso tenha havido.

A militância não faz parte das intenções de práticas intelectuais que ocupam o palco. Os aplausos e aclamações da academia já que beiram a panfletagem, a não neutralidade e quem sabe até o exagero chamado de “mimimi”. Pensar projetos, orientações e oportunidades nos exige que saibamos que nossos textos científicos, não devem carregar em si militância, nem denúncias e ou anúncios, mas as ideias já sinalizadas pelos pensadores clássicos, reconhecendo seus feitos e, assim, mantendo-nos no espaço que eles nos oportunizaram, de sombra de suas verdades únicas.

Onde estão nas escolas os representantes de turmas, os grêmios estudantis, os conselhos participativos? De que forma ocorre essa participação? Quem dá o tom? E os movimentos estudantis que resistem aos regimes impostos conseguem ampliar as ações que vêm sendo levantadas nos movimentos sociais, contra as diversas conexões que se mantêm nas escolas e na academia?

Essas mulheres já estiveram nessas frentes. E sem postagens, sem curtir ou compartilhar, seduziram e captaram outras. Com seus movimentos foram se movimentando, fazendo esforços bem-sucedidos e capazes de ainda hoje fazer de nós sujeitas dos debates públicos e atuantes nas ações políticas.

O que fizeram essas negras professoras reluzem na esfera legal, pois elas se tornam inimigas de um estado que se coloca contra a vida negra. Elas, e suas frentes, produzem segmentos negros de luta que reivindicaram a vida negra, o direito de negras e negros com humanidade, o que há muito tempo nos tem sido negada.

Essa militância política negra não se envergonha de se encarregar de dizer que existimos, que temos o direito à existência, mesmo que tenhamos o privilégio do pranto e da agonia, conforme cantado por Elza Soares (1974), na música *Pranto livre*.

Há uma briga diária, que nem sempre é coroada pela vitória, já que ainda lideramos os corpos do asfalto, do desemprego, dos analfabetismos e das diversas violências, pois somos os números que se distanciam do menos um, definindo a presença do que deveria ser ausência, da agressão, do direito, da invisibilidade, da oportunidade.

Essa militância antirracista e antissexista nos entrega a cada dia as ferramentas para podermos dar continuidade às transformações conseguidas, que nada teve de ilusão de facilidade, mas que se ergueram com esforços bem-sucedidos e comunicam que estamos aqui e não para recuar. Fazer essa comunicação de mulher negra não é privilégio, mas experiência que é nossa de defender esse sujeito político. Mulher negra que inspira, que motiva, que vai em frente e não se perde no mundo, pois não tem a opção de “morrer na beira da praia” e, por isso, cuida, mas faz o chamamento para a roda consciente, ativa e proponente.

Há uma luta na qual sorrir assumiu a transgressão, porque nos foi exigido reprimirmos tudo que é sentido, para nos mantermos sobreviventes.

Descobrimos que esse lugar da dor é também arma, pois com choro e grito coletivo derrubamos e assim encontramos todos os lugares, nossos lugares, sem que tenhamos que lutar contra nossas próprias dores, mas nos articulamos a partir delas.

É nosso compromisso político levarmos nossas questões raciais em todos os lugares em que estivermos, entendendo que essas ações não somente constroem identidades, como também as reafirmam e fazem-nos negras mulheres políticas.

Os pés de mulheres como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luíza Barros e Conceição Evaristo, as colaboradoras deste estudo, minhas mais velhas e todas as que vieram antes doeram de tanto trilhar caminhos que proporcionam, a nós, as negras mais jovens, estudar e trilhar os espaços brancos da academia, da liderança e da vida.

A professora Ida Mara evidencia a forma como o conhecimento negro tem sido tratado no espaço acadêmico:

A tese a gente não defende só ali a gente defende várias vezes

Com 33 anos, doutorei com 33 anos, era uma época em que ninguém fazia doutorado com 33 anos, tanto que isso foi problema, porque fiz uma tese que abria campo de conhecimento e a banca esperava uma tese que me coroasse. Eu falei, não posso coroar uma carreira que eu ainda não fiz, eu estou abrindo campo da minha carreira que vou fazer e não a carreira que vocês estão chegando. Surpreendi eles na minha tese e eu por pouco não fui reprovada. Eu só não fui reprovada na tese porque fiz a pesquisa e a minha pesquisa foi por dois anos, então tinha muita coisa, mas sou da síntese, eu não sou da análise. Teve uma professora minha que falou que a minha tese era do tamanho do anexo dela. Aí falei, mas... Então, isso foi, a minha tese. A defesa da minha tese foi bem complexa e, para mim, de certa forma, foi tipo assim: prepare-se porque é esse o lugar que você está entrando, então foi um alerta. E foi muito interessante porque sonhei na minha defesa que eu estava tendo um bebê sozinha, eu tirava um bebê sozinha na minha mesa, era uma mesa onde eu estava expondo o trabalho e eu tirava o bebê, negro lindo assim e mostrava toda? O meu bebê. Na véspera, falei: 'É isso, o filho é meu. E eles estavam assim, ficaram assim, pois eles não tinham argumentos e era uma pesquisa longitudinal, os dados estavam todos lá. Por outro lado, tinha uma consistência, aí abri, cada capítulo da minha tese era uma possibilidade de estudos para ser aprofundado e aí falei o estudo exploratório sobre a criança não visual. E eles falaram que não pode uma tese ser um estudo exploratório, tem que ter confirmações, tem que ter tatá e tem que ter titi. Falei, gente, eu vou levar minha vida para provar isso que estou propondo aqui, vocês já viveram isso, eu não, aí ficou uma briga, a minha tese levou 5h ou mais. Eles brigaram entre eles, orientadora e as pessoas lá da banca, sei que foi uma muvuca, mas passei. Daí passei, você vê como o mundo dá voltas. Dali, 25 anos depois, a mãe do sujeito da minha tese me liga para eu ir à formatura dele. Ele é uma criança cega e ela falou para mim: 'Ainda concordo em fazer o trabalho contigo, mas você tem que me dizer o que posso fazer, para meu filho não ser uma pessoa que vende cartão telefônico na Felipe Schmidt. Você pode fazer toda a pesquisa que você quiser com ele, mas você vai ter que me dar essa resposta. E fui para a Inglaterra, pesquisei, falei com professores que eram cegos e que eram professores na universidade, então peguei um monte de referências e pessoas já. Porque na Inglaterra, quando fui fazer a pesquisa de doutorado lá, o ministro da justiça era uma pessoa com cegueira, então fui falando isso para ela. O seu filho tem condições, você tem que dar formação para ele e ele vai ser uma criança. Eu estava trabalhando com uma criança com 18 meses e fiquei 18 meses até três anos fazendo a pesquisa um ano e meio porque trabalhei a transição do sensório motor para a inteligência representativa, o papel do corpo na linguagem, pois estava com a questão do movimento e tal, já trazendo. Aí, quando dali 25 anos, essa mãe me liga e queria que você estivesse na formatura dele. Daí falei: olha a minha tese defendida. Falei que essa era minha tese, que a criança com necessidades especiais com cegueira tinha a possibilidade de desenvolver plenamente como qualquer outra criança, e aí a mãe fez uma homenagem para mim, me agradeceu, a tese foi defendida 25 anos depois e a gente não defende só ali, a gente defende várias vezes a nossa tese e aí essa tese foi defendida.

Há mitos que se encarregam da manutenção da violência e dos privilégios da branquitude, que “ocultam algo para além daquilo que mostram” (Gonzales, 1984, p. 228), ao naturalizar a inferiorização de mulheres e pessoas negras (des)qualificando, (des)reconhecendo seus conhecimentos e experiências. Sueli Carneiro aponta o epistemicídio como elemento de racialidade, pois hierarquiza pessoas, produções, pensamentos e experiências negras, inferiorizando-as e medindo-as como menores.

É sobre a invalidação dos conhecimentos e das experiências, que a professora Ventos conta:

Eu não sei se está relacionado com a raça

Eu não participava, participava das reuniões, mas não participava. E eu, como bióloga, sempre, o biólogo tem uma formação mais positivista, de buscar, de se virar e fazer a sua vez. Então, eu fiz. O grande problema do departamento da educação, porque eles ficavam reclamando que eu não tinha o pensamento coletivo. Se eu pedia um telefone, eu tinha que solicitar telefone para todo mundo, se eu for pedir telefone para todo mundo, eu não vou ter o meu, pois a universidade não vai dar. Ah, se quer um computador, tem que pedir para todo mundo. Agora eu não sei se está relacionado com a raça ou como eu não participava das reuniões, falar, eu sei que quando passei no doutorado, causou muito espanto, né, aos colegas. Olha, a [...] passou na USP, passou de primeira, causou um espanto assim porque eu não falava muito, eu fazia as minhas coisas, eu não interagía com eles, tinha uma vida à parte, né. A ponto de uma pessoa, que nasceu 5 anos depois de mim, mas no mesmo dia. Ela chegou para mim assim, [...] como foi lá, daí falei: se eu não passar no Rio Grande do Norte, vou fazer na USP, se você passar, eu passo. Só que não é bem isso. Então, estas dificuldades, tive, eu não tive dificuldade com a matéria, não tive, para ir para a sala de aula. Eu queria um carro para viajar, eu sempre consegui levar os alunos para excursão, não tive problemas, material também eu nunca tive problemas, também eu nunca esperei por ninguém.

A sociedade brasileira legitima suas formas de dominação e poder com suas ferramentas de opressão e desigualdade, interseccionalmente, conforme apresentam as memórias da professora Ventos:

Ela não esperava muito

Ah, eu não sei, viu. Eu sei, você vai dizer que sou convencida mesmo, mas olhe todo lugar que eu... Ah, pronto, quer ver uma coisa que eu não falei. Eu, quando fui fazer o pós-doc, fiz em Porto, Portugal, e aí fui chamada para um evento, eu fiquei por último para falar, aí tá, terminei e aplaudiram, cantaram comigo porque falei sobre a educação ambiental e no final coloquei aquela música Sal da terra, os slides e aí as pessoas, né?... Então fechei, aí uma das organizadoras portuguesas que estava apreensiva, nunca tinha me ouvido, mas que, se fosse assim, ela não esperava muito,

né, que foi um encerramento com chave de ouro. Ficou claro que ela não esperava que eu falasse do jeito que falei. Aí lembro também do meu doutorado, na defesa, meu orientador chegou e disse assim, que não esperava que uma mulher negra e nordestina que vinha de uma universidade PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação), fizesse uma tese do jeito como fiz, tá bom?

Os mitos se aproximam dos boatos que visam se consolidar como verdades, o que nos exigiu a criação de estratégias para derrubá-los, como a de que nós negras não acreditássemos que deveríamos ir embora dos espaços que jamais intencionam ser ocupados pelas negritudes. É sobre sombras, vazio, ausência, fala silenciada, nominada por Vilma piedade como “dororidade” (Piedade, 2017, p. 16), que trata da dor causada pelo racismo, pois essa dor é preta. Essas dores requerem muito mais do que a subida de uma negra e a puxada da outra enquanto método, mas de ser nos diferentes processos. Todas as outras negras, reafirmando, anunciando e agindo para que as expectativas negras possam se validar pelas forças dessas pessoas que não chegam sozinhas.

O epistemicídio chega tão cedo nas vidas das pessoas pretas que me percebo lembrando da escola, lá bem pequena, esperando a aprovação da atividade e a aprovação do penteado, o que nem sempre veio. Que quase sempre não vem! Os corpos negros ficam abandonados à própria sorte, tendo que apresentar trabalhos em frente de salas de aula, tendo que ouvir suas notas narradas para toda a plateia, tendo seus penteados desmoronados na indiferença. Sim, formas de negar, silenciar, diminuir.

E o orgulho das professoras brancas ao encaminhar os que vão para o apoio pedagógico, os sem recreio, os que a família não consegue vir à escola, os que trazem os materiais solicitados em várias prestações, aqueles avaliados como os que valem menos, que produzem menos e, quando fazem bem, ficam no espaço de dúvida, pois quem não ouviu: “Foi tu mesma que fez isso?”.

São os que falam muito, movimentam-se muito, respiram muito, são os que precisam pedir licença para existir e desculpas por rir ou chorar, pois afinal não deveriam ser e muito menos estar.

Mas nessa mesma escola param um dia para falar da cultura negra, da circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo, comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital/axé e oralidade, no entanto, sem reconhecer os corpos construídos por esses valores, corpos de

negras e negros onde orixás habitam.

A escola nos produziu a culpa e o cansaço, pois o sucesso parecia morar junto ao arco-íris, onde nossos conhecimentos são vistos como magias incapazes de ser decifradas, algo que teria relação com manifestações das quais as referências e os ícones jamais fariam parte do contexto de excelência nos quais se reconhecem, em termos de conhecimento válido.

Alguém já se perguntou o que faz com que uma mulher preta, com todos os fenótipos de negritude, sinta receio de uma banca de heteroidentificação? Porque diferente de mulheres não negras que sempre ouviram que a felicidade estava a caminho, nós vivenciamos a necessidade da caminhada para construirmos possíveis momentos de felicidade, que sempre estiveram em risco, se colocasse alguma forma de impedimento a outras mulheres.

É a matança de quem somos, do que acreditamos, do que produzimos, e isso não é gratuito, tem cor, tem gênero, tem condição social, tem endereço, tem frequente reedição, que se formata contra as oportunidades, tendo nas suas ferramentas um pacto movido pelos olhos fechados para as diversidades para as diferentes identidades, culturas e pertencimentos.

Ainda que essas negras estejam em lugares de prestígio, elas carregam a atenção no que precisam defender o tempo todo, e não se trata das pesquisas e da tese somente, mas de projetos políticos de abertura de diálogos para que a construção de nossos estudos nos oportunizem acesso.

Os determinismos sociais impõem a nós negras e negros caminhadas solitárias. Solidão, que projetaram historicamente quando separaram as e os escravizados de suas famílias, já que temiam nosso existir coletivo.

A ausência e os afastamentos, produzidos na academia, foram narrados pela professora Ida Mara:

Tinha a admiração, mas...

Então tem a questão da... Tinha a admiração porque eu fazia as coisas, aconteciam as coisas, mas, por outro lado, não tinha parceria. Tinha a admiração, mas... mas eu achava legal que eles não me impediam de fazer as coisas e isso para mim já é legal, eles admiravam e isso contava para após, pontes, você sabe, e isso trazia as viagens, coisas que eles não faziam, poucos faziam que eu fazia. Isso dava... mas, por outro lado, a troca, as conversas, as parcerias e publicações em parceria geralmente eram com pessoas de fora do país.

Quanto às nossas presenças condicionarem comportamentos a professora Resistência narra:

Eu não tive esse enfrentamento por cor, raça ou racismo

Então, foi nesse sentido. Eu não tive esse enfrentamento por cor, raça ou racismo, justamente porque a universidade precisava fortalecer a política, eu estava pronta para auxiliar e também nunca passei recibo para ninguém. Então, acho que, no fim, as pessoas evitam. Acho que pensam: “Melhor nem falar muito com essa taquinha.” Saber onde botar fé.

A professora Eugénia assumiu a responsabilidade diante das oportunidades retidas, aquelas que impedem os acessos:

Uma demanda reprimida muito grande

Eu já tinha feito uma tese sobre racismo na escola, essa coisa toda, puxei. E de lá eu já comecei a abrir vaga, uma demanda reprimida muito grande, 2006 para cá, uma demanda reprimida muito grande. Então, somente a partir de 2017 é que conseguimos ter um mestrado em educação e o doutorado em educação, a nossa primeira turma entrou esse ano.

A professora Ana Maria menciona a capacidade de nos movermos, mesmo estando alvo do uso, o que faz com que sejam desenvolvidas estratégias de luta e permanência nesses espaços:

Como assim, não tem uma professora negra aqui?

Depois fui entender por que estou no cinema.. Justamente porque houve uma mudança na demanda dos discentes. Foi feito um levantamento de satisfação com os alunos do curso, e há vários alunos negros. E eles perguntaram: “Como assim, não tem uma professora negra aqui?”. Mesmo nas graduações, os estudantes têm reclamado: “Por que não há uma professora negra?”. Então, de repente, nos querem em todos os lugares. É isso, né? Nos querem em todos os lugares da universidade.

Tem um mito que diz que, para chegar, as negras e os negros precisam fazer mais e melhor, como que uma compensação a ser paga pela condição da negritude. É sobre essa busca pelo mais e melhor que a professora Ventos fala:

Eu não sentia essa diferença de ser negra

Para começar o concurso, eu fiz dois concursos, um para biologia e outro para a educação. Para a biologia, dei o melhor que eu tinha, que aprendi, eu entrei e eu ainda era mestre quando entrei no mestrado, é aí a banca que me avaliou, foi uma banca de brancos, uma banca que era formada, tinha dois biólogos e um da área da educação. O da área da educação entendia o

que eu falava, pois eu estava falando na linguagem da área da educação e os biólogos ficavam: o que ela quis dizer com isso? E eu usava os termos e eles diziam: o que ela quis dizer com isso? Quinze dias depois, fiz para o departamento de educação, lá eu já não dei o melhor de mim, eu já disse assim, eu vou fazer o básico [...] vou ser curta e grossa e pronto, não vou dar margem a interpretações, porque eu poderia correr o mesmo risco de eles não entenderem quando eu explicasse. Foi uma prova bem rasteira, mas foi no nível de passar, passei. Então, as minhas aulas foram bem elogiadas lá. Nós dois, eu fui aprovada na parte escrita na biologia, na parte da educação fui igual, né, assim regular e quando foi a parte prática foi a aula e o currículo. Lembra que disse que fiz bastantes cursos e não sei o que é não sei o que. Então, meu currículo também fez [...] não existe um currículo de biologia na época, tinha poucos professores de biologia que faziam o mestrado e doutorado em educação, então entrei com essa vantagem que casava assim, que sabia o conteúdo que era biologia e tinha formação em educação, então isso aí foi elogiado também no currículo. Agora, quais são os desafios, né? Na época, eu não sentia essa diferença de ser negra, porque estudei no colégio de aplicação e estudei na universidade federal de Sergipe, tudo no mesmo campus e eu conhecia todo mundo. E, antes de entrar na educação, fui substituta na biologia e, na biologia, montei meu laboratório. Como preciso de um telefone, eu ia lá atrás, fazia e conseguia colocar. Preciso disso e daquilo, então eu não tinha muita dificuldade, eu sabia os caminhos e isso ensinei também para minhas orientandas, as pessoas que trabalhavam comigo, não podem ficar aí estacionadas, se querem um laboratório, querem um espaço para trabalhar, então têm que correr atrás. Eu realmente eu não tive grandes dificuldades, eu vim perceber que existia discriminação porque assim, da forma boa, se até a [...] tem um computador bom, por que eu não tenho então? Ai, isso é um certo, chega a chocar.

As práticas de negação dos coletivos é assim narrada pela professora Transformação:

Assumo a militância de forma direta nas ações afirmativas,

Onde houve tensionamentos foi quando assumi na UFSC, já na ponta dos anos 2007, 2008, quando assumi a militância de forma direta nas ações afirmativas, mas foram tensionamentos que, até onde eu me lembro, e você sabe que a memória é uma construção, a gente não busca tudo que houve, muitas vezes a gente apaga a memória, é uma construção. Nunca foram de forma direta, eles foram direcionados a coletivos dos quais eu participava, não teve, como sei que alguns colegas vivenciam ainda na UFSC, inclusive ataques à pessoa.

O modelo social hegemônico foca no indivíduo e no seu trânsito individual, negando a potência dos ecos provocados pelos coletivos ao reconectar vidas a buscar respostas às necessidades que o viver impõe. Dessa forma, as culturas são as maiores referências das nossas conexões com os nossos e com os nossos lugares, o que não se distancia ao sermos ocupantes de espaços dos quais não temos referências das nossas existências, mas faz com que as redes se façam fortalecidas.

Conforme ressalta Cida Bento:

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco (Bento, 2022, p. 14).

Não temos como negar que os impactos dos ataques a uma pessoa negra, atingem todo o povo negro, o que faz com que a dor e a luta sejam compartilhadas, mesmo que não tenhamos a ação coletiva.

Certamente, os ataques visam nos dar recados, que são conectados às violentas formas contemporâneas de aniquilação dos aquilombamentos. A solidão negra é adoecimento, pois somos potências na caminhada coletiva, que já mostrou surpreendentemente que transforma, cria e inspira.

Aprendemos a caminhar entre os obstáculos fazendo a caminhada. Nessa dinâmica, as negras mulheres foram demarcando seus territórios, sem que fosse possível tomar fôlego, já que para elas era fundamental fazer acontecer os êxitos. Pode parecer que é isso que mulheres enfrentam ao se construírem as profissionais, as referências, mas sabemos que as exigências são pensadas conforme as projeções estabelecidas e que corpos negros são alvos de desconforto, insegurança e incômodo. E fazem com que atentemos para os avisos importantes: tu estás sozinha, tu serás sozinha e nessa dinâmica não iremos te salvar.

Se nesse momento o cabelo afro encontra espaço e as tendências de roupas coloridas e étnicas desfilam em passarelas, também temos a urgência pelas nossas presenças, mas é sobre necessitarem de nós, mas e quando a necessidade acabar? Não mudaremos nossas peles, nossos cabelos, nossos estilos e nossas formas de dialogar com o mundo, não vivenciamos a transição como dinâmica rotativa, porém, temos rodado em torno de reencontrarmos nossas origens que nos foram saqueadas.

Esse estarmos em todos os lugares nos quais jamais os nossos mais velhos estiveram, coloca-nos uma sobrecarga da excelência. O fazer história nos impede de sermos atravessados pela conquista que se estabelece, pois nós pessoas negras aprendemos a seguir em frente. Dessa forma, é comum ouvirmos mais um mito de que “quanto mais alto, maior o tombo”, e isso nos assombra, pois parece que esse tombo está sempre prestes a acontecer. O tombo é considerado algo natural e não

está somente relacionado à síndrome do impostor ou quaisquer outras marcas criadas pelo racismo, mas das formas com que essas violências nos atravessam e são capazes de nos fazer nos maltratarmos, quando o medo e a insegurança daquilo que é inédito se faz.

E esse movimento todo desfaz as represas e faz com que as confluências aconteçam e nos levem às universidades, às intelectualidades outras e à ampliação das científicas. Essas águas nos fazem encontrar a nós e a tantas outras de nós nos reflexos de nossas próprias existências, fora de nossos corpos. Nesse sentido, o corpo da outra transborda as nossas vidas e nosso serenar rufa para podermos voltar sempre umas para as outras. Ser espelho uma das outras é o que reflete a fala da professora Ida Mara:

É aqui mesmo que vou ficar

Sempre tinha uma pessoa negra, assim... E, tanto que eles vinham fazer a disciplina comigo na educação, pois eles faziam na História. Então eles vinham fazer a disciplina comigo porque eu estava trabalhando o tema e também por ser negra também e eles achavam interessante, porque eu era uma das poucas negras da universidade e trabalhava o tema. Então, era interessante vir fazer e sempre trazia os temas nos seminários e trabalhava com a arte, acabava trazendo estas pessoas de outros centros que vinham fazer a disciplina comigo. Isso acontecia assim, de ver, sempre numa turma tinha uma pessoa negra sim. Tem depoimentos que chegaram na pós-graduação que a pessoa me viu e acabou sendo uma referência para elas e elas chegam no primeiro dia de aula, se deparam com a professora negra e ela sendo negra, então fica tipo uauuuu!, é aqui mesmo que vou ficar. Isso é legal, ter feito parte dessa história de perceber, de estar ali naquele lugar e as pessoas... Ser uma referência para as pessoas, acho isso bom.

Também acerca de sermos inspirações, a professora Resistência relata:

Fui a primeira referência positiva negra que ele conheceu

Quando você olha para trás e diz o que eu fiz... Esse menino que orientei no PIBIC na [...], ele conta isso na dissertação dele — o [...] — com 32 anos, ele foi o primeiro da família a entrar na universidade. Educação Física, pagou a dele e jogava futebol, achava que isso era a vida. Quando ele me conheceu, fui a primeira referência positiva negra que ele conheceu. Então, com isso, dançando na [...], ele é chefe da Guarda Municipal. E leva todo o debate para dentro da Guarda. E vai na questão indígena, que é forte. Hoje, ele é doutorando e vai para o México. Então é uma luta que... estou falando de 2011 e nós estamos em 2025. Mas se eu não tivesse feito, ou se eu não continuar fazendo, quem vai fazer? Então, eu reconheço, porque consigo lidar e permanecer.

Mecanismos do sistema de negação criaram amarras mencionadas pela professora Ida Mara, conforme ela refletiu em sua caminhada:

Aí se entende a dureza da pobreza

E eu não perdia tempo, risos... eu não perdia e às vezes eu me surpreendo e acho que duas experiências que foram bem complexas para mim, uma foi que era uma periferia e a escola, tudo ia para a escola, tudo a escola resolvia. Se alguém passava mal, ia para a escola, não tinha ambulância, chamava alguém da escola. A escola era referência lá. Ai, teve um dia que deu uma chuva e tinha um rio que não era encanado, acho que não era encanado que se fala, acho que não tinha drenagem. Deu uma chuva enorme e uma das crianças caiu no rio. O irmão foi pegar, caiu, e a outra irmã foi pegar, caiu e o rio levou os três, ficando apenas um. Eu ter ido nesse velório enterrando três filhos para mim, com 20 anos, acho 18, 19 anos ou 21 anos, alguma coisa assim, isso foi muito. É uma coisa que eu não esqueço, não esqueço, isso para mim foi assim, falei, gente, que mundão é esse. Aí se entende a dureza da pobreza, a dureza de não ter recurso, a dureza de você perder seus filhos. Você está sentindo isso agora do acidente, que foi uma fatalidade, mas um rio leva, né, então isso foi uma lição de vida dura, assim para mim. E, ao mesmo tempo, se amadurece muito rápido num contexto desse, ao ponto que, quando eu estava com 23 anos, eu achava que se eu morresse naquela época eu ia me achar uma pessoa plenamente realizada. Então você imagina o que eu já tinha vivido com 23 anos, para dizer um negócio desse.

A manutenção da invisibilidade nega nossas identidades ou cria as identidades forjadas no imaginário branco, conforme relato da professora Resistência:

Com certeza é cotista

Agora, você coloca lanche num lugar aberto, por onde passam vários alunos... claro que eles vão pegar. Eu mesma já organizei eventos, e quando os alunos passavam, deixava de comer. Vai fazer o quê? Não dá para impedir, se o local está aberto. A gente sabe como funciona. Parece que alguém comentou: "Com certeza é cotista." Duvido que ela tenha inventado isso. Era minha aluna da pedagogia, não faria isso. Deixaram ela pegar, outras pessoas pegaram, virou uma folia. Então, ela denunciou. Teve aluna que ouviu o comentário. Eu nem sabia quem era a mulher envolvida. Descobri por uma besteira que o marido dela falou com alguém. Foi assim que entendi quem era: ela era simplesmente a secretária do reitor.

Quanto ao ser e/ou se tornar referência, a professora Eugénia fala do seu processo de construção:

Por que tu não estuda a questão racial, na escola

Na verdade, eu comecei a trabalhar esta temática depois que voltei do doutorado, em 2006. Até lá, quando saí para o doutorado, não se falava, era um assunto que não existia, não se tocava no assunto, na universidade. Eu

não lembro de qualquer referência a essa temática. Quando resolvi que comecei a me interessar, já vinha com alguns questionamentos na minha cabeça, que decidi fazer o doutorado. Fui procurar a professora [...] que tinha sido minha orientadora no mestrado. Ela disse: "Eugênia, tem um tema que está ganhando força, acho a tua cara. Por que você não estuda a questão racial, na escola ou na formação de professores, que for melhor para você? Até então, eu queria estudar a formação de professores no [...], uma abordagem mais histórica. Ela disse: "Vá por esse caminho, você vai se ver, esse trabalho vai te ajudar até você a pensar sobre si mesma, sobre a sua... A rever a sua identidade, a se posicionar melhor, ela foi fantástica, a [...]. Na época, ela tinha sido minha orientadora no mestrado e então eu decidi entrar, mas até então não. Não havia essa discussão aqui, pelo menos aqui no Amapá eu não lembro.

Nossos espelhos são construídos pelas nossas mãos que sangram quando despedaçam, que ardem quando batemos palmas e que se encantam quando são reflexo das nossas chegadas. Nossos espelhos precisam, quase sempre, ser carregados por nós mesmas, cuidados por nós mesmas, pois em todos os momentos alguém quer os avariar, alguém põem em dúvida a qualidade, questiona a veracidade de suas imagens e mostra-se perturbado com a presença. Não há paredes seguras capazes de fixar nossos espelhos, pois antes de acessarmos essas paredes, as portas nos foram fechadas e, novamente nós, não somente construímos portas, as nossas portas, mas também toda a estrutura para que outros espelhos possam ser erguidos com segurança, zelo, respeito e amor.

Quando ouço falar das durezas das vidas e volto às coisas que também presenciei e vivi, me desorganizo. No sentido de brotar todo aquele sentimento de contrariedade acerca do que se apresenta enquanto vida. Essa situação é facilmente observada nas crianças e nos jovens, pois buscam nas mais variadas formas escapar desse trancamento, em que suas necessidades não ocupam espaço de significado que garanta mudanças.

Pessoas negras com um pouco mais de acesso, mesmo esses não se tratando somente de si, pois lutam também para lidar com a situação de ser cancelada historicamente pela sociedade e ter que se manter na contrariedade do sistema. Porém, o projeto de aniquilação é astuto e coloca-nos em adoecimento, por saber que ainda somos exceções, que ainda teremos que seguir abrindo barricadas. No entanto, esses movimentos são o que nos colocam inteiras na caminhada.

Carregamos os ombros pesados! Pesados pela culpa e responsabilidade que colocaram negras professoras a desafiar limites impostos, mesmo que elas não estivessem olhando para o que representam. Elas estavam a serviço dessa

desconstrução de presenças apagadas dentro das universidades públicas, com programas de pós-graduação em educação. A máxima para redobrar o peso se refere a nos usar contra nós, ao mencionar que se chegamos, outros não o fizeram por escolha. Piada! Os da ralé, como mencionados por Souza (2021, p. 16), desde o berço vivenciam as injustiças que os negam os privilégios emocionais e afetivos transmitidos pelas famílias e que não têm acesso às competências como visão prospectiva e pensamento abstrato, entre outros aspectos responsáveis não somente pelo sucesso escolar, mas também pelo sucesso social e, posteriormente, em rendas diferenciadas, o que produz as classes sociais.

Não estamos tratando de uma sociedade onde as pessoas têm as mesmas oportunidades, as mesmas vivências familiares. Na maioria das vezes, as pessoas carregam a herança de classe dos seus pais. Não cabe o mérito em percursos de extrema desigualdade por onde a “ralé” transita. Não pode ser permitido apagar o que ocorreu antes, durante e agora.

Não somos silêncios, nossos diálogos são armas que nos colocam em cena a todo momento, nossas narrativas, nossas lembranças, elas circulam vivas nos cotidianos, para termos acordado em nós que as folhas podem cair com o vento forte, mas nós negras seguiremos erguidas, mesmo que parte de nós tenha que desabar.

Diante da necessária sobrevivência, casamos com as vidas que nos constituem, e quem prestigia e celebra não são os responsáveis pelas armadilhas de desterro das nossas culturas, dos nossos territórios, das nossas identidades. Estruturamo-nos no amor fortalecido e pelo que enfrentamos criamos estratégias que nos abastecem para que principalmente possamos dizer que ainda somos felizes, para além das cicatrizes.

As questões relacionadas às negras sempre precisam vencer a tentativa de ser colocadas como pano de fundo por outras mulheres, já que as segundas transformam nossas pautas em abordagens gerais, refutando o recorte de gênero, raça e classe, e enfatizando que todas as mulheres são importantes, que todas merecem, que todas devem ser.

Ignorar nossas presenças marcantes nas estatísticas das violências, nos mapas da fome, desemprego, falta de acesso a serviços de saúde e vulnerabilidade, algo que se produz pela negação de direitos a uma enorme população que não é

reconhecida como público de cuidado e defesa de direitos equitativos, o que não condiz com essa falsa democracia que é o que o racismo garante.

Há um esgotamento da tentativa de provarmos para as mulheres não negras que estamos ainda buscando atendimento às emergências. Estamos nesse processo por conta das diferenças lidas como inferioridades, agenciadas por comportamentos cotidianos permeados pelas referências históricas de hierarquia e privilégios, os quais possibilitaram a desvalorização e desvalidação de negras e negros como estratégia de posicionamento às margens. Ainda necessitamos reafirmar qual nosso lugar na fila ou se seguimos sendo os últimos a serem atendidos.

Nossa proposta de espelhos dialoga com nos darmos colos umas às outras, encorajarmos, ampliarmos, fundamentar-nos para compreendermos os mecanismos dessa sociedade que não quer nos enxergar, mas que os nossos espelhos a impede de nos reduzir.

Somente essas professoras poderiam trazer suas histórias, pois elas fazem história, são histórias, mesmo que jamais tivessem sido narradas, já que há histórias não contadas ou mal contadas. Diferentemente de alguns posicionamentos, nossas vozes sempre estiveram sendo ditas, mas quase sempre não eram ouvidas. Porém, temos o poder que a voz carrega. Nas salas de aulas esse diálogo se torna uma significativa promoção da oportunidade de reencontro com o trato de quem somos a partir das nossas memórias e das nossas histórias.

Certamente não há um guia de orientações, onde negras se baseiam para poderem se aventurar na vida em segurança, mas há essa aventura que impulsiona a se inspirar em práticas bem sucedidas ou práticas de resistência que resistiram, como ser negra professora na universidade.

Sair do estado de privação liberta gerações, fazendo com que se construa outros projetos de vida possíveis de propor outras faces, não somente para as universidades. Nesse contexto, precisamos escrever muito, mas, na mesma proporção, vamos apagar os capítulos dessas histórias, das quais os grupos subalternizados ficaram do lado de fora, para darmos sentidos aos reconhecimentos e não somente descobrir em seus processos científicos.

Caminhos marcados por tempos diversos nos trazem experiências que não são de um viver velho ou novo. Porém, partilham o que foi vivido para que no entrelaçamento das experiências possamos ser quem somos, tendo a possibilidade

de nos reinventarmos sem que tenhamos que acreditar que mudar tenha que nos afastar do que nos constrói. Nesse sentido, tudo que o vento é capaz de arrancar da árvore pode significar a continuidade de outras árvores inimagináveis. A infinitude da roda nada tem a dizer aos fins estabelecidos, pois ela, assim como nós negras, nunca os encontramos.

3 CAPÍTULO 3 – A VALENTIA DE OBÁ: A NEGRA MULHER FORTE ESTÁ MORTA:

MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NARRADAS PELAS NEGRAS PROFESSORAS QUE NÃO FORAM
VENCIDAS

OBÁ ONIXANGÔ XANGÔ DE OBÁ OBÁ NERIM
OBÁ ONIXANGÔ XANGÔ DE OBÁ OBÁ NERIM
(Reza de OBÁ)

Obá representa a dor emocional transformada em poder. Corajosa e leal, ela é guerreira do fogo e da água, luta ao lado da justiça e enfrenta o trovão sem medo. A reza supracitada fala do seu coração ferido que se fez coragem, por isso esse chamado a essa orixá.

Barulho. É o que as negras professoras têm feito, e propositalmente, já que suas presenças causam ruídos que estremecem a academia. A sobrecarga que vem sendo administrada tem um propósito que se refere a dar abertura para necessidades, que por muito tempo não foram tornadas importantes. Dessa forma, quer pela ausência de políticas públicas, desejo da negação da “lógica da dominação” (Gonzales, 1984, p. 225), quer pelo não reconhecimento da própria negritude, incompreensão da urgência das situações ou desejo de se manter afastada de questões raciais, são coisas que fazem com que os passos ainda sejam dados por elas, mesmo que a maioria já esteja fora de instituições de ensino superior.

A mulher negra forte vai ser lida, em muitos momentos, fora da construção de fortalezas, já que essas não se colocam nesse lugar ou não se leem na permanência dessa forma de ser construída. Há um reforço das negações para negras mulheres, lidas como fortes, que estar nesse lugar impõe e que inúmeras vezes nós negras mulheres nos colocamos na condição de manter a imagem de força.

Manifestar que vamos deixar de cobrir nossos rostos para que nossos sentimentos ocupem os cenários, implica em nos despirmos dessa **ar-ma-du-ra** que tem sido empunhada sempre nas mesmas situações. Nesse sentido, é necessário que passemos a nos manifestar em favor de nossos coletivos.

Nossas narradoras estão interessadas em produzir conhecimentos, mas também a exigir reconhecimento, valorização e condições, pois não há espaço para despejarem trabalho e ficarem na plateia, pois já sabemos que nossa bagagem não

precisa ser a mais pesada. Essas ideias se aliam às de Kilomba (2019, p. 94) ao “rechaçar a construção racista do Mito da mulher negra disponível” e também a não necessitarmos termos sempre esse peso em nossos ombros. A construção vem sendo no sentido do descanso não ser sonho, mas sim um direito que nós mesmas passamos a estabelecer, além de prover a garantia sem que haja a necessidade de validações de quem se satisfaz até então com nossos esgotamentos.

As pessoas carregam consigo o que são e, dessa forma, quem desqualifica, oprime e discrimina vai trazer para as suas ações essa forma de ser, ou seja, até posso dividir a mesa da reunião, mas a ideia que prevalece jamais será da negra professora; as verbas de projetos podem ser distribuídas, mas determinados terão menor investimento; vamos votar, só que a construção do voto na lateral está no grupo majoritariamente branco. Acerca dessas práticas, Collins (2021, p. 48) alerta que “a justiça social também é ilusória onde aparentemente as regras são aplicadas de maneira igual a todos, mas, ainda assim, produzem resultados desiguais e injustos”. É sentida a negação, a invisibilidade e o racismo operando, muitas vezes sem ser nomeados. Essas situações e tantas outras exigem que o enfrentamento aos altos níveis de exigência estabelecidos ocorra e as negras professoras assumem esse lugar e se estabelecem como protagonistas.

O pensar aonde quer chegar faz com que as ações se tornem árduas e não menos sacrificantes, pois reforça o que estabelecemos em um tempo que é minimizado. Sabemos que não podemos esperar mais, já que as fronteiras seguem em disputas e, dessa vez, nossas histórias terão que ser contadas. Portanto, não vamos parar para convencer aqueles que se satisfizeram com o dito, mas oportunizar que aos que chegam saber, que a negação ao que veio antes pode ser apagada pelos que chegam depois, se nós estivermos comprometidos em conhecer quem somos, o porquê somos e com quem poderemos contar. Dessa forma, ecoarão nossas histórias, culturas e pertencimentos incessantemente.

Essas professoras que narraram suas intensas caminhadas, assumem o papel de tornar a academia um lugar melhor, onde extraordinariamente negras e negros estejam na centralidade da produção de conhecimento, que sejam referência de estudos e que assumam o enfrentamento do racismo.

Acerca das práticas racistas nas universidades, a intelectual Anny Loango, menciona:

El racismo, enquistado en los espacios académicos, justamente no reconoce el status de igualdad cognitiva del otro/a, subalterniza sus conocimientos y su cultura, contribuyendo a acrecentar y reproducir su desigual vinculación en los campos de producción de conocimiento y en las estructuras de la sociedad (Loango, 2019, p. 57).

O racismo institucional produz sequelas históricas ao povo negro, o que faz com que cada vez mais haja a necessidade de mobilizar a sociedade para combater as práticas racistas, para que se construa a recuperação das identidades e histórias da negritude fora dessas experiências racistas. Essas não serão rechaçadas somente por se dizer não racista, já que a situação atual segue exigindo posicionamento antirracista.

A professora Nilma Lino Gomes afirma que:

[...] embora nem sempre ocorra o reconhecimento dos educadores acerca dos valores culturais e ideológicos que carregam e que são responsáveis pelas práticas sociais e pedagógicas que desenvolvem, estes tornam a escola um espaço distante, da neutralidade que envolve os problemas interligados e, ao mesmo tempo, distintos relacionados a raça e classe (Gomes, 1995, p. 33).

Reconheço nesse pensamento da professora o espaço da universidade, rota que exige disputas de fronteiras permanentes em que, de acordo com a continuidade do pensamento da autora, “o corpo negro nos conta uma história de resistência constituída de denúncia, proposição, intervenção, revalorização” (Gomes, 2017, p. 95), e isso tem sido lido mesmo no limite, como um corpo que não necessita de cuidado, por ser forte. Esse pensar/agir justificaria as barbáries contra nossos corpos, por sermos lidas como resistentes ao ponto que a opção seja aniquilar? Não aprofundarei esse sentimento agora, mas certamente ele segue vivo, assim como o povo negro.

O encantamento por essas mulheres não necessitou de tempo, trabalhar com essas verdades que compõem suas vidas como professoras. Essa caminhada se refere a fragmentos que também são a minha própria caminhada, negra, mulher, professora. Entendo ser necessário conhecer como chegam essas profissionais para viver a vida que vivem, sendo as negras professoras da universidade, reconhecendo-se nesse lugar na negritude.

A professora Transformação, relata o impacto da sua presença e como seus marcadores ocupam esses contextos:

Eu adoro o jeito que vocês se vestem

E eu me lembro que havia elogios. Alguns elogios assim: nossa que lindeza! Adoro o jeito que vocês se vestem, eu não conseguiria fazer isso. Mas, outros eram elogios de estranhamento. Eu tinha uma presença diferente dos outros pares meus, diferente do [...], diferente da [...]. Era um corpo que se vestia diferente e as pessoas percebiam. E quando comecei na militância, daí carreguei com outros marcadores.

Quanto a momentos em que o se reconhecer acontece, a professora Petronilha aborda:

Professores negros, nós éramos minoria e continuamos

Bom, enquanto professores negros, nós éramos minoria e continuamos... Pensando se nós éramos maioria mulher, quando comecei... Não acho que éramos mais ou menos na primeira escola em que lecionei. Depois, no Julinho, não sei dizer se a maioria era de mulheres, não havia muitos homens. O Julinho era o colégio estadual Júlio de Castilhos e a gente chamava de Julinho. É, eu acho... estou querendo pensar na sala dos professores, eu acho que era mais ou menos, no ginásio tinha um número grande de, a maior parte eram mulheres, mas não eram poucos os homens.

Quando as nossas falas retiram as máscaras, o que sobra é racismo, conforme nos narra a professora Resistência:

Por que você afirma que o racismo é institucional?

Fiz uma nota de repúdio pelo Neab, sem citar nomes. Quando redigi, ainda nem sabia quem era. Mas a situação toda escancarou o racismo estrutural. Eles não entendem que o racismo institucional não é contra uma pessoa específica — é uma estrutura. Como o reitor disse uma vez: “É só olhar a quantidade de reitores, nunca tem mulher, e agora só tem branco.” Isso é racismo institucional. Não é uma questão de escolha pessoal. Isso existe, é real, pode ser mudado, mas precisa ser reconhecido. Ela não fez boletim de ocorrência, mas o Ministério Público ficou sabendo. No fim, não deu em nada. Só que o marido dela e o filho, que é advogado, pressionaram tanto que pediram para abrir um processo no Conselho de Ética. Mesmo sem eu mencionar a mulher na nota, pediram que eu fosse ouvida para averiguar se eu “manchei o nome da universidade” ao dizer que ela é racista. Mas o que falei foi sobre racismo institucional. Tem colegas do Conselho do Neab que também passaram por situações absurdas. Uma professora da UFES, outra da UFPA... A da UFPA foi processada por dizer que o PPGDU era racista. Tudo isso faz parte da luta. E, às vezes, parece que só querem achar um jeito de te punir. Muitos colegas dizem: “Eu não vou entrar nisso. Não vou lutar por isso.” Com medo. No dia da oitiva, eu estava até atrasada porque estava numa palestra. Quem me ouviu foi um professor de direito, branco, a [...] — que é professora de direito em outra instituição, branca, mas de luta, trabalha com racismo na mídia — e um coordenador que, para mim, é negra, mas talvez não se identifique assim. O professor de direito me perguntou: “Por que você afirma que o racismo é institucional?” Respondi: “Por causa desta comissão, formada só por brancos. E todas as comissões da universidade são assim. Se você achar uma com três pessoas negras, me avisa. No máximo, tem a professora [...], do direito. Inclusive, eu deveria

estar sendo ouvida por uma professora negra. Porque ela entenderia o que estou dizendo. Você, não. A menos que estude muito depois disso.”

Ser lida como estranha, na estranheza da tua pele, da tua origem e da tua existência é o que a professora Eugénia nos conta:

E a outra dificuldade, além de ser migrante, era uma mulher negra num espaço branco

Nós viemos para cá, já mais perto de Macapá, e eu decidi fazer concurso para a Universidade. Mas, antes de fazer concurso, percebi que havia o edital aberto para professor substituto, ocorria, né, e eu entrei e depois veio o concurso, eu fiz concurso e passei. Assim, naquela época muito insegura, um espaço que parecia hostil. Lembro-me já quando eu me inscrevi, uma matéria lá, uma colega minha, uma mulher negra muito atuante inclusive aqui no Amapá e eu gosto muito dela e tudo. Naquela época, ela era professora substituta também e ela me perguntou: 'Você vai concorrer para essa matéria? Falei, vou, e ela disse ihhh! Acho melhor você desistir, porque tenho uma amiga que ela é uma sumidade neste assunto. Aí cheguei em casa e falei para ele: eu não vou fazer esse concurso não, extremamente insegura. Mas por quê? Porque minha amiga fulana de tal disse não sei o que, tal, tal, tal... para eu desistir porque já tinha. Ele disse: 'Eu não estou te reconhecendo, você já enfrentou tanta coisa neste mundo e agora você está com medo de não conseguir? (*Risadas*)... Resolvi fazer e fiz e fiquei em primeiro lugar e a colega nem apareceu na lista dos aprovados. Quer dizer, se eu tivesse essa vozinha da minha colega, eu não teria nem tentado. Aí entrei, mas a universidade é um campo esquizofrênico para mim. Tanto que faço terapia até hoje, para tentar sobreviver nesse campo que é a universidade, a universidade pública. Primeiro,, por ser estrangeira, né, você começa a se achar como alguém que não tem legitimidade de estar naquele espaço, apesar de você saber que fez concurso e passou, tal e tal, mas na relação com os colegas a sensação que você tem, como migrante, é que ali não é seu espaço, eles te mostram isso. E a outra dificuldade, além de você ser migrante, era que você era uma mulher negra num espaço branco, porque não tinha colegas, uma ou outra, porque era eu e essa colega que era das ciências sociais, eu na pedagogia, mas era a única mulher negra na Pedagogia na época. Até hoje, nós só somos duas, eu e mais uma outra que entrou há cerca de uns dez anos para cá. Então as dificuldades foram grandes.

As práticas racistas sempre estiveram presentes, mas o reconhecimento delas exige, conforme a professora Ventos, um despertar:

Criança que não queria pegar na minha mão, na hora de brincar de roda, aí eu sentia

É, eu tenho uma ex-aluna, não foi minha aluna, não foi minha orientanda, mas ela foi minha aluna na disciplina e ela também trabalha nessa perspectiva, né, eu já disse que não trabalho nessa perspectiva da coisa né. Ela disse que tinha o maior orgulho porque, quando chegou lá e viu que tinha uma pessoa negra, ela acreditou mais. Eu não sei, eu não senti, como eu já lhe falei, eu acho que eu não olhava assim para os lados, não, eu fazia, então eu era a única negra no PPGE, agora já tem mais duas, mas na época eu era a única, na universidade tinha, acho que eram poucas

professoras negras e professores, realmente a universidade na docência era um campo de branco. Qualquer lugar também, e quando cheguei, acho que não tinha nenhum negro como professor e eu achava tão engraçado, quando entrava nos restaurantes, eu a única negra assim e todo mundo olhava para mim. E eu, realmente, eu era totalmente desligada nisso. Eu era filha de um pai negro e uma mãe branca e eu tenho irmãos brancos e negros e talvez isso não tenha é... Eu não tenha percebido os preconceitos porque para mim era natural estar no meio dos brancos. Escola particular quando estudei, era particular, já era de branco, aí eu sentia. Gente que tinha criança que não queria pegar na minha mão, na hora de brincar de roda, aí eu sentia. Aí fui para o colégio de aplicação, branco também, na universidade era eu e essa minha amiga, a [...] também negra, era eu [...], [...], a [...] posso dizer que era mais ou menos negra, quer dizer ela tinha cabelo crespo, mas a pele dela não era escura, escura, mas era queimada, é o que chamam de moreno, né? Aí é, tinham poucos negros também na minha infância, é aquela coisa, eu não ligava não. Eu entrava e saía sem problema, mesmo sem ter essa visão, eu não me inibia de entrar nos lugares assim. E na pós-graduação também comecei a dar aula nas minhas cadeiras específicas, daí então entrei na questão da metodologia e então eu realmente não... não sinto não. Minha irmã também não, fizeram eu diria assim, mas cheguei aqui, negra de uma classe média baixa, não vou dar nenhuma entrevista para saber, ela disse com relação às cotas, ela não percebeu não. E na época das cotas, quando eu era a favor das cotas, por uma correção, mas dizer classe média, classe média baixa, meu pai era ferreiro mecânico e minha mãe era dona de casa, mas consegui, cheguei aqui. Mas depois, com a formação da graduação, percebi que sou umas das poucas que consegui vencer as barreiras sociais, as dificuldades e consegui chegar onde cheguei, mas é isso.

Colocar-se como uma pessoa negra, conforme relata a professora Transformação, desloca-te e te exige:

Comecei a me colocar como uma pessoa negra

Era uma não consciência, absolutamente uma não consciência. De um lado, uma não convivência na trajetória, uma não convivência com grupos ou no âmbito da família, embora tenha sido uma família que tenha vivido internamente tensionamentos raciais [...] mas, assim eu não trazia para o meu campo profissional e aí na educação a chamada educação crítica que exercitei, pela qual lutei, ela era aquela... naquele campo da esquerda tradicional é lá no doutorado que nessa convivência, apesar de não impactar minha pesquisa de doutorado, eu comecei a ter uma vida social que aí comecei a me colocar como uma pessoa negra e fazer escolhas a partir disso, mas isso não teve impacto ainda na escolha na tese.

Ao ouvir os relatos das reações da plateia branca ao ver a passagem de negras mulheres, logo brotam inúmeras situações vivenciadas ou relatadas por outras mulheres, e isso é algo muito curioso que muitas vezes classificamos até como divertido. Por impormos a “quebra da lógica da história das relações entre brancos e negros no país, o que é algo complexo”, conforme menciona Bento (2022 p. 12), nossas peles, que sempre foram negras, chamam atenção, nossas roupas

causam espanto, nossos cabelos, questionamentos e ao conseguirmos fazer parte do universo das maquiagens, também nos analisam.

Somos as negras que não seguimos os padrões da alta moda e da alta-costura, muitas de nós criam seus modelitos, inclusive. Muitas já acessam esse espaço, mas carregam consigo as referências de se vestir, tendo fortemente as marcas étnicas em suas escolhas. Mas voltando às nossas presenças, há um elogio seguido de uma pergunta ou afirmação. Tu estás bonita, mas eu não conseguiria usar algo assim, com cor tão marcante. Que linda esta estampa, onde tu compraste? Deve ser bem cara, pois não é algo que as pessoas usem, né? Ah, teu cabelo está super diferente, que legal, parece daqueles filmes. E como tu faz para lavar?

As falas não conseguem evitar que o preconceito se apresente, pois é sobre ser aquela que se reconhece, tendo o direito de definir o que e como usar, pentear, fazendo escolhas para corpos que jamais as pertenceu. Há uma infinidade de expressões da vaidade negra que não se restringem a lugares, pois as contas, as cores e nossos cabelos são as formas de expressarmos como estamos e de fazermos agradecimentos a nossos orixás pelos passos que podemos dar.

Como destacado por Piedade (2017, p. 31), “o corpo é um território livre”, o que impede que as marcas da escravização e das inúmeras violências enfrentadas socialmente nos aprisionam. Assim encontramos negras mulheres carregando em si toda a presença quente que as cores que usa carregam, assim como todos os acessórios que anunciam nossa ascendência de rainhas e reis responsáveis pela forma com que ocupamos nossos tronos em nossas casas, em nossas profissões, em nossas religiões e na vida.

Ao nos percebermos nesse lugar, encharcamos-nos até o pescoço, queremos reforçar quem somos, como somos, mesmo que tudo isso crie dores sentidas. Ao fim do dia, deitamos com a certeza que as encruzas não tem dúvidas de que somos negras e nossos marcadores vão com todo o direito tratar de nos acompanhar, sem vergonha do que isso acarreta.

Quantas vezes choramos pelo que nossa presença produziu, embora quem veio antes fez com que essas lágrimas fossem capazes de nos mover, para termos nossos colares de contas no pescoço, nossos turbantes na cabeça, nossas bocas vermelhas, que durante muito tempo foi utilizada como sátira e comédia, não nos autorizando a usar para nos distanciarmos desse comportamento.

Naturalizando o que tem sido produzido na expectativa do público hegemônico, no seu “nível de imaginário branco” (Kilomba, 2019, p. 151); é contemplar a negra professora da universidade, projetando-se a imagem de uma mulher de terninho em tons pastel, cabelo bem preso, um salto e uma bolsa executiva, pois assim poderiam reafirmar que aquela buscou ser imagem da sua referência. É importante lembrarmos das afirmações de que o sonho de negras/os seria ser a/o branca/o. E quando estamos inteiras sendo quem somos, essas pessoas não sabem para onde deslocar sua intelectualidade racista e acreditam que devem nos elogiar, quando lhes são apresentadas nossas intensas cores.

A presença negra é uma presença presente, que chega, acessa e necessita ser potente, já que são minorias em espaços como o da universidade, não que vamos nos ilhar, mas nos é exigido a tentativa do aquilombar também esteticamente. E sim, aquilombadas escutamos “ah! Vocês estão um arraso”, como se fossemos sempre algo na vitrine que necessite ser comentado, e isso me remete inclusive à animalização direcionada a corpos negros, a zoológico, como se nós nos fantasiássemos ou travestíssemos-nos de negras.

Sobre uma coisa devem concordar comigo, que é ninguém perguntar a uma mulher branca como ela lava o cabelo, ou ainda se ela lava o cabelo. Há um tensionamento de negação da negritude, pois os espaços sempre foram reafirmados como brancos, colonizados, e a nós caberia nos adequarmos as sobras, mas trazemos a força das águas, dos raios e dos ventos, o que faz com que possamos ser furacão, doçura e a energia de nossas rodas para perceber, para nos perceber e reconhecer o que carregamos com grandeza em relação ao nosso povo e aos nossos pertencimentos.

Em casa recebemos amor, recebemos o mundo percebido como riqueza capaz de nos proteger, e nesse convívio familiar, muitas vezes, não há diálogo acerca das diferenças étnicas, pois se vive de amor, ou se deveria viver. Mesmo que ocorra o convívio interracial familiar, dificilmente essa relação cria demandas que nos preparem, para nos defender.

Carneiro nos elucida acerca das relações interraciais que também nos são inquiridas nas nossas negras vivências, junto com as nossas/os parceiras/os:

Em outro sentido, para homens e mulheres negros engajados e comprometidos com a mudança das relações raciais e sociais no Brasil e no mundo, seus parceiros quando brancos não são objetos de consumo

símbolos de status nem garantia de mobilidade social são companheiros e companheiras, portanto seres humanos que não simbolizam êxito, mas sim a possibilidade do encontro da solidariedade e do amor entre grupos étnicos e raciais diferentes. São parceiros que colocam sua representação social ou seu prestígio pessoal a serviço da luta pela igualdade de direitos e oportunidades para todos (Carneiro, 1987, p. 6).

Lá fora as relações socioemocionais te cobram e se tu não te autorreconheceu, certamente serás classificada e os olhos que vão te seguir, certamente não o farão para te proteger se és negra/o. Usamos o corpo, o cabelo e as roupas também para comunicar nosso pertencer, nossa natureza, nossa crença e nossos desejos, pois fala da nossa essência, do que sentimos, do que defendemos, e que se constrói pela nossa ancestralidade. Nossas escolhas não são isoladas, elas partem desses inúmeros ventres que nos trazem até aqui, capazes de se comunicar com tudo que ainda necessita ser embalado para que as modificações aconteçam.

Nas conversas com as professoras sobre o racismo institucional e estrutural, sabíamos que era sobre tudo o que nos é negado, sobre todos os dias que o tempo vira para nós, e as formas de aguentar foi, muitas vezes, jogar a rede e orientar-se para os espaços seguros onde deveríamos estar. E por que não sendo professora?, já que somos de classe popular, como falou a mãe da professora Petronilha.

Penso que essas experiências também nos fazem adentrar nas questões relacionadas à consciência de classe, pois nós somos as protagonistas dessas distinções que nos negam os estímulos, as oportunidades e que nos jogam na classe desfavorecida, empobrecida. Essas somente farão a revoada, que é o que fizemos juntas ao buscar, como relata Bispo (2023, p. 1), as “memórias, ao reconhecer a importância de saber quem é, para poder se apropriar do direito a sair desse lugar condicionado mais fortalecidas dando continuidade aos percursos”.

Há tensionamentos que precisam ser acionados pelos escudos das ancestralidades, alicerçando-nos para podermos enfrentar as batalhas que temos nos convívios sociais. Acessar os tensionamentos nunca é uma opção negra, mas se coloca como arma de sobrevivência consciente, que negras precisam ter para se libertar.

Temos que nos comunicar com a voz que se tem e, assim, em coro, umas com as outras, revivermos nossos passados sem que derramemos mais lágrimas, pois nossas identidades são forjadas em um misto de alegria plena em meio a dor.

Nessa perspectiva, nossas dores são expressas em nossos cantos e risos e/ou também na coragem de seguir.

Encontros com a própria identidade se fazem presentes o tempo todo e são eles que nos indicam os caminhos que não devemos trilhar, pois não vamos mais nos arriscar em portos que não são seguros.

Quanto àquilo que sinalizava tratar de questões negras, a professora Petronilha ressalta:

Não estava nos currículos escrito oficial, mas sempre esteve presente

Não estava nos currículos escrito oficial, mas sempre esteve presente, pois sempre teve alunos negros, alunos não negros, às vezes até aluno cigano, não é? O aluno trabalhador começou lecionando no noturno, no ginásio noturno. Na mesma sala eu tinha o pai e o filho e tinha dois filhos. Então, para não irem sozinhos de noite, noite que era um bairro distante, o pai foi fazer também. Tinha pessoas mais velhas, alguns na idade esperada e outros alunos trabalhadores.. Tinha um que levantava às 5h da manhã, às vezes ele dormia na sala e a gente deixava ele dormir porque estava cansado, o que a gente ia fazer, acordar? Se ele dava uma cochilada, nós, professores, deixávamos ele dormir em paz e, quando ele acordava, ele seguia. Ele ia se envergonhar e não ia estar pronto para prestar atenção, então deixa ele descansar e quando acordar, segue.

As instruções acerca do universo que encontraremos na sociedade são dadas por famílias negras antes que se coloque o pé na rua, conforme destaca a professora Petronilha:

Me criei ouvindo sobre estas diferentes situações

Como eu te disse, eu sou filha de uma professora negra, mãe negra que tinha amigas negras e não negras que se preocupavam com as diferentes situações e eu me criei ouvindo sobre estas diferentes situações como tratar. Embora isso não tivesse uma preocupação da secretaria de educação e mantenedora.

O rompimento dos ciclos da carência de acesso e de oportunidades requer se manter no caminho que, muitas vezes, não são traçados por nós, conforme nos conta a professora Ida Mara:

Não tem outra opção para as pessoas negras no nosso país que não seja a educação

Sim, porque vir de onde vim e ter tudo aquilo e eu olhando para as circunstâncias que as pessoas ainda estavam em carências, pois eu estava trabalhando num projeto na periferia da cidade, eu via a realidade dura e eu olhava para aquilo e falava: gente, olha só o que eu já consegui. Porque eu

olhava para aquelas pessoas e eu me identificava, mas obviamente que eu não vim... sou de classe trabalhadora, minha origem, meus pais. Meus pais assim... Educação, na época em que ninguém falava, meus pais diziam, todo mundo para a escola, todo mundo é nota dez, não dava para vir brincar no espaço, sabe? Todo mundo da família se formou, porque não tinha outra opção. Porque eles falaram para nós que não temos outra opção, a opção é educação. Então você vem com esta responsabilidade, eu chorava quando eu tirava oito, eu chorava e às vezes nove, porque eu não havia tirado dez. Você imagina a pressão positiva, porque nem reclamo, porque diante das circunstâncias agradeço a eles. E hoje tenho a vida que tenho por eles ter forçado e todos os meus irmãos e aí falou, cara, não tem outra opção para as pessoas negras no nosso país que não seja a educação.

Em resposta a saber de onde vêm os impulsos que nos movem, a professora Resistência nos elucida: “É isso que me moveu. As pessoas que foram aparecendo e foram me motivando. Fui me enxergando nelas e elas em mim. Isso me moveu”. Esses movimentos são alicerçados. A professora Eugénia nos diz com quem consegue andar nos caminhos que precisa passar:

A gente ainda aprendeu a se orgulhar do que a gente é

Terapia, minha querida, terapia, psicoterapia, anos e anos fazendo terapia, muito choro... muito choro... muito choro. A minha vantagem é que não sei nem como vou dizer isso para você sem parecer pedante... Tenho uma condição financeira boa, porque o esposo é médico, essa coisa toda, enfim... Isso te coloca num lugar que as pessoas não aceitam... não aceitam, é como se sentissem agredidas em você chegar em determinados espaços, que na cabeça delas você não deveria estar ali. Então, isso me ajudou bastante, porque a gente, como africano, por mais dificuldade que a gente tenha de lidar com estas questões, a gente ainda aprendeu a se orgulhar do que a gente é. Então a gente já chega chegando.

Quanto às respostas a um universo de negação negra, a professora Eugénia observa que são inúmeras formas, pois somos diversos, mesmo entre nós:

A gente chega, chegando!

É tudo, é vestido, não quero saber, (*risadas*)... A gente chega chegando! Para algumas pessoas, é como se fosse uma agressão, né? Mas para nós, por mais que eu seja mais frágil, digo, talvez ele também seja, mas o homem não deixa transparecer muito o que ele sente. Talvez no ambiente de trabalho dele também enfrente muitas dificuldades, porque também o espaço da medicina do hospital é branco. É um negro, no máximo dois, você quase não vê e ele já está... Ele é cirurgião geral, ele já está nessa seara também há mais de 30 anos, ele reage de forma diferente. Sou mais... Deixo transparecer um pouco mais, mesmo assim penso que a gente tem mais orgulho de ser quem a gente é.

Sobre a construção do ser negra, a professora Ventos nos conta sobre marcas que as experiências negativas provocaram:

Eu não alisava o cabelo

Porque eu tratava da parte mais coletiva, né? O ser humano e a sua educação, eu tratava a questão do respeito mais de uma maneira geral, porque assim, o que é a educação ambiental? É o desenvolvimento de valores, valores socioambientais e aí eu trabalhava mais na perspectiva da violência, da desigualdade, mas eu poderia me inserir. Tive uma experiência no mestrado que talvez tenha me marcado muito, tinha um evento que era um encontro de negros, lá e eu passei. Eu sempre gostei do meu cabelo mais solto, né? E eu usava um, eu não alisava o cabelo todo, porque eu não gostava de cabelo liso, mas eu soltava. Daí passei pelos corredores, já era até professora na época, aí me chamaram para participar do evento. Aí falei, eu não posso, estou ocupada, vou dar aula, agora, não sei o que... Precisa ver, viu? Começaram a me agredir, negra que não se assume, que não sei o que, começou, né? E eu fiquei e acho que a partir daí eu não gosto muito de radicalismo, nem político, nem religioso, não gosto. Acho que as pessoas têm que respeitar o outro. Então, eu acredito que também tenha sofrido essa influência. Era novinha, começando a universidade com 24 anos, mais ou menos, estava muito recente, então fizeram isso, aí eu, talvez tenha sido uma forma de não me engajar. E sabe que os engajamentos dependem muito das experiências, como você diz, aí então deve ter sido isso.

E sobre acessar mecanismos que fortalecessem a não negociação do respeito, a professora Ventos nos narra que “Eu era rigorosa e eles tinham que chegar junto e não falar nada, tinha que apenas estudar, então nunca fui desacatada pela minha cor. Mas eu botava moral sempre”.

Acerca do distanciamento com os temas que compõem as questões raciais, a professora Transformação nos narrou experiências que mudam esses cenários:

Eu nem mesmo tinha essa identidade racial da educação

Porque quando ingressei no mestrado, que foi em 83 (1983), eu ainda transitava nesse universo da crítica da educação sem a perspectiva e sem o enquadramento da crítica. Eu não vivi ali nenhum tensionamento, pois eu nem mesmo tinha essa identidade racial da educação. O meu orientador, que foi Nilton Bueno Fischer, a gente fazia parte desse escopo que era o estudo crítico da educação, tanto que estudei planejamento participativo ali na Vila Farrapos que é uma vila que ainda existe no norte de Porto Alegre, próximo do estádio do grêmio. Eu era super engajada e super reconhecida, fazia parte desse universo que a pós-graduação tinha como uma marca, pós-graduação em educação, que era uma perspectiva da educação crítica, né, sem o enquadramento das questões, sem interrogações. E no doutorado também porque fiz doutorado de 94 a 97 permaneci estudando sem ter esse marcador. O meu doutorado foi examinar desde a perspectiva histórica o campo da didática no Brasil, como é que emergiu o campo da didática. E aí lá começa haver, acontecer uma convivência, a gente criou uma república de pós-graduandos que éramos de fora de São Paulo e entre estas pessoas uma paulistana veio morar lá e essa pessoa trouxe já a militância. Era ela da periferia de São Paulo, Guaianases, já tinha essa militância e, é com ela que vou começar a ser fustigada, interpelada e

começo a conviver, apesar, veja bem, desde a minha chegada eu só transitava do lado do ponto de vista de lazer, só transitava entre pessoas negras, mas eu não tinha leitura que me deslocasse para o campo dos estudos acadêmicos.

As formas com que nosso pertencimento comunica, foram constatadas pela professora Transformação:

Eu não sabia, mas aquilo já era um marcador

Agora deixa eu lhe contar, pois outro dia, vi uma foto minha e onde tinha um impacto e eu não me dava conta do que eu causava e como que chegava. Quando vejo fotos minhas dos anos 2000, eu sempre estava com o cabelo com pano amarrado bem alto, eu sempre usei rosa choque com não sei o que é tal, eu não tinha uma identidade de vestuário de militância negra, mas eu tinha... eu era muito estranha ao que as outras pessoas usavam e vestiam. Principalmente eu adorava... eu não tirava... eu tinha muitos panos de amarrar na cabeça, que eu amarrava assim, eu não fazia turbantes, mas eu gostava de puxar as faixas e amarrava aqui em cima. Eu não sabia, mas aquilo já era um marcador.

As experiências de ver os estudantes nos bancos escolares nos reafirmam o quanto podemos abrir trincheiras, as quais nossa condição de professoras oportuniza, mas sabemos que é exigido um esforço extremo para que o acesso a esse direito seja utilizado. A dor do esforço tem razão de existir quando a escola vem depois do trabalho, da doença, do cansaço e das faltas, e lá ainda tem que caber a escola, o (re)esforço e, muitas vezes, o apagamento de tudo que os corpos atravessados pela ousadia de insistir em dias melhores recebe, ao ser na escola presença ausente, e fortalecida pelos olhos que não os enxerga na sua inteireza é o desafio.

Nascimento (2021, p. 38) nos relembra que “na escola ou no trabalho esperam sempre que você seja o incapaz ou gênio. Quanto ao primeiro, a frase que surge é: “Mas ele é preto”; quanto ao último: “Ele é preto, mas...”. Quer dizer, conhece e permanece no seu lugar, no seu papel, na representação do que nos desafia ao enfrentamento.

Essas são filhas de valentes, pois são essas as certezas que moram em nós acerca de nossas mães. Já sabemos bem o que nos aguarda, somos negras, e as nossas mães já plantaram sementes em solo seguro, que são nossos corpos, para não precisarmos passar mais tempo em lugares que nos roubem a esperança de termos o tempo bom em que nossos pertencimentos não nos colocassem em guerras.

O vai e vem das dores faz com que tenhamos a certeza de que estudar, ter conhecimento e aprender com a vida são caminhos de despertar para as nossas permanências onde tenhamos decidido estar. Essas colaboradoras da pesquisa partem de caminhos que as levaram não apenas ao sucesso, mas um caminho que dialoga com a reafirmação de quem são, da descoberta do que são e da única opção, tão defendida para que pudéssemos acessar, que é o estudar.

E a família que leva à escola, ela que forma essa compreensão da necessidade da frequência; e a razão de somente receber da família essa motivação é porque somos nós que sabemos onde precisamos estar. Então, termos essas negras professoras, pode ser pela primeira vez transformação do espaço hostil da escola, da academia. Precisamos fazer com que sejam lugares onde o cenário mude de cor e que tenhamos oportunidades.

Misturamos riso e dor ao aplaudir as mais velhas, mas, reconhecendo as tensões, as sobrecargas e a ausência da fidelidade ao que representam aquelas e aqueles que se enxergam nessas professoras. Quando estávamos falando sobre isso, pensei que talvez dificultar a vida dessas mulheres faça sentido, na intenção de mandar recado a outras dizendo algo como “não pensem que vamos facilitar a estada de vocês aqui”. Essas professoras abrem janelas, portas e escancaram, alertando que chegou ao fim o inacessível, que as rotas estão sendo redefinidas e que o tanto que andamos, sem que pudéssemos entrar, impediu-nos de ter nossos conhecimentos validados.

Essas negras intelectuais produzem estudos, mas também vidas, ao se tornarem inspiração em um movimento capaz de modificar estruturas que lhes são familiares. Os contextos negros passam pelo movimento em prol de coletivos e a academia não pode ser indiferente aos nossos corpos negros nesse espaço.

Ainda que estando de mudança para a universidade, um diálogo franco com as origens, às vezes, pode ser tardio ou simplesmente fazer parte de uma construção, onde essas negras precisam fazer as pazes consigo mesmas e construírem-se a partir de suas negritudes e das suas vivências. Dessa forma, uma das professoras trouxe as marcas que esse processo a produziu, ao ser acusada de negar suas origens, o que ela atribui à maturidade que estava em construção, mas também ao receio da radicalidade que a exigiria fazer uma defesa ferrenha da negritude, usos e costumes que ela ainda não estava pronta para assumir.

Essa experiência está relacionada ao povo negro clamar por representações que sejam parceiras nos enfrentamentos e, ao não ter essa devolutiva, com o grau de urgência avaliada, criam respostas de forma incisiva, contrapondo-se a qualquer prática que possa estar a serviço do racismo. Assumimos que somos muitas e muitos, negras e negros, com experiências que nos aproximam e que nos distanciam, e isso faz com que tenhamos formas diversas de nos fazer existências. Os exemplos de estrangeiros, africanas, ressaltam o quanto aprenderam a se assumir, a se gostar, mesmo que esse sentimento não seja acompanhado por todos que negam.

O amanhã quase sempre não é melhor, porém, não para a vida. As chegadas negras são intensamente perturbadoras e elas chegam chegando, anunciando-se, mesmo que em meio a silêncios. Elas, as negras professoras, sempre remetem a inícios, mesmo quando é mencionado que estão no momento final de suas carreiras.

É exigido um incessante cuidado do que se constrói, pois não nos poupam, o que exige novamente a coragem. Coragem que, muitas vezes, lida com formas desqualificadoras que se traduzem no mito de agressividade da mulher negra.

O trânsito de pessoas negras nas universidades e os estudos acadêmicos, não são sempre possibilitadores de nossas reflexões, pois nossas inspirações inquietantes percorrem nossos espelhos e são eles que nos apresentam os passos, já que a vida segue em frente.

Os impactos são decorrentes do acreditar, do fazer, do que mexe no corpo e que nos embala a seguir buscando, construindo, para ser possível se manter lutando. Alimentar ilusões ou esperar são almas que se levantam para nos mostrar que dá, que necessitamos nunca mais ser fracasso, retrocesso, maltrato, pois não se trata somente da cobrança de direitos, mas também acerca do que nos é arrancado enquanto apropriação de existências, os quais transpomos para podermos aparecer dentro dos espaços, em sua maioria, abertos pelas nossas.

Quando vejo essas mulheres, vejo tantas outras de nós que não puderam ver feitos como esses, e daí lembro do verso de um samba que diz que a saudade é um punhal empunhado no peito até o final, mas acredito que se encarrega de nos despertar a avançar.

A importância de ser em coletivo e de reconhecer a potência desse enquanto projeto está no relato da professora Petronilha:

Foram muitos anos de construção de muitas pessoas de diferentes campos deste país

Mas, são passos que, conforme eu já disse, foram sendo construídos, muitos professores, sobretudo professoras negras, foram construindo, eu sempre disse que a lei 10.639 e o parecer 03 do conselho de 2004 não surgiram de repente e não foi assim, baixou uma entidade e escreveu. Não! Foram muitos anos de construção de muitas pessoas de diferentes campos deste país, que foram de uma forma ou de outra contribuindo, garantindo, dando as pistas. Para um projeto de nação. É o que as pessoas nem sempre têm muita clareza. Lembro que, quando foi aprovado o parecer três no conselho, havia uma conselheira então... a conselheira ficou algum tempo, ela já estava quase encerrando... quando ingressei, ela já estava quase encerrando o mandato dela, acho que já era o segundo, pois acho que eram 2 mandatos que a pessoa pode ter. Mas enfim, ela ficou muito, assim como muitos acharam, os conselheiros elogiaram enfim ou colaboraram para aperfeiçoar na reunião de aprovação ou colaboração que se uniram as duas câmaras porque foi na educação básica e nem na superior, foi as duas juntas. O conselho completo, muitas pessoas trouxeram contribuições importantes, até alguém não estava, todos e até alguns por alguma razão não estavam e alguém disse que alguém não estava porque não queria se comprometer, mas me lembro dessa conselheira que dizia que se fosse assim tinha que ter para todos. Quer dizer, para cada um dos pertencimentos, e eu disse para ela, eu estou de pleno acordo, tem que ter agora vocês que são de outros pertencimentos e que têm que tomar a iniciativa, por que não? Eu não sei se essa pessoa era libanesa, era daqueles lados de lá. De origem libanesa, claro que libanesa ela não era, mas a pessoa queria rebater dizendo. São tantos, pois então o que vocês estão fazendo aí? Inclusive porque ela era conselheira antes de mim.

Sobre ouvir o corpo, comunicar e fazer escolhas, a professora Ida Mara nos narra seus bailados da vida:

Foi de aprender a surfar na onda

Eu não estava muito na disputa, eu não entrava na disputa com meus amigos, com meus pares, quando eles vinham com esse negócio para mim, eu ia dançar. Eu ia dançar, eu ia dançar e eu ia lá. Eu não disputava muitas coisas, nem sempre eu ia às conferências que eles iam, mas eu não ia só nestas conferências. Então, bom... bom, a ANPED era o suprasumo, eu ia na ANPED, mas eu não ia só na ANPED. Eu ia para outras conferências, eu ia para fora do país, então eu via outras coisas, sabe. Então, eu falo que eu dava, nesses anos de carreira acadêmica, eu dava a César o que era de César, mas dei a Deus o que era de Deus, então 80% desfrutei, fazia o que eu queria dentro da universidade e 20% eu pagava o preço para isso. Então eram as comissões, os pareceres, os cargos de chefia, você está na instituição, então você tem que dar a César o que é de César, mas 80 foi de aprender a surfar na onda, teve um momento que foi muito crucial na minha vida, que gerou até a separação de... que tive que repensar minha vida e eu vi que esse modelo... por isso que a arte entrou. Que esse modelo, o ex-marido, ele era, ele é ainda, penso eu, que nunca mais vi, ele era um acadêmico também, então tinha, às vezes, uma certa disputa e isso não me fazia bem. Às vezes polêmicas, às vezes eu conseguia algumas coisas e ele ficava assim meio... e ele tentava fazer as coisas... Era muito sutil e

creio que isso colaborou muito com a separação, é meu parceiro, não é um... E como eu tinha esse lado guerreiro, e eu, quando estou nessa vibe guerreira, acabou. Aí, pode tirar o meio do campo que ela vai passar de trator, então falei não, isso não está sendo saudável. Então, aí tive... tava fazendo terapia, assim, sempre trabalho com a área do autoconhecimento, aí tive um sonho muito significativo que eu estava tipo num ambiente medieval de guerra e eu normal e aí veio um guerreiro assim com aquelas roupas medievais, armadura, escudo, espada, aí ele chega diante de mim e ele tira a máscara e fala: a guerra acabou, agora quero ver a dançarina dançar. Aí eu entro dentro da taverna e olho, e ele entra atrás, e ele entra e estou eu na versão dançarina em cima de uma mesa, eu estava fazendo dança do ventre na época e eu lá toda bela, rebolando e dançando, etc. e tal. Falei mudança de paradigma, acabou esse negócio de guerra, aí mudei, aí mudei tudo, assim meu modo de ver, aí a dança entrou. Eu já dançava, mas dançava como hobby e aí a dança veio para dentro da academia. Aí comecei a pesquisar, dar aula, fazer projeto de extensão, tudo da dança com pessoas com cegueira... a pesquisa. Foi a hora da virada, aí mudei o paradigma também, pois a dança não é a guerra, a dança tem disciplina, a dança não é uma coisa que você [...], não é uma disciplina militar, é diferente do guerreiro que tem disciplina, não é a mesma. Comecei a criar um paradigma de trabalho, de vida, de estilo de vida da dançarina e não do guerreiro.

Mesmo quando sabemos onde se quer chegar, a professora Resistência narra que é desafiador suportar as dificuldades:

Vocês que são pretos, se virem com isso aí

Esse foi um período de muito trabalho e de protagonismo na política afirmativa nas minhas mãos. Até a gente conseguir institucionalizar e a instituição compreender que era responsabilidade dela, foi só depois que saí de lá — que perceberam que não era “só coisa de preto”. [...] Então ficava assim: “Vocês que são pretos, se virem com isso aí”, sem dar apoio nenhum. O apoio era só do NEAB. E a gente ficava lá — a instituição é a 13 km do centro. Então imagina: janeiro, tudo fechado, não tinha lugar nem para comer, e a gente trabalhando com banca o dia inteiro com bolachinha e água. Então, nesse sentido, foi mais... não é reclamar. É dizer que foi difícil, mas que a gente conseguiu.

Quanto a ainda nos colocarem no lugar de culpa, pelos tratamentos racistas que nos projetam, a professora Eugénia nos relata:

Os colegas é coisa velada, você sente

Logo no início, eu percebia mais a parte dos colegas do que dos alunos. Interessante, eu percebia uma certa ressalva, uma certa, não gosto de usar essa palavra, rejeição, porque as pessoas são muito sutis, elas... Você sente, mas a pessoa sempre arruma um jeito de dizer que é coisa da sua cabeça, nada a ver, né? Mais dos colegas do que das próprias turmas. Tanto que até hoje tenho alunos que são coordenadores pedagógicos de escolas, até donos de escolas em Macapá, e quando apareço ou os encontro em algum lugar, sempre me tratam com muito carinho, os alunos, mas os colegas não. Os colegas, é coisa velada, você sente... Tanto que eu saí, tínhamos um grupo de *WhatsApp* do curso de pedagogia e eu saí, eu

pedi para sair, porque mentalmente falei: gente, a minha saúde mental em primeiro lugar. Vou deixar isso para lá. Com os colegas, acho que a competitividade é muito grande e você percebe, primeiro, esse é um aspecto que sempre me chamou a atenção: se posicionar contra qualquer assunto, porque se transforma numa questão pessoal. Isso aconteceu comigo muitas vezes e tanto que chegou um ponto em que comecei a não querer ir para as reuniões do colegiado. Tive muitas dificuldades, eu tive dificuldades, por exemplo, quando entrei no mestrado, quando comecei a atuar no mestrado, os dois primeiros orientandos meus, professores do meu colegiado, brancos, que resolveram estudar a questão racial por conveniência, porque não tinham outra opção, era a única que estava puxando o mestrado e caminhando para a educação, então eles não tinham opção, teriam que sair do estado para ir para outro lugar e com filhos e estas coisas todas... Então eles fizeram comigo, fui orientadora deles e eu passei mal bocados com eles, de desrespeito, porque eram colegas de colegiado, mas não sabiam separar não, sou colega de colegiado, mas aqui ela é minha orientadora.

Sobre o desafio de ter oportunidade e de abrir espaços, a professora Eugénia relata que se percebe na condição de negação:

Você contribuiu para a população branca, agora que a população negra tá tendo acesso

A sociedade, ela pensa... Agora que está conseguindo espaço na universidade e aqui na pós-graduação, só eu e outra colega, só temos duas pessoas, só somos duas mulheres negras que trabalham com essa temática das relações raciais. Se você sair, fulana sozinha não vai dar conta, mesmo porque ela está doente, está de licença, não sai... Aí vou sempre abrindo vaga, sempre abrindo vaga, queixando que quero sair, mas a demanda você fica com pena, a demanda reprimida é muito grande, porque durante muitos anos você contribuiu, mas você contribuiu para a população branca, agora que a população negra está tendo acesso, já chega no momento que você já está ficando cansada e você já quer se aposentar. Daí ficam: não, não faça isso, dá mais um espaço, tem tanta gente, tantos candidatos que não conseguem vaga e tal. Então já é um lugar um pouco diferente, uma construção um pouquinho diferente. Obviamente que... procuro nem prestar mais atenção nisso, mas é, eu não faço parte de grupos, por exemplo, tem uma outra que me chama para isso e para aquilo, mas os grupos, os guetos existem, eu trânsito aqui e ali, mas sempre faço meu trabalho e venho embora para minha casa. Muito raro eu... Me sinto meio que desgarrada, ainda desgarrada, apesar de ter garantido esse espaço, já na universidade, esse trabalho que a gente realiza, nossos egressos que já estão por aí pelas escolas e por outros espaços e que sempre voltam para nos dar esse feedback é tudo, mesmo aqueles que estão cursando um outro respeito tal, mas ainda sinto que não faço parte daquele grupo ali. Tem os grupos deles, eles conversam entre eles, quando a gente chega na reunião do colegiado já está tudo articulado entre eles e você sempre sobra. Mas, não dou importância, hoje em dia não dou muita importância não. (Risos)

A professora Transformação menciona o que garantiu não ter sido tensionada racialmente na sua experiência profissional:

Tinha tensionamento com os colegas conservadores

Poxa, olha aí, é que é uma coisa muito curiosa, isso digo com muita convicção e até brinco com isso, eu digo se houve outra, esta história de encarnação, devo ter trabalhado e corrigido tudo lá atrás, porque nessa era tudo é portal aberto. Não houve no concurso para o Rio Grande do Sul e ingresso, convivência na escola estadual, não houve seleção para a universidade estadual de Maringá, não houve, mas você veja, eu era aquela pessoa dedicada. Não levava nenhum tensionamento, tinha tensionamento com os colegas conservadores do ponto de vista, conservadores tradicionais e eu não levava e eu tinha muitas pessoas junto. Desde o ingresso para o estado em que trabalhei aí numa escola estadual, trabalhei na Fapa, que é uma faculdade privada, trabalhei no Colégio Israelita, não houve e eu não levei também o ponto de vista da questão racial, eu não levava nenhuma questão. Aí vem algo que você já deve ter estudado, como tenho esta cor de pele, eu não sou alguém que fustigo agora levar o conteúdo, eu teria vivido isso se eu tivesse um outro traço fenotípico, mas como eu não tinha, né... A inserção da minha movimentação na carreira não teve e não houve, para ingressar no estado e depois nas universidades, porque antes da UFSC atuei no estado do Paraná em uma universidade pública por concurso e fluiu muito. E mesmo depois, quando comecei a atuar com questões do debate étnico racial, foi em 2003 que eu estava até revisando o meu material, quando começo a pautar, a pautar, por projetos de extensão, por propostas de eventos, quando começo a pautar. Isso eu já tinha uma solidificação tal na universidade que eu estava muito assentada, então... mas enfim, podemos continuar, pois pode ser que tenha outros elementos aí.

A compreensão do viver enquanto projeto coletivo, enquanto comprometimento com o todo, é tratado pela professora Ida Mara como movimento natural, pois se funda nessa dinâmica negra que faz com que as individualidades sejam devolvidas aos seus lares coloniais, para podermos nos sentir e conduzir-nos em multidão pelos propósitos que atendem ao nosso povo.

Fazer política nessa dinâmica exige que vozes ecoem em uma proposição que não é de deixar as coisas rolaem, nem de manutenção de privilégios, mas de proposição de diálogos que reverberam em projetos de nação equânimes, que reparem as barbáries cometidas, algo que facilmente faz com que as mudanças tenham abertura necessária para se efetivar.

A dificuldade de nos convencermos de qual é a nossa participação no combate aos racismos passou pelo aprendizado de não carregarmos a culpa pelos racismos sofridos, conforme dito por Kilomba (2019, p. 161), a agonia dos racismos é, portanto, expressa através de sensações corporais, pois nos fizeram por muito tempo acreditar que provocamos essas práticas, que não sabíamos nos portar, que não nos colocávamos nos nossos lugares, que não sabíamos com quem estávamos falando. Não fomos nós negras e negros que produzimos o ataque histórico ao nosso povo!

As lutas negras em salas de aula, nos movimentos que educam, nos terreiros e em cada beco ou vila que rodamos nossas saias, operam para que as políticas públicas aconteçam; e a manutenção dessas práticas afirmativas têm sido tratadas e zeladas pela negritude. No entanto, já é tarde para a compreensão da responsabilidade da branquitude e das instituições das quais se apossaram; e em assumir seu papel frente a obrigação legal, que obriga racistas, a recuar e exercer o reparo de suas atuações.

É inigualável a contribuição de docentes negras na construção intelectual da população branca. Docentes permeadas por sentimentos de que necessitam assumir a responsabilidade de dizer à população branca que precisam nos respeitar, e não criar estratégias que aniquilem nossos corpos ou neguem nossos conhecimentos. Inclusive, temos a inquietação do saqueamento das nossas energias, e alinhado a isso um compromisso que temos umas com as outras de ser passagem, já que estamos vivendo a tomada de decisões nacionais em favor da população negra e, mesmo que tardiamente, as chegadas estão acontecendo.

A exaustão não nos autoriza a partir sem que tenhamos deixado muitas de nós dando seguimento àquilo que nós estamos realizando, pois estamos aqui para escurecer, para fortalecer nossas presenças nesses espaços. Não passaremos bastões, mas vamos dar continuidade a sonhos, a projetos, honrando a quem já os defendia, mas seremos nós nas continuidades, sendo continuidades, sendo quem somos e fazendo com que os pulsares ancestrais se mantenham em nós.

Saudamos Luiza Mahin (entre 1812/1817 – sem registro da data de sua morte), Antonieta de Barros (1901-1952), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Lélia Gonzalez (1935-1994), Thereza Santos, nascida como Jaci dos Santos (1938-2012), Beatriz Nascimento (1942-1995), Neusa Santos Souza (1945-2008), bell hooks (1952-2021) e todas aquelas que já se encontram no orum e que nos tornaram tão felizes ao podermos sepultar aprisionamentos que não nos permitiam ir além.

A união de negras mulheres se fortalece pelo transporte dessas energias que as acompanham e as tornam não aquelas que as substituem, mas aquelas que honram o legado construído, tornando-se ferramentas desse fazer atento e comprometido com as questões do dia a dia das negras do nosso país, que são delas e que agora não menos delas, que também são nossas.

Seguir os passos de quem já enfrentou a luta nem sempre é tarefa fácil, e isso pode significar afastamento que promete segurança, cuidado, blindagem, mas

que nem sempre ocupa espaço seguro e descobrem que ali habita uma negra, então ali é chegado o tensionamento.

Assim, esse corpo que embala o corpo na dança e que baila sem disputar o espaço é chamado à guerra e nas suas escolhas faz com que o guerreiro que a guarda seja possibilidade e não o condutor dos seus passos, pois busca enfrentar os tempos ruins na serenidade que carrega na energia do seu ser a bailarina, conforme nos sinalizou a narradora Ida Mara.

Sabemos o que fazer quando somos aquela que não é considerada, aquela que fica esquecida pelo exército branco que se forma para nos atrasar. Sabemos o que o desrespeito e as violências são capazes de provocar. Como aconteceu com essas negras professoras, que muitas vezes tiveram a expressão do racismo dos seus colegas sendo justificado como “é impressão sua”, equívocos produzidos pelos fantasmas carregados na “mania de perseguição de pessoas pretas” dispuseram-se a não permitir seus adoecimentos.

Não andar só! Trata-se também de sermos obrigadas a tratamentos médicos, a terapias, mencionadas por muitas dessas mulheres, para que pudessem se manter inteiras na academia, mesmo quando estavam em pedaços. Mesmo aquelas que não possuem uma pele que grite sua negritude, que não aborde as questões negras e nem fossem tensionadas, percebem-se diferentes no contexto. Essa mesma professora reconhece que estar em espaços em que possui poder a torna, de certa forma, menos alvo, assim como já foi, por possuir uma pele de tom claro.

Negras mulheres não ficam esperando, elas fazem acontecer, pois jamais tiveram a possibilidade de outra posição. Cansadas, elas encontram formas de se erguer e de enfrentar, e isso faz com que não se abatam e se fortaleçam na luta. Alcançaram muitas vitórias e não esquecem que junto a cada uma de nós há um povo que não será carregado por nós, mas que nos impulsiona a perseverar, e é sobre isso que temos tido a certeza do caminho a trilhar.

A professora Petronilha menciona que as negras mulheres precisam ser preparadas:

**Cada vez mais discriminam as mulheres por ser mulheres e por ser
negras**

Acho que as pessoas negras têm que ser fortes e mulheres numa sociedade que cada vez mais discrimina as mulheres por serem mulheres e

por serem negras, a gente tem que receber não só os exemplos de quem a gente conviveu, mas também formação e educação para tu enfrentares. E nesse cuidado, acho que a minha mãe... meu pai faleceu muito cedo, por isso que me refiro à minha mãe. A minha mãe, nossos parentes e amigos iam dando essa referência.

Quanto aos lugares que o ser negra forte impõe às negras mulheres, a professora Ida Mara nos disse:

Não me vejo uma fortaleza no sentido de impenetrável

Em alguns aspectos sou, mas, em alguns aspectos, tenho vivido muito essa experiência que sou uma pessoa também doce, gentil, então sou forte, mas sou gentil também, então sou doce, sou meiga, sou uma pessoa simples, sabe, então sou muito pé no chão. Então me coloco como uma pessoa ensinável, sempre aberta, receptiva, gosto de escutar as pessoas. Não me vejo como uma fortaleza no sentido de impenetrável, uma pessoa que se defende o tempo todo, porque a fortaleza é isso, né, você tem que se defender ou está sendo atacado o tempo todo. Então eu não tenho essa... Vejo que tenho descoberto cada vez mais que o poder da vulnerabilidade de você ser quem você é, isso a dança me ensina muito. Como Caetano diz, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. Então, acho que tenho a dor e a delícia. Acho que até com a questão da idade, de reconhecimento mesmo, agora eu já sabia que eu tinha... que têm algumas pessoas, tem até uma pastora que um dia me chamou de negra doce. Você é uma negra doce, então ela falou ao mesmo tempo que ela falou uma constatação, mas, ao mesmo tempo, ela me mostrou que talvez não fosse o que se pode esperar disso também, sabe. Eu tô muito... com o passar do tempo eu tenho acreditado que há lugar para ser gentil, para a doçura no nosso mundo, sabe que não precisa estar sempre protegida por uma fortaleza. Você não precisa e isso me traz muito, uma coisa que acho que é muito legal e acho que isso é, independente da fortaleza ou da doçura, ou da gentileza, o que eu me considero é uma pessoa livre. Isso, sim, se eu puder... e essa liberdade me favorece nos momentos em que preciso ser forte, sou e nos momentos que posso ser doce, eu sou também, eu tenho uma liberdade de ser quem sou e é isso que cultivo diariamente. Isso, acho que se eu tiver que me definir como ser humano, eu me defino como uma mulher que cultiva a liberdade dela dia a dia e isso é que me favorece ser quem sou, ser doce, mas, eu não sou enjoativa (*risos*)... Doce, mas não sou enjoativa, tem uma pimenta ali que... chocolate com pimenta.

A formação crítica fortalece a formação identitária, como dito pela professora Eugénia :

E também a certeza de que o espaço é nosso, e que a universidade tem que nos pertencer. Nós não somos visita. Não estamos de passagem. Então, quando entendi isso — que eu não estou aqui de favor, que eu não sou uma exceção — isso me deu força para permanecer. Porque quero ver mais resistências entrando. E eu quero estar lá para recebê-las.

O ser forte traz no pano de fundo outras marcas que não se dissociam, como mencionado pela professora Resistência: “Então, eu penso que é isso. É um

misto de responsabilidade, com esperança, com teimosia, com uma fé enorme de que é possível transformar a universidade. É isso”. Para ela assumir esse lugar de força é complexo, pois, conforme nos relata a professora Resistência:

No espaço acadêmico é mais difícil recuar

Eu me reconheço frente a essa afirmativa e também me sinto essa fortaleza tanto no espaço de trabalho como no espaço pessoal. Isso tem, uns dois anos para cá, me cansado. Me cansando e me fazendo repensar. No espaço acadêmico, é mais difícil recuar. Porque se eu recuar... vou recuar — se eu estiver viva daqui a quatro anos, eu vou aposentar, vou recuar. Mas se eu recuar nesse momento, eu não tenho outra pessoa para ocupar a luta. E eu tenho certeza disso, e isso acontece com outras colegas.

Quanto à força que entra, de certa forma, como uma prática de imposição de existência, a professora Eugénia menciona:

Acho que é um mito, essa história de que a mulher negra é uma mulher forte

Se eu fosse essa fortaleza toda, não estaria fazendo terapia há tantos anos para não desmoronar, a gente tem que buscar, na verdade, forças, onde não tem para poder seguir, né? Mas acho que é um mito, essa história de que a mulher negra é uma mulher forte, é sobrevivência, a gente tenta sobreviver porque você, eu, pelo menos na minha cabeça, este espaço também é meu, então não vou deixar que me expulsem daqui. Estes embates são constantes e você tem que estar se preparando, trabalhando constantemente para se posicionar, para fazer frente a determinadas situações, mas é um mito, acho um grande mito, a terapia e a terapeuta que o diga. Risos... Como eu choro! Só que quem me vê na universidade, toda sorridente, toda bonitona, como eu disse que chegou chegando, não imagina, não imagina, não tem ideia.

A forma com que se constrói a trajetória de corpos negras exige habilidades, dentre as quais somente a força não seria suficiente, como nos diz a professora Ventos:

Não sei se eu sou forte

É difícil responder essa pergunta, se eu me considero forte. Eu me considero estratégica, na hora de enfrentar... enfrentar, na hora de chorar, choro, na hora de me sentir humilhada, eu me sinto humilhada, então, mas reajo. Então não sei se sou forte, porque, às vezes, eu digo, mas, por que que eu não parti ali, porque eu não sou uma pessoa de natureza agressiva e aí digo assim, talvez eu não seja tão assim de sacar o momento é de dar a resposta certa ali. Agora dou a resposta, posso me sentir humilhada naquele momento de não falar, mas espero, dou uma volta e falo para a pessoa: olha, se lembra como você fez aquele dia, aí eu não preciso falar, preciso mostrar o que faço, então eu sempre trabalhei, fiz assim, posso faltar o argumento naquela hora, tomar de surpresa e não ter a expertise de

jogar os cachorros na maior elegância, mas mostro o meu trabalho. Se isso é fortaleza, eu faço acontecer as coisas, os eventos, os livros, as aulas, as discussões, tudo isso para mim, mostrou que tô no lugar porque conquistei, porque sei fazer.

Existem diversas referências comportamentais negras, conforme a professora Transformação nos aponta, que possibilitam que se leia o ser forte resignificando-o:

Minha atitude sempre foi de deixar o cidadão se afogar na própria raiva

É, eu diria que hoje de uma forma diferente, até na rede lá eu sempre tive uma atitude que não era de fustigar, eu nunca fui uma pessoa que mesmo nos embates eu fosse alguém de dilatar pupila, de mostrar as garras, eu nunca tive essa atitude. Minha atitude sempre foi de deixar o cidadão se afogar na própria raiva e isso sei que ajudou. Mesmo quando a gente tinha os debates, por exemplo, direita e esquerda e tal, eu nunca fui aquela que peguei baioneta e fui lá para a frente gritar, trabalhadores do mundo, uni-vos, não! Porque eu tinha um outro jeito de me inserir. Então, juntando esse jeito de eu ser e juntando isso que digo para você, que lancei mão desse repertório que construí, isso me cercava e, se havia alguém que queria, nunca conseguiu efetivar ou não chegou a acionar porque não tinha como, né.

As lutas pedem a nós negras socorro, por sermos consideradas as que são fortes e que suportam temos todas as demandas a nossos pés, mas esquecem de quem somos e colocam-nos presas à generalização, sem que nossas vozes sejam escutadas, e assim seguem sem saber quem realmente somos, pois o que gritam é que temos que ser fortes.

Nós somos referências, estamos fora da curva por sermos sobreviventes, e isso nos tornou grandes, mas não reconhecidas, respeitadas, por se tratar de um trânsito construído para assumir o peso absoluto de tudo que tinha que ser carregado, o que vai sendo tornado tarefa fácil para nós e temos muitas assumindo isso e estabelecendo uma forma única de assumir, que é se colocar com coragem.

A nossa capacidade de dialogar foi encorajando umas às outras para que não nos curvássemos às durezas. Essa situação nos colocou firmes perante os desgostos que só deixaram cansaço, falta de afeto e descuidos. Essas negras narradoras não se anunciam fortes sem que façam pontuações acerca dessa força que certamente não dialoga com as leituras de força que caracterizam os corpos de negras. As raízes dessas mulheres são resistentes, mas não o suficiente para enterrar todas as suas essências que carregam a doçura, a coragem, mas também que as fazem temer e chorar. Essas mulheres conseguiram, em muitos momentos,

tornar-se o que são e como reagem, aquilo que sentem, às escolhas, pois se tornaram livres.

Quando elas mencionam a necessidade da formação nos enfrentamentos, chamam-nos a responsabilidade de educarmos também nas nossas salas de aula, já que é sabido o que o ser negra e mulher vai nos exigir socialmente. Infelizmente, nem todas nós teremos nos nossos grupos familiares ou de convívio alguém que nos prepare para a vida fora de nossas casas, o que nos torna mais vulneráveis às investidas para nos atingir.

Muito já foi feito, muito se perdeu e muito será feito! Há uma exaustão nessa luta sobrecarregada que sempre vamos ter, uma ansiedade pela vitória que parece estar no arco-íris, mas a cada volta que damos há chegadas de outras, e nem mesmo todo o cansaço é capaz de tirar o brilho dos nossos olhos e o pulsar com que nossas existências anunciam outras possibilidades.

Acreditar é algo que sempre justificou nossa persistência, que responde pela permanência dos sorrisos e pelo chegar ocupando, mesmo sem que haja evidências de que as portas não irão se abrir, pois passamos a acreditar que na falta da abertura dessas portas construiremos as nossas próprias.

Conforme mencionado, o ser fortaleza pode ser essa teimosia diante das incertezas, como um ritual de conquista, já que as tristezas nunca impediram as tentativas de fazer acontecer.

A morte da mulher forte causa em nós mulheres uma necessidade de partir de nós mesmas, pois já não há como voltar ao descobrirmos que nunca fomos aquelas fortalezas, mas que sobrevivemos àquilo que tínhamos que sobreviver. A resposta ao choro que é relatado está nas lágrimas que correm no meu rosto, mas também nas que enxugo no rosto da mais nova. No entanto, entendemos agora que temos que buscar o que se perdeu de nós, com ajuda, pois nós juntas não tivemos sucesso de encontrarmos aquilo que se perdeu. Sobraram as sequelas, os hematomas, as marcas que podem sangrar uma vida, se não assumirmos que sentimos, que choramos e que temos o direito de ser cuidadas, mesmo que antes tenhamos que nos perdoar por nos darmos oportunidade de um caminho mais cuidadoso e menos árduo.

As partidas em nossos caminhos são ciclos nos quais deixamos muito de nós, mas nenhuma delas pode ser fruto da negação das nossas presenças, já que jamais haverá espaços nos quais nós não caibamos. A fortaleza em nossos

contextos está na forma com que estrategicamente construímos passagens capazes de nos tornar o que somos, e essas mulheres são essa potência dentro dos seus espaços se tornando inspiração para quem busca espelhos.

Seguimos lutando devagar e urgentemente, trazendo nessa caminhada nossos sentimentos sem que seja necessário enterrarmos o que sentimos, pois estamos sendo e aprendendo a caminhar, compreendendo que não seremos mais do que podemos. Há muito tempo estamos sem tempo de viver de amor, de cuidados, pois esses estão longe de negras mulheres. Porém, construímos nossos abraços conosco, compartilhamos afetos na perspectiva defendida por Bispo (2023, p. 21), de recíproca e não de troca, ao aprendermos outras formas de prazer onde sempre encontramos a nós mesmas. Nesse sentido, o amor entra com mais dificuldade em corações negros, mas mesmo sem ele não deixamos que tempo ruim se instale em nossos caminhos.

A vida nos apresenta desagradados e, ao mesmo tempo, ensina-nos a cuidarmos de nós mesmas, já que celebrarmos é uma forma de potencializarmos umas às outras e nos reencontrarmos com o que somos, sem ilusões e sem nada além. As narradoras se reconhecem negras que sobrevivem e que precisam da convivência com outras, por sermos fruto de encontros e reencontros que mantêm o fortalecimento nas diversas fases em que lágrimas e risos se apresentam.

Nem sempre a nossa razão nos faz vencedoras. Assim, as rodas pedem que se deixe acontecer, suportar e permitir que a dor chegue primeiro e depois as alegrias. Nesse contexto, o lido como força é a sabedoria do nosso povo, segurando-nos a esperar que as coisas se acomodem e a tempestade recue, para seguirmos a travessia.

A luta não sai de nós, nos inicia, acompanha-nos onde estivermos e, mesmo que nos roube prantos, nos faz feliz, já que nos torna o que somos, cheias de firmezas, de solidão e de dor que também se perde em amor.

Festejamos o tempo todo o que não chega, mas também a possibilidade da busca, pois assim desenvolvemos uma confiança em que não cabe o solitário, pois há um axé que move, que ergue, que sustenta e que não se trata somente do bater do tambor, mas de corações que pulsam em sintonia, pela necessária certeza do dia ensolarado, mesmo que seja noite.

Mesmo não sendo olhadas, essas mulheres se fizeram ser vistas, sem que necessitassem pedir licença. Seguiram em frente sem perder a oportunidade de

anunciar quem são e a quem guardam junto a si. Elas agredem ao fazer com que quem fecha os olhos tenha que assumir de que lado está e certamente não estão do lado de quem venceu, que são elas negras professoras universitárias.

Temos carinho, sorrisos, carisma, mas também temos raivas, revoltas e asperezas. Carregamos fé, amor e certeza de que é possível termos espaços nos quais o que sabemos seja reconhecido. Tivemos que criar formas de viver para a vida melhorar, então somos nós que conduzimos como vamos lidar com cada fraqueza que o dia nos apresenta, já que sabemos recomeçar e ensinar o que de fato é necessário para sermos aquelas que levantam em meio às fortes caídas.

Somos as negras fortes até quando quisermos e sempre o tempo todo é tempo demais, é tempo solitário, é tempo vazio que não queremos, pois fica fadado a promessas que não serão cumpridas, permeadas por ilusões nas quais nós fomos jogadas. Escolhemos ser melhores, para nos sentirmos menos piores, pois nós escolhemos, e isso significa não nos esquecermos mais de nós mesmas, das nossas dores e da falta que os amores nos deixam.

O que corre em nós é água, é sangue, é fogo, é ar, e isso faz com que não precisemos de muito para derrubarmos o que nos impede. Isso não se refere a sermos somente mágoas, mas sermos aquelas que guardam tudo que possa nos fazer lembrar o que nos fez parar de cantar.

Como mencionado por Kilomba (2019, p. 174), “ela nunca é ela mesma, se referindo a nós negras, ela é um grupo todo-um grupo sujeito a verificação severa,” e não esquecemos nossos choros, pois vivemos na correria, onde carregamos muita raça e desgraças que enfrentamos, limitamos e aos poucos podemos desfrutar da volta das nossas alegrias nas nossas aprendizagens lotadas de não.

Aprendemos a não chorar, pois nossos passos estão lotados de mortes, as quais se tornaram parceiras. A nós cabe seguir firmes para os lugares que são nossos, de corpos que cantam, dançam e se alegram, em meio àquilo que sobra dos escombros.

As negras professoras mencionam as diversas formas de criação de fortalezas e, em suas lembranças, elucidam essas como criações externas, realizadas pelos Eus e não pelo seu EU. A professora Petronilha, acerca dessa afirmativa, relata: “Eu não sei se sou essa fortaleza, sou uma pessoa, uma mulher negra e velha. Em relação ao que ainda pretende realizar, só Deus sabe, pois é o cara bem mais informado que existe”.

A negação da derrota, pode estar travestida de força, quando, na verdade, há um assumir as rédeas de passos capazes de movimentar uma multidão, conforme dito pela professora Resistência, referindo-se a passos dados pelas/os que vieram antes:

Na verdade, eu sou uma chorona

Mas assim, quando estou num projeto de Abdias, até me emociona — estou falando — as pessoas acham que sou uma fortaleza. Na verdade, eu sou uma chorona, mas eu não choro em qualquer lugar. Mas me emociona porque, se Abdias do Nascimento tivesse desistido — não foi fácil para ele, e, com certeza, ele não foi uma fortaleza toda — mas se ele tivesse desistido lá atrás, hoje eu não estaria com esse projeto levando alunos pretos e pardos. Todos esses meninos que estão tendo a oportunidade para fazer a internacionalização. Então, se eu tivesse desistido do Neab da [...], não teria a Carta de Campo Grande que orientou políticas nacionalmente. E se eu desistir e não selecionar os meninos pretos e pardos, as mulheres para pesquisar, quem vai fazer isso? Então, é meio que a causa te dá mais força do que a própria dificuldade que você tem.

O tempo não te desfaz, mas te questiona. Assim, essas respostas gritam por reafirmações que se perdem no que apreendemos ainda ser necessidade de construir ao se construir, conforme segue nos contando a professora Resistência:

Agora sou uma fortaleza com algumas fissuras

Então assim, eu reconheço que essa imagem que passo, que as pessoas têm confiança e veem — e por muito tempo, acho que fiquei sendo uma fortaleza plena e inabalada — mas, agora sou uma fortaleza com algumas fissuras. Não rachaduras, mas umas fissuras, começando a me alertar de que “opa, espera aí, vai ter um momento aí que você vai ter que escolher entre onde você quer fazer”.

O incomum traz em si um passe diferenciado, devido à complexidade que misteriosamente é dada pela própria leitura realizada acerca das/os mesmas/os que não trata de destruição, mas da plateia que aplaude o que voa, mesmo que sua expectativa esteja no que deveria cair. É nesse sentido que a professora Eugénia nos traz suas lembranças:

Cai quando eu pensava que... Já levantava

Como eu disse logo no início, os brasileiros gostam dos estrangeiros. Tratam muito bem as pessoas de fora, na verdade. Que a gente compara, a gente vê o tratamento a nós como negros africanos e o tratamento que é designado aos negros brasileiros. Há sempre uma diferenciação, eu percebo isso. Então, os vizinhos ajudavam muito, as pessoas emprestavam dinheiro para nós, porque nós não tínhamos recebido a bolsa, e não foi fácil,

não foi fácil. Mas eu sempre fui muito resiliente, cai quando eu pensava que... Já levantava. Eu sempre fui assim, escorpiã, escorpiã, (*risos*)

Certamente as exigências da vida produziram corpos e comportamentos que respondessem às necessidades e, dessa forma, esses corpos e comportamentos nem sempre são reconhecidos como a essência real dessas negras mulheres, conforme narrou a professora Ana Maria:

Fortes?

É uma boa pergunta, porque essa questão do ser forte, nós somos educadas para ser fortes. Em tudo. Nós, mulheres, e particularmente mulheres negras, e ter fragilidades nunca fez parte dos nossos direitos e nem eram discussões, nem eram, nem pautadas, e eu vejo que hoje é diferente, hoje as mulheres reivindicam esse direito de serem humanas e tal. Olha, penso que sou uma mulher que estou tão acostumada com essa roupagem que ela é muito natural e forte e posso dizer que sozinha, pois mesmo casada posso dizer que, muitas vezes, somos sós nas nossas lutas, sempre temos que resistir, não temos opções a não ser fortes e tocar em frente. O homem constrói a sua história de acordo com as condições que ele encontra, então, dentro disso, sabe, virou uma segunda natureza. Eu não sei se é a minha natureza, mas é a minha natureza, eu vou tocando, reivindicando direitos pelos seus momentos de humanidade, nesse mundo que explora muito e exige muito e elas, a nova geração, estão certas, pois sou de outra geração, tive que ser como sou.

O que carrega o contexto de força relacionado à mulher negra está intimamente ligado ao desafeto, ao abandono e à dor, entendida pela professora Transformação, mesmo ela não compondo essa vivência que impõe às negras o enfrentar quase que heroicamente:

Não creia nisso, não é um elogio, é uma armadilha social, é uma armadilha racial

Eu não me considero como fortaleza, eu tenho uma condição de vida que é a seguinte: eu não tive filhos, então eu não fui demandada por muitas coisas que o fato da maternidade provoca em relação a essa ser fortaleza, não tive filhos, eu não tive pessoas que tenha demandado de mim cuidados, uma mãe ou um pai, irmão ou alguém sob seu cuidado e que demanda. Eu não tenho essa história. Por isso, brinco como lhe dizia antes: andei curando muita coisa lá atrás, pois desta vez venho tudo tão “facinho”. Porque a gente sabe e tem pessoas próximas que estão assim há anos cuidando de pais que vão ficando dementes, que vão enfim... Eu diria que durante meu tempo de docência eu não tive situações que tenham, eu não tive chefes, eu sempre estive no serviço público, depois de uns anos só no comecinho. Então, eu tinha muita segurança e eu tinha um empoderamento de que eu era concursada, não devia nada para ninguém, então não era bem assim para as pessoas me tensionarem desse ponto de vista de lugar como funcionária pública. Então eu diria que um conjunto de circunstâncias pessoais de vida não me colocaram demandas que tenham solicitado essa coisa de dizer assim, olha como você consegue dar conta ou eu mesma me

ver, olha como eu consigo, não. Não tive situações que tenha me colocado isso... Mas, eu convivi e convivo ainda com muitas educadoras negras que assumem por conta que têm que dar conta, seja do ponto de vista de confrontação com o racismo, seja no sentido de ter que se afirmar diuturnamente como essas companheiras, como elas de fato vão criando para si essa identidade de eu sou forte e, ao mesmo tempo, se dizem entre si olha como somos fortes, olha como somos guerreiras. Convivo com isso, com pessoas amigas e pessoas das militâncias onde eu circulo. Acho que isso é uma grande armadilha é uma crueldade social... crueldade social que as pessoas que sangram afetivamente sangram às vezes corporeamente para darem conta daquilo que se impõe sobre elas, que elas sejam chamadas, acho que é uma crueldade, usar como artifício dizer que elas são fortes, porque é um artifício para elas seguirem no sacrifício, para elas seguirem no... então, eu sempre alerta ou procuro dizer assim que não queira, não aceite, não precisa, sejam uma pessoa que faz as coisas isso é uma grande armadilha sobre você. Não creia nisso, não é um elogio, é uma armadilha social, é uma armadilha racial, no campo da ginecologia, os sacrifícios todos impostos ainda às mulheres negras, principalmente na obstetrícia, em nome dessa crueldade que é dizer que elas suportam. Por isso faço questão de explicar que tenho um conjunto de circunstâncias de vida que não me demandaram esforços, né? O meu companheiro é um homem negro e é um homem que, desde 1980, não mede esforços no movimento negro, e ele tem uma pulsão, eu vou chamar assim, muito mais serena do que eu, é um militante. Não puxe briga que ele não vai alimentar, não vai cultivar, ele vai debater, ele vai se manter ali, mas não vai querer tomar para si responsabilidade de resolver as coisas, ele vai insistir no coletivo, então isso também me ajuda, que me ajudou nesse tempo, mais recente.

Para as negras mulheres, a vida não vem doce, não vem mansa, mas vem cheia de desafios, de movimentos, de sons e andanças; nem sempre é sem sol, nem sempre correm lágrimas de dor, mas são lotadas de vidas que já nascem aos prantos anunciando existência, movimentada pelo ocupar não somente do corpo, mas também da voz que se torna nossa ao atravessar o mar que nos entrega vida.

As palavras proferidas por essas negras mulheres carregam um misto de descompromisso com o ser forte, no sentido da fortaleza inabalável, que barra quaisquer possibilidades de comprometer sua estrutura. Conforme menciona Bento (2022, p. 86), “quando se trata de mulheres pretas, toda a insurgência é um ato revolucionário” e as experiências de suas vidas nos mostram o quanto necessitaram ser mais ou menos firmes em seus propósitos e corajosas frente aos enfrentamentos.

Durante as narrativas, vamos encontrando as evidências de que fizeram, fazem e ainda farão muito pelo projeto político que defendem e com o qual se compreendem. Talvez tenham sido movidas pelos impulsos de sobrevivência coletivos ou simplesmente foram atravessadas por caminhos em que não foi a força

que garantiu suas lideranças, mas sua capacidade intelectual somada às suas idealizações sociais.

Os medos narrados sinalizam o quanto suas humanidades sobreviveram ao desterro de suas origens, histórias e crenças, sem deixar de se fazer presença, pois o medo nos habilita a seguir em caminhada atenta, projetada e coletiva. Algumas dessas colaboradoras/irmãs, quase se redimindo, ressaltam que não trilham caminhos que delas exigissem enfrentamentos, o que não as habilitaria a compor uma discussão das implicações da força negra, já que nunca esteve nesse lugar que provoca dor e luta.

Ainda que as suas experiências e memórias não tragam esses atravessamentos com questões relacionadas às desigualdades de raça, classe, gênero e sexualidade, elas defendem em suas pautas de vida que as negras mulheres se defendam desse mito da força, que, na verdade, nega a negra enquanto potência necessária, mas que tem sido forjada como corpo com desnecessidade de qualquer cuidado, sendo que se trata de perversa invenção.

Essas mulheres narradoras usaram as armas que possuem para abrir caminhos que fossem possíveis de tornar suas vidas menos árduas e futuros possíveis de serem construídos, em lugares nos quais há muito tempo não se admite que os ciclos de apagamento, vulnerabilidade e acesso aconteçam. Conforme mencionado por Audre Lorde (2019, p. 139), “a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica”, o que exige escolhas e preços altos a serem pagos, no entanto, a abdicação de si se sustentou na compreensão do fortalecimento que o coletivo exige de cada uma, para que seguissem em movimentos.

Quando elas mencionam que são fortalezas, que sofreram avarias ou que não se consideram neste lugar, trazem nas suas expressões a reafirmação do atendimento a um chamado que se propõe a ser a mudança e, junto a outras potentes negras, buscar que os futuros sejam para todas. Certamente essas mulheres são muito poderosas, pois sobreviveram como professoras na universidade, negando-se ao silenciamento, à dor, à individualidade, pois cuidam das vidas, das histórias e das feridas que também são suas. Nesse sentido, assumem que os gritos de uma é a voz de todas as negras. Esses gritos precisam ensurdecer a humanidade e acordar as humanidades onde as diferenças não caibam enquanto inferioridades e sofrimentos nos quais a vida passa a ocupar um vazio sem valia.

As contribuições que essas negras mulheres nos ofertam têm relação íntima com o direito de termos acesso ao nosso passado, onde vitórias e chegadas apagadas pelas minorias brancas nos distanciaram para não ser possível reconhecermos o quanto podemos. Estas memórias rememoradas, nos arrancam dos desconfortáveis pesadelos que nos rodeiam, para reforçar experiências nossas de sucesso, capazes de nos movimentar em massa.

Quanto a nos reportarmos à nossa consciência ou memória, isso logo reanima o pensamento necessário de Lélia Gonzalez:

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido. Só que isso tá aí... e fala. (Gonzalez, 1984, p. 227).

Essas mulheres que fazem as mudanças acontecerem no nosso país vitalizam a democracia. Lembrando que a democracia não se faz presente sem que a igualdade racial seja uma realidade. Mesmo diante dos seus medos, dos seus cansaços e das suas incertezas, elas sabiam contra o que estavam se movendo e buscaram vitórias nos espaços de poder que ocuparam, pois somente assim suas pautas poderiam construir a abertura de oportunidades das quais foram responsáveis.

Grita nessas mulheres a certeza de dias melhores, de vida melhor. Foi isso que as manteve e mantém em ação, pois nada está seguro e as mudanças são como ondas no mar, avançam e retornam, e isso não significa que vamos parar de nadar. É mito dizer que quem é do mar não enjoa, mas certo que quem é do mar sabe que nunca estaremos sós.

Essas negras mencionam parcerias, coletivos que certamente as fortalecem e impulsionam, e que também as embalaram quando necessário, pois se negaram a

aceitar que serão os racistas, machistas e todo o tipo de opressores/as que irão determinar nossas vidas, e assim foram resistentes.

Com essas mulheres temos a oportunidade de criarmos esperança, já que elas nos provam que as mudanças acontecem pois elas não somente narraram experiências de seus contextos de vida, mas nos permitiram sonhar e projetar, mesmo quando ainda estamos em luta do dia a dia.

É preciso saber ouvir, aprender com os passos já dados, para não termos as mesmas dificuldades. Essa necessidade já vem sendo defendida por intelectuais negras quanto ao favorecimento da negação das memórias, para que se viva sempre na intenção de criar, quando deveríamos estar desenvolvendo e ampliando o que já vem sendo construído pelas gerações anteriores.

Não há como negar, conforme relatado por Bento (2022, p. 19), que há “pactos de cumplicidade entre as pessoas brancas, não verbalizado, que mantêm seus privilégios”, que mantêm em pé os racismos, que e esses são fortalecidos continuamente pela branquitude que se encarrega de instruir suas crias para seguirem em defesa de manter seus privilégios. Certamente não tange as pessoas não negras a afirmação do mito que se refere ao povo ter memória curta, trata-se de mais uma criação que ataca nossas histórias e os repertórios culturais negros.

A sobrecarga de negras também se dá pela falta de confiança em um sistema que nunca se mostrou seguro ao povo negro e que muito menos assumiu a defesa de direitos desse povo. Dentro dessa falta de perspectiva, elas assumem a liderança que geralmente sempre tiveram as suas mais velhas já nesse lugar de construção das mudanças.

Esta escrita me permite ir e voltar, pois foi isso que ocorreu nas nossas conversas. Toda vez que houve uma narrativa sobre a inquisição que elas passaram, acerca de estarem ocupando os lugares em que chegaram, diante disso, podemos refletir acerca da associação entre a negritude e a criminalidade que socialmente é executada. É preciso provar o tempo todo, nas diversas esferas e cargos, como se fosse regra um pedido de desculpas por ser e estar, e elas são e estão.

Nenhuma das colaboradoras ilustrou o mito da meritocracia, que afirma que basta esforço para vencer, pois elas têm plena nitidez acerca da impossibilidade, de termos ignorado a cor da pele de negras e negros, “que carregam a herança de discriminação e exclusão” (Bento, 2022, p. 21), o que ocasiona as mais diversas

negações em diversas esferas deste país estruturalmente racista. E elas narram experiências da dedicação, dos estudos, das conquistas, mas também dos limites, das fronteiras e dos coletivos que as sustentaram no que construíram.

Conforme nos alerta Audre Lorde:

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo. (Lorde, 2019, p. 52).

Se a sociedade dita que o que tu vestes define quem tu és, foi-nos respondido que a professora se negou a usar o figurino estabelecido, criou seus padrões, defendeu suas escolhas e mostrou a outras que existir exige arriscar, ser corajosa e se tiver que criar outras rotas, está tudo bem. Encorajamento é o que produziram esses corpos nas universidades.

Essas negras já são a contradição nesse contexto colonizado em que fomos ensinadas que mulher nasceu para ser mãe; e isso a valida como mulher e lhe confere um “poder” em relação a outras negras, mas para ser uma profissional respeitada ela tem que agir com firmeza e trata-se de suposto respeito, mas não de poder.

As trajetórias dessas colaboradoras nem sempre foram exitosas, nem sempre elas foram os alicerces, mas sempre estiveram alicerçadas por seus coletivos e carregaram seus sonhos, dores e medos ao seguirem em frente. Elas aprenderam com suas experiências, mesmo quando já não havia forças, pois o objetivo é não cair e se manter viva. Assim, a cada refletir no espelho elas encontravam uma de si e reencontram a grandiosa riqueza de ser o que somos. Concordo com o que disse Simone de Beauvoir acerca de ser as razões que nos fazem agir e não a força, por isso as temos neste estudo.

A professora Petronilha, que veio antes, diz para as que estão chegando como devem estar preparadas:

Mostrando que é competente, mostrando trabalho produzindo

Estudando, dominando a área em que escolhe trabalhar e mostrando que é competente, mostrando trabalho e produzindo. Hoje se produzem muitos artigos e se espera que haja muitas publicações. Antes não era uma exigência que ficassem publicando, mas que produzissem nos grupos de estudos e grupos de trabalho. Lembro que, na minha turma de universidade, entramos nas escolas em que trabalhei nos primeiros anos, também às minhas colegas, na época de faculdade. Eu não sei se era uma questão, foi no momento em que o movimento estudantil foi muito forte e eu realmente não era da militância da grande militância estudantil, mas éramos influenciadas. Eu não fazia parte do centro acadêmico, mas tomávamos posições políticas importantes em relação à eleição de diretor. Enfim, acho que isso também é bastante importante na formação da gente. De um lado, eu diria que tive a sorte de ter essa orientação vinda de casa e, por outro lado, ter vivido um momento de muita efervescência na universidade. A primeira greve dos estudantes, eu era aluna, nós ficamos meses em greve e naquela época fazíamos exame na metade do ano e no final do ano e quem não atingisse a média tinha que fazer então e chamavam de provinha que era exame do final do ano ou ir para a segunda época. Então, quando houve, nós paramos muitos meses a greve de estudantes, nós todo mundo foi para a provinha, todo mundo fez exame no final do ano e tu podias fazer na metade do ano. Se alcançasse média, não fazia exame no final do ano, pois já tinha média, mas ninguém tinha a média porque ninguém tinha feito.

Conforme a professora Ida Mara, as portas da academia não podem te fazer tu te perdeses de quem tu és:

O ambiente acadêmico ele deteriora muito quem você é

O que eu teria a dizer é, eu creio que no ambiente acadêmico você jamais pode perder de vista o autocuidado, jamais deve perder de vista a autopreservação, porque o ambiente acadêmico ele deteriora muito quem você é, e eu creio que você precisa... uma amiga minha dizia e eu levei muito a sério e levo ainda: não pode apostar todos os ovos numa cesta só, não dá para colocar tudo na sua experiência, na sua vida profissional, sabe, acho que você tem que dividir os ovos, se a cesta cai e quebra os ovinhos você tem outra cesta para te segurar, a família, o relacionamento familiar é fundamental. Você chegar na sua casa e falar 'tô em casa, eu não estou no trabalho', ter horários específicos para trabalho, não ficar trabalhando o tempo todo numa jornada indecente. Você tem que ter limites consigo mesma, esta questão de agradar todo mundo não funciona. A máquina da universidade funciona com você ou sem você, então, se você não se cuidar, não se preservar... Tem coisa que você precisa se preservar, autopreservação, eu não vou entrar nesse tipo de conversa, eu não vou entrar nesse tipo de parceria e isso só é possível se você tiver em paz consigo mesma, se você souber fazer escolhas pautadas no amor e não no medo, sabe? Isso, para mim, é fundamental. Você falar não, eu não estou escolhendo... Às vezes, a gente faz muitas escolhas pautadas no medo. Ah, eu tenho medo, eu vou fazer esse concurso porque tenho medo de ficar desempregada. Não, eu vou fazer o concurso porque quero me realizar como pessoa, dá uma contribuição para que esse mundo fique um mundo melhor, porque tenho amor pelas pessoas, pela educação, é o amor que está se mobilizando e não o medo de não ter emprego.

A professora Ida Mara segue se referindo a quem somos:

Tem uma dinâmica de sempre dizer que o que você dá não é suficiente

Não atender a expectativas, o medo, então aí mora o perigo, quando você faz suas escolhas pautadas no medo e não no amor, até o amor-próprio, porque o amor-próprio dá limite, então não fica fazendo um monte de coisa, que vai sempre querer mais de ti, porque tem uma dinâmica de sempre dizer que o que você dá não é suficiente, você tem que estabelecer os limites do suficiente, ou você não vai dar conta. Priorizar se quer o Qualis A, sabe, então é ali e que se você vai se matar para ter esse Qualis A, apesar de ter uma festa de dias das mães, da criança, de sua filha, e no mesmo dia que tem uma atividade, você vai ter que fazer uma escolha e aí você vai ter que escolher aquilo que perdura, e às vezes vai ser ir à festinha da sua filha (*risos*) que é muito legal, não me arrependo nem um pinga de quando eu abri mão de algumas coisas para estar perto da minha filha e foi muito legal. Isso para mim tem muito valor, tanto quanto o Qualis A. Terminei a minha carreira acadêmica, mas não terminei o relacionamento com a minha filha. Então planto em lugares que perduram também, então os relacionamentos familiares merecem o nosso tempo, o nosso cuidado, a nossa atenção, porque às vezes você dá mais valor para um colega de trabalho do que para um membro da tua família. Sei que os colegas de trabalho são muito legais, eu tenho vários colegas de trabalho legais, mas amo minha família também e eu cuido dela e eu estou perto dela porque eu também devo ser uma referência, não só para os meus alunos, mas também para as pessoas da minha família. Não adianta eu ser uma referência para as pessoas da universidade e não ser uma referência para as pessoas da minha família, de educadora, de respeito, isso tem que ser muito equilibrado. Às vezes as pessoas que entram apostam todas as fichas e isso tem um preço que não volta atrás depois.

Tornar as experiências renovações capazes de superar tudo o que não oportuniza mudanças é o que menciona a professora Resistência:

Se proteja, mas não fuja da luta

Trabalhe. Mostre a sua capacidade. Aproxime-se de pessoas que possam se somar com você. São poucas, mas é possível a gente encontrar. Dependendo de onde estiver. Não vai ter pessoas negras. Pode ser que essas pessoas sejam brancas, dependendo de onde estiver e onde entrar. Se proteja, mas não fuja da luta. Não ignore. Ajude cada vez mais a fortalecer a nossa presença nesses espaços e a enfrentar o pacto da branquitude. Concorra a tudo. Concorra para ser coordenadora. Concorra, ocupe espaço. Seja ele qual for, ocupe espaço. Que é o que a gente precisa fazer.

As chegadas e saídas são desafios que necessitam ser cuidados, e a professora Eugénia nos diz sobre formas de não relaxar:

O espaço ali é seu, não deixem que te expulsem

Eu diria para uma professora negra que conquiste seu espaço, batalhe por ele e não deixem que te expulsem. Eu não sou favorável a essa postura bélica, essa postura de você ser toda hora preparada para o embate, preparada... Tenho uma colega, essa que citei a pouco... Penso que somos muito diferentes, pois ela é muito agressiva, ou seja, a forma dela de defesa é a agressividade. Sou um pouco diferente, eu procuro ocupar aquele espaço através do meu conhecimento, através do meu jeito mais delicado, talvez, mais sorridente, mais isso... Vou chorar na terapia, mas o espaço ali é seu, não deixem que te expulsem, é seu.

A professora Ana Maria menciona a certeza necessária em relação às rotas que traçamos para nós e à necessidade de defesa dessas rotas:

Se for falar em relação à raça, fale com muita tranquilidade

Você é linda, poderosa e se cursou uma universidade é por que é competente, ande com muita tranquilidade, com a sua dignidade, não vai ser possível ignorar forma de desrespeito e hostilidade, ter confiança na sua aparência, na sua competência, siga seus planos e se for falar em relação à raça, fale com muita tranquilidade e conscientizando as pessoas da importância do respeito. Temos que falar, não se deixe abater por nada mesmo, vá com serenidade. Levante a cabeça, vá com serenidade e firmeza. Aborde as questões que for necessária, forme parcerias.

A professora Ventos fala sobre não se deixar levar pelos ódios que se apresentarem e sobre a escolha dos caminhos seguros para o sucesso:

Não se deixe abater pelas coisas da vida, enfrente!

Mostra trabalho, entenda que... não se deixe abater pelas coisas da vida, enfrente, acho que é mais ou menos isso. Trabalho, não se dê por vencida e a cada agressão que você tiver reaja, mas reaja com trabalho, reaja com mostra que todo mundo é igual, eu não quero ser melhor que ninguém, quero ocupar o meu espaço que é onde quero estar, o que quero fazer, então encontre os caminhos para chegar onde você quer, sem pisar em ninguém, sem utilizar caminhos mais curtos, caminhos mais fáceis. Lógico que eu não vou querer procurar os caminhos mais difíceis, mas o caminho mais fácil que digo é pela ilegalidade ou pela falta de respeito, ou pelo apadrinhamento. Eu nunca fui apadrinhada, e aí sempre manter a sua cabeça erguida.

A chegada negra na academia é elucidada pela professora Transformação, enquanto alerta da necessidade de não amenização as agressões, pois com a negritude presente nada vai desaparecer e simplesmente se transformar:

Perceba que a sua presença como pessoa negra é um vetor do seu reconhecimento maior ou menor

Eu diria para qualquer professora de qualquer área, não só da educação. Tenho uma grande amiga que é da bioquímica e nunca deu aula para a licenciatura, ela só deu aula para Medicina, Odonto, que é uma disciplina básica desses cursos, a bioquímica. Então, ela é uma referência forte, mas eu diria. Perceba que a sua presença como pessoa negra é um vetor do seu reconhecimento maior ou menor, perceba isso, fique atenta a isso. E a segunda coisa que acho que é o principal e nunca esteja só, junte-se porque, para mim, a grande força de enfrentamento são os coletivos, primeiro é perceber-se como alguém que tem uma presença que é um marcador, que aciona, que é gatilho para muitas coisas. Essa colega da bioquímica, ela fez doutorado na Alemanha, ela tinha um mega laboratório que ela conquistou via projeto no CNPQ, o que essa pessoa... o que ela padeceu no departamento era assim algo velado, no sentido de não reconhecer os argumentos dela. Nas reuniões de departamento, ela disse às vezes a mesma coisa que eu disse, o outro disse e aí é reconhecido. Eles não tinham como tirar o poder teórico, porque ela era super reconhecida no universo da bioquímica, mas eles fustigaram nestas outras coisas onde eles tinham alcance. Então por isso eu diria para as pessoas perceberem que essa condição é um vetor pelo qual vão lhe medir e junte-se, pois eu acho que isso é um meio de poder lidar no sentido até de respirar e se confortar, porque a gente não está o tempo todo no fronte, pois tem momento que você chega em casa, como ela conta, pois ela já está aposentada, que eu não quero mais, quero me exonerar. Agora, porque ela sempre foi muito sozinha, porque se ela tivesse campainha, ela poderia ter puxado o telefone ou ido beber, ido conversar, por isso o coletivo é fundamental.

Os alertas que nos convocam a estudar, a termos domínios do que estamos à frente, são formas de nos preparar para não sofrermos ataques com os quais não seja possível lidar. Ainda que preparadas, seremos inquiridas, pois é sabido que nossos conhecimentos não são validados pelos que nos enxergam às suas sombras, mesmo quando somos nós quem faz com que a árvore cresça.

Nesses movimentos de disputas, a criação de adoecimentos é permanente, já que sempre teremos as vozes dizendo que segundos e terceiros querem o nosso lugar e a nós fica então o desafio de acreditar que não há nada errado em sermos quem está no comando, na referência e no destaque. Essa dor não pode ser nossa!

A dinâmica de “reconhecimento e valorização” emite a mensagem de que temos que trabalhar exaustivamente, sobrecarregar-nos e sermos melhores do que todas e todos, ou não estamos suficientemente preparadas para assumir nossos cargos. Afinal, são negras mulheres, o que já é uma desvantagem em termos do que compõe o ideal hegemônico reconhecido como credibilidade, pois, como aponta Kilomba (2019, p. 157), “tornaram-se a corporificação de todos os termos associados a palavra negra”, o que faz serem identificadas dessa forma.

Os limites para podermos ser, sem que corroboremos para nossas extinções, necessita ser produzido por nós, temos que estabelecer nossas fronteiras, mas sem que isso nos maltrate. Entender que já não é mais sobre o outro, mas sobre nós em defesa do que o outro nos arranca, e isso foi dito por essas professoras com muita propriedade e leveza. Elas aprenderam a dizer não, primeiro para si e depois para as chamadas incessantes, por suas presenças.

Não são pedacinhos de nós que vão guardar o que faz sentido em nossas vidas, pois nós somos inteiras vida. E escolher seguir vivendo requer que não nos deixemos apartar do que nos constitui, para não ocorrer nosso desmonte. O projeto de nação não vai se solidificar sem que haja a nação, sem que as pessoas, que as famílias, sobrevivam e encontrem-se no olhar, no zelo e na presença consigo, ou seja, estarem sendo com os seus.

Mesmo que as coisas aconteçam da melhor forma, fazer parte de um grupo de acolhimento, de amor e de cuidado é ter, de fato, a realização e sucesso, pois quando as coisas não são Qualis A, esse amor ainda estará ali, pois é parte de você. Nesse contexto, sonhos não tem fim, e as coordenadas para que se concretizem não poderão ser abandonadas, sob pena de nos perdermos de nossos propósitos que nos colocam nesses lugares.

As narrativas nos mostram que o se ambientar vem carregado de obstáculos, conforme afirma Nascimento (2012, p. 37), “sofremos agressões sutilíssimas, na rua, na escola, no trabalho, até mesmo na família”, o que faz com que haja o trânsito do adoecimento, mas também da descrença no projeto de mudança; e tornar ineficaz essas práticas requer que se atente aos sintomas nos quais o desejo, a contentamento e a realização deixam de fazer morada.

As professoras colaboradoras vão nos mostrando que não viveremos à espera de promessas de avanços, que somos lúcidas acerca do papel que temos que exercer socialmente e que o ser professora não diminui essa responsabilidade que se ergue nas lutas que assumimos em nossas múltiplas frentes de atuação.

Mesmo que se articulem para desqualificação de nossos conhecimentos, nada pode impedir que nossas capacidades sejam colocadas em prática, e isso retroalimenta os pactos da branquitude; por isso, há uma predisposição para sermos apartadas dos grupos, das decisões e das oportunidades.

Em resposta, o que essas mulheres fizeram foi trabalhar, produzir, tornar-se referência e se manter, já que a dinâmica é para que a expulsão compulsória e sem

rastros aconteça, e que nesse trânsito se produza dados relevantes que novamente as coloquem como as que precisam assumir a apropriação da promoção do conhecimento.

Os espaços ocupados pelas negras vai tendo uma investida de enfraquecimento, travestida de valorização, já que, ao colocar esses espaços como referência dessas mulheres e reafirmar que são elas que possuem esse domínio, isentam-se de assumir suas responsabilidades nas mudanças que o povo negro necessita que ocorram na universidade. Assim, esse deslocamento vai reafirmar uma prática nada nova, que é de que questões negras são de responsabilidade de negras e negros.

A prática do pacto da branquitude, uma potente prática, já que é um projeto de sucesso, debruça-se na criação dos obstáculos, mas também na manutenção deles, o que exige que se tenham pactos que já não se limitam a defesas, mas de ataques intelectuais que refutem o que até então tem sido cultuado como verdade e que se entregue outros conhecimentos que esse espaço jamais dominou, pois “o pensamento crítico certamente não se limita à academia” Collins (2021, p. 53), assim como os movimentos da população têm assumido inúmeras ações responsáveis por mudar realidades.

O vetor que se apresenta nas experiências dessas professoras é o ser negra. Com menor ou maior ênfase de atuação, é esse o motivo, fortalecido pela presença. No entanto, ao ocupar espaços, esse respeito a tudo que representam se torna uma prática obrigatória que passa a ser assumida por aqueles e aquelas que temem não saber até onde somos capazes de ocupar.

Todo esse movimento que essas negras fizeram mostra, sem ilusões, que é possível, que as chegadas são com os nossos, para os nossos e pelos nossos, o que vai nos fazer seguir cantando a canção do coletivo, sem abdicar da humanidade aguerrida que o nosso povo carrega.

É para os nossos que ser referência negra faz sentido, faz mudança, sacode e embala, e é com os nossos que as pessoas não negras podem assumir suas responsabilidades nos reparos que estivemos impedidos de ser.

Para as negras não é qualquer caminho, não servem atalhos, há um compromisso em abrir tudo o que tem sido blindado para nosso povo. Nesse sentido, a professora Transformação fala das memórias narradas, que são poderosas ferramentas educativas, que nos movimentam:

Me pego às vezes assim insegura dizendo, nossa, será que tô fazendo certo

As coisas que você foi trazendo, de ta me interpelando, me fazendo voltar, porque isso, como que foi, como, né? É muito interessante para a gente assim aos 66 anos, é como se fosse um álbum, antes a gente tinha um álbum de fotografia embora eu ainda tenha, mas assim faz tempo que já não se põe mais o álbum, quando folheava-se o álbum você voltava e dizia nossa isso aconteceu? Fui isso aqui? Então quando vocês perguntam, quando vocês interpelam a gente em uma pesquisa, é mover isso assim e é muito legal, porque tem momentos hoje em que eu me pego às vezes assim insegura dizendo, nossa, será que tô fazendo certo.

O olhar da professora nesse momento que chamou a retornar se mostra acompanhado de tantos sentimentos, que é possível visualizar nos semblantes expressados as passagens pelos momentos que a constituem. E ao me perguntar o que essa roda lhe provoca, sem que seja necessário verbalizar, me é ofertado o seu sentir, ao mencionar que é uma oportunidade de sentir, de resolver, de projetar.

Esse transe carrega, no sentido que as movimentações emocionais, ancestrais e das realidades que circundam o viver nesse contexto em que vivemos, um diálogo que atravessa de forma tão forte que te desloca para os teus passos diante da percepção das realidades que voltam a compor o seu eu. Assim, tu reconheces novamente, fora da individualidade, que o teu sufocar não era somente teu, assim como teu riso e tua palma nunca foram. Isso faz com que o olho marejado da tua narradora encontre o brotar dos teus, pois essas confluências¹⁸, semeadas por Bispo (2023, p. 4), somos nós. Então tu vais, mas também volta junto, pois não temos fim.

¹⁸ Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia.

4 CONSTATAÇÕES DE RODAS QUE NÃO PARAM, JUNTO À DETERMINAÇÃO DE IEMANJÁ: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS QUE SE CRUZAM PELA MUDANÇA DOS NÃO FINAIS

IEMANJÁ SELEÔ LODÔ, BABÁ ORÔ MIÔ, OMARERÊ ICHALÉO, BABA
ORÔMIÔ IEMANJÁ SELEÔ LODÔ, BABÁ ORÔ MIÔ, OMARERÊ ICHALÉO,
BABA ORÔMIÔ
(Reza de Iemanjá)

Iemanjá é a mãe dos orixás, senhora das águas profundas, ligada à maternidade, à proteção, à origem da vida e ao equilíbrio emocional. Ela domina o mar. Essa reza supracitada pede que ela venha e responda ao nosso chamado, trazendo equilíbrio, cura, proteção e acolhimento para honrarmos a ancestralidade.

Ao recordar o que as colaboradoras desta pesquisa narraram, visualizo um encontro das professoras com as águas e com o que foi descrito acima, acerca da orixá Mãe. Assim, ouço um canto dizendo que negras mulheres gestam o mundo, e eu ainda respondo acrescentando que também se encarregam de criá-lo por toda a sua existência. Por isso, quando nós negras nos movimentamos, já é sabido que as estruturas se movimentam, pois somos água, terra, ar e fogo, encarregadas de fazer com que as vidas aconteçam, somos a resposta à vida que nos foi ofertada e, por isso, persistimos.

As professoras narradoras comunicam, como nos transmitem as rezas, e convencem muitas/os que temos o direito a ter uma vida boa, e para nós, pessoas negras, esse viver bem tem se reduzido a querer o mínimo, a ter o mínimo possuído pelos nossos semelhantes. Nem entramos na pauta dos privilégios que nunca beneficiaram os não brancos, mas em ter condição humana digna, minimamente digna e respeitosa. O conhecimento das nossas ancestralidades, a escola e a universidade são fundamentais para que o poder mude de mãos, ao ter que se render e aceitar que tem intelectualidade negra, tem ciência negra e o discurso do despreparo já não pode ser aplicado às nossas trajetórias de estudo.

Leis como a 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade de constar no currículo escolar a história e cultura afro-brasileira, e a 11.645/08 de inclusão da história e cultura indígena nos currículos escolares, foram defendidas pela presença feminina e, em especial, pelas mulheres negras que historicamente assumiram em suas costas essas batalhas, das quais necessitamos para nos manter.

As políticas públicas afirmativas, fruto dos movimentos negros e das ações de movimentos sociais, interpelaram as universidades a nos receber e, em muitos momentos de nossas conversas, é possível identificar que se cria uma necessidade da presença de negras professoras comprometidas com essas chegadas, para que as/os estudantes não somente permaneçam, mas acessem aos caminhos que somente nesse espaço poderão aprender ao trilhar.

É fundamental haver um exercício reflexivo acerca do que as chegadas de negras professoras provocam na branquitude, pois as pautas em reuniões da academia têm sido acerca dos desafios que professoras doutoras precisam lidar junto a suas terapias, ao ter que ensinar aqueles que eles determinam que são os que não são aptos a aprender na academia, pois não estão prontos e não sabem.

Quem avisa esses docentes que a universidade pública, fruto de ações de governos de esquerda, onde eles se formaram, foram construídas para a população que não pode pagar e que há reparação tardia, acontece e tem sido defendida novamente pelas (negras professoras) que sofreram danos pelo não acesso histórico do povo negro. Esse prejuízo continua longe de ser pago. Quem vai pagar essa conta?

Mas elas estão lá, defendendo, impedindo e criando para que não se criem barreiras maiores, e isso faz com que muitas adiem o tão sonhado momento da aposentadoria, por compreender que é recente a abertura desses caminhos. Há um preço alto que pagam, e que elas não arriscariam perder. As mudanças as tornam incessantes na construção de mais coletivos que assumam essas frentes.

Continuamos combativas, mas não precisamos mais guardar em nossos silêncios, nossas dores, pois a exigência é sair do silenciamento e trazer à tona o que nosso corpo não suporta, para cobrarmos pelas faltas que acabam sendo tornadas nossas responsabilidades, pois somos quem precisa criar formas de as eliminar. Todos esses movimentos ainda nos colocam como responsáveis pela mudança do que não provocamos!

Aprendamos com elas que as pessoas que solidificam a estrutura das opressões podem fazer o que quiserem contra nós, pois sempre haverá uma de nós chamando todas as outras. Estamos juntas nessa caminhada! A caminhada de quem veio antes nos leva a seguir, muitas vezes com raiva, algumas com medo e outras com amor. Porém, seguimos e esse nosso andar é potente, pois colocamos

em execução estratégias ancestrais que nos ensinaram que juntas a vida nunca acaba.

As docentes narradoras não se reconhecem fortalezas intocáveis e indestrutíveis. No entanto, entregam a coragem que a caminhada exigiu delas e, diante de um futuro que sempre será incerto, como disse Petronilha, elas possuem autoridade para olhar ao redor e sorrir para o que construíram.

Sempre nos foi exigido sermos fortes, e aprendemos que dessa força depende nossa sobrevivência, já que o plano de desumanização sempre foi executado. Então isso se tornou necessidade e foi utilizado para provocar vulnerabilidade, descaso e invisibilização dos nossos corpos, pois, conforme mencionado, refere-se às armadilhas de aprisionamento. E desses aprisionamentos muitas de nós ainda estamos nos desobrigando a participar.

Quem coloca limite às nossas lutas somos nós! Quem define o nível de entrega dos nossos desafios somos nós! Temos sido nós as responsáveis por nos levantarmos umas às outras, mesmo quando não sobra nada em que possamos nos apoiar. Sabiamente, as professoras narradoras anunciam que o que vai sobrar após nós negras somos nós negras, e por isso permanecemos irradiando existências.

Na pesquisa conseguimos ver mais uma vez em contextos diversos como a branquitude esconde toda essa prática negacionista dos nossos conhecimentos quando precisam dividir o palco, que reconhecem como seus por direito. Dialogamos com essas negras professoras das universidades públicas dos programas de pós-graduação em educação do nosso país patriarcado, que é indígena, preto, pardo, cheio de histórias, memórias e pertencimentos.

Nesse sentido, Fanon (2021, p. 16) observa que “Diz-se correntemente que o racismo é uma chaga da humanidade. Mas é preciso que não nos contentemos com essa frase. É preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sociabilidade”.

Inúmeras vezes, nas nossas conversas, o nome, os conceitos e a defesa de práticas que enfrentaram e enfrentam o racismo e as opressões não foram mencionados. Porém, essas práticas estavam lá nas vestimentas, na construção do projeto, na criação de políticas, no fortalecimento de suas práticas, nos acolhimentos, nas exigências, nos movimentos que participaram, nos afastamentos que optaram, ou seja, pelo projeto de transformação que estabeleceram em seus caminhos, onde não havia espaço para correrem diante das dificuldades.

As ocupações dessas mulheres na docência acadêmica produzem resistências, que podem ser conhecidas conforme mencionado por Escobar (2017, p. 141), quando afirma que “Os espaços sociais ocupados pelas negras mulheres desde as margens têm sido ressignificados e transformados em espaços políticos para elaboração de práticas emancipatórias e em cenário para reflexões teóricas e produção de conhecimento”.

Entendo que essa escuta das mais velhas compõe um movimento, que não é inédito, de aprendermos com quem veio antes.

Nesse momento, dialogar exclusivamente com essas mulheres nos chama para voltarmos ao início e darmos a devida importância e reconhecimento à oralidade presente nas narrativas, como patrimônio imaterial dos nossos pertencimentos, preservando nossas memórias capazes de contar as verdadeiras histórias que trilhamos.

Ainda em relação àquilo que compartilhamos no fazer esse estudo, volto e encontro a urgência de pegarmos de volta a humildade da escuta, que nos foi arrancada quando nos ensinaram que é possível hierarquizar o que tem valor e que o diferente não tem, quando era para sermos e estarmos no mundo prontos para enfrentar a tentativa de desvalorização nas nossas diversidades.

Racismo não se mantém sem que haja seu exército racista, machista, homofóbico e contra a democracia, e essas negras professoras se contraporão rompendo estruturas que negam os ciclos de desigualdades, mas também se negando a serem as fortalezas criadas pela sociedade branca.

Não há como encerrar essas questões, mesmo a pesquisa nos exigindo um desfecho final. Prefiro me aliar aos pensamentos que defendem que não há finais, mas recomeços e, assim, com todos os ensinamentos que essa passagem me oportunizou, acredito no que elas anunciam quanto a nos determos em colocar em prática o que constatamos.

Conforme mencionamos, a pesquisa deu abrigo à defesa de situações que têm sido pauta de enfrentamento dos movimentos sociais antirracistas, de povos de terreiros, classes populares, LGBTQIAPN+, que com suas energias vêm democratizando não somente a universidade, mas compreendendo que sem essa democracia não haverá reparações.

Frente a essa cobrança, em relação às nossas pesquisas em especial, reconheço que a interseccionalidade esteve todo o tempo aqui e sabemos o

conceito relevante desse tema/vida, mas o que essas professoras nos apontam para podermos avançar nos novos inícios se trata de ação. E isso não tem relação direta com ser ou não forte, mas requer coragem para enfrentar os desafios.

O mito da mulher negra ser forte, narrativa de produção de comportamentos sociais, ilustra o que pode ser a interseccionalidade, mas o que elas denunciam em seus fazeres é o que a interseccionalidade faz e não o que ela é? É necessário trazermos nas ações essa compreensão do vivido, que carrega o que vem sendo abordado nessa experiência de relação de poder, discriminação e privilégios dentro das dimensões de gênero, raça e classe, e que até então vem mantendo a produção de desigualdades e privilégios.

As colaboradoras fizeram dos seus hoje(s) ações que são capazes de tornar os amanhãs uma superação de todo o tipo de opressões que atingiram extremamente as classes populares. Desse modo, penso que aqui corroboramos com o que temos de mais valioso, nossos passos, e assim entendo ser necessário fazer a defesa de que tornemos nossas lutas também o autocuidado emocional, físico e mental, para tornarmos o banzo¹⁹ uma memória de cura.

A força para essas negras professoras universitárias está na potência, na coragem, na resistência de dizer não, de gritar basta, de mencionar que não conseguem ressaltar que necessitam de ajuda.

Aprendo, ao final desse ritual/pesquisa, que estas negras professoras ainda estão pagando pelo racismo estrutural desse país e a coragem que as acompanhou e acompanha nos percursos de luta antirracistas, democratização da universidade e todas as conquistas que atingiram, também se relaciona com as diversas dimensões de suas subjetividades. Há uma resistência potente contra as imposições do sistema, mas que não é capaz de arrancar a transgressora felicidade que nos envolve e nos impulsiona ao danificarmos as estruturas.

¹⁹ Termo de origem Bantu que se refere a um estado de tristeza, sofrimento e melancolia ligadas a experiências traumáticas dos povos africanos e indígenas no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O lenço de cetim da mamãe**. Ilustrações: Jolle Avelino; tradução: Nina Rizzi. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2024.

ANA MARIA. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz**. Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) - Curitiba (PR), 21 ago. 2024. Duração: 60 min.

AKOTIRENE, Carla, **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Mirianne Santos de. **Entre gritos e silêncios: ecos de uma pedagogia de (Re) existência com meninas quilombolas**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BARBADO, Adilson; CARVALHO, Jair de; PORTELA, Jorge. Sorriso Negro. Intérprete: Dona Ivone Lara. In: LARA, Dona Ivone. **Sorriso Negro**. Rio de Janeiro: Atlantic, 1981. 1 LP. Lado A, faixa 1.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Imprensa Nacional do Estado de São Paulo, 2007.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, Piseagrama, 2023.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 26 jan. 2026.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes **Revista Espaço do Currículo (online)**, João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 678-686, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54949>

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. A mulher negra e a luta por igualdade de direitos. **Boletim do Conselho Estadual da Condição Feminina**, São Paulo, p. 6, 1987.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Revista do Observatório Brasil da igualdade de gênero**, Brasília, ano 2, n. 4, p. 76-81, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: CARNEIRO, Sueli (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil**: visão histórica e crítica. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 3. ed. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COLLINS, Patricia Hill Collins. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRUZ, Arlindo; BASTOS, Mauro Diniz. Meu Lugar. Intérprete: Arlindo Cruz. *In*: CRUZ, Arlindo. **Sambista Perfeito**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2007. 1 CD. Faixa 2.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**, 2012. Disponível em <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 1, p. 7-16, 2002. Dossiê da III Conferência Mundial contra o Racismo (Durban, 2001). Coordenado por Luiza Bairos. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

CRUZ, Josiane Beloni. **Colorindo invisibilidades**: um estudo de caso acerca de práticas de resistência negra na escola. 2014. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIDA; VIOLA, Everaldo da. Pranto Livre. Intérprete: Elza Soares. *In*: SOARES, Elza. **Elza Soares**. Rio de Janeiro: Tapeçar, 1974. 1 LP. Lado A, faixa 4.

ESCOBAR, Giane Vargas. **“Para encher os olhos”**: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal *A razão* (1960-1980). 2017, 383 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11634/Escobar,%20Giane%20Vargas.pdf?sequence>. Acesso em: 20 jan. 2026.

EUGÊNIA. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz**. Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) – Macapá (AP), 22 mar. 2025. Duração: 44 min.

FANON, Frantz Omar. **Racismo e cultura**. [S. l.]: Editora Terra sem Amos, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/10316/1/06_GONZALES_L%20c3%a9lia_Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_1.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

HOOKS, bell. Living to love. **Sisters of the Yam: black women and self-recovery.** Tradução: Maísa Mendonça. Boston: South End Press, 1993. p. 129-147.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar.** Tradução: Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 jan. 2026.

IDA MARA. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz.** Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) - Florianópolis (SC), 25 out. 2024. Duração: 130 min.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Valdemar de Assis. **O branco no preto e o preto no branco: EARER e o uso social da memória no fazer-se antirracista de pessoas brancas.** 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/254060/PEED1720-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2026.

LOANGO, Anny Ocoró. Emancipación y descolonización: tensiones, luchas y aprendizajes de los investigadores/as negros/as en la educación superior. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista - BA, v. 15, n. 32, p. 53-68, abr./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i32.5043>

LORDE, Audre. **Irmã outsider.** Tradução: Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 356-377.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (org.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad.** Bogotá: Universidad Javeriana- Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MIRANDA, Claudia; ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memórias contra-hegemônicas e educação para as relações étnico-raciais: práticas decoloniais em contextos periféricos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 378-397, abr./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2019.e58787>

MOCIDADE, Paulinho; VIOLA, Dico da; SILVEIRA, Moleque. Sonhar não custa nada. Intérprete: Paulinho Mocidade. In: **SAMBAS enredo das escolas de samba do grupo especial - Carnaval 92**. Rio de Janeiro: BMG Ariola, 1991. 1 LP. Lado A, faixa 2.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 36, n. 105, p. 117-130, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.008>

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização: Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias de destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Maria, Maria. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, Milton. **Clube da Esquina 2**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1978. 2 LPs. Disco 1, lado A, faixa 3.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: um balanço das teorias. In: THEODORO, Mário (org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília; IPEA, 2008. p. 65-96. Disponível em: https://www.mpdf.mp.br/portal/pdf/Livro_desigualdadesraciais_-_IPEA.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

PAIM, Elison Antônio. Racismos e antirracismos: diálogos decoloniais pelas resistências, (re)existências e (re)vivências. In: PAULILO, André; HADLER, Maria Sílvia Duarte (org.). **Contra o adverso: histórias da população negra**. Campinas, SP: CMU/Unicamp, 2023.

PETRONILHA. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz**. Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) - Campo Grande (MS), 29 ago. 2025. Duração: 60 min.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

PINHEIRO, Patrícia Magalhães. **Entre silenciamentos e resistências: educação das relações étnico-raciais nas narrativas de professoras/es de Ciências Biológicas**

da UFSC. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72. Disponível em: <https://www2.historia.uff.br/tempo/wp-content/uploads/2024/11/artg2-3.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. Lélia Gonzales. **Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RESISTÊNCIA. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz**. Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) - Campo Grande (MS), 6 abr. 2025. Duração: 98 min.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RODRIGUES, Elida Regina Nobre. **Professoras negras e suas autorias**: um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10519/2/TESE%20ELIDA%20REGINA%20NOBRE%20RODRIGUES%2011092022.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

RUFER, Mario; CORNEJO, Inés (ed.). **Horizontalidad**: hacia una crítica de la metodología. Buenos Aires: CLACSO; México: Centro de Estudios Latinoamericanos Avanzados - CALAS, 2020.

SILVA, Celso Sisto. **Bô Sukuta! Kada kin su manera**: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué! 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2044/1/437601.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

SILVA, Jefferson Basílio Cruz da. **“Sou um negro que correu para a polícia”**: Carlos Magno Nazareth Cerqueira (1937-1999) e o sonho pedagógico de um novo policial. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15673/disserta%c3%a7%c3%a3o_Jefferson%20Bas%c3%adlio.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 jan. 2026.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

TRANSFORMAÇÃO. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz.** Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) – Lavras do Sul (RS), 19 ago. 2024. Duração: 58 min.

VENTOS. **Entrevista concedida a Juliana da Rosa Brochado da Luz.** Realizada via Google Meet (online). Capão do Leão (RS) – Aracaju (SE), 21 mar. 2025. Duração: 64 min.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p. 12-42.

WALSH, Catherine. **Memorias del Seminario Internacional “Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad”**. (Bogotá, 17-19 de abril de 2007). Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 1, p. 7-17, 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303/281>. Acesso em: 20 jan. 2026.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A mulher negra guerreira está morta: Memórias e Experiências de professoras acadêmicas negras sobre práticas de resistências

Pesquisador: ELISON ANTONIO PAIM

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 78804424.8.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.972.696

Apresentação do Projeto:

Tese de doutorado de Juliana da Rosa Brochado da Luz do Programa de Pós-Graduação em Educação, orientada por Elisa Antonio Paim.

Estudo retrospectivo e prospectivo, com previsão de 10 participantes.

Crítérios de inclusão: negras, mulheres, professoras universitárias, pertencer a programas de pós-graduação em educação de universidades federais e ter mais de 50 anos.

Crítérios de exclusão: não declarada negra, menos de 50 anos, não estar vinculada a programas de pósgraduação em educação de universidades federais.

Os participantes serão submetidos a: entrevistas semi-estruturadas.

RESUMO

Este projeto de pesquisa, em nível de doutorado, propõe dialogar a partir das narrativas de memórias e experiências de mulheres negras, professoras universitárias, que trabalham em programas de pós-graduação em educação, de universidades públicas. Desejamos ouvir as narrativas de mulheres com mais de 60 anos, acerca dos impactos causados a elas, pelos

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.972.696

estereótipos da mulher negra ser forte. Queremos saber como essas mulheres negras, muitas delas pioneiras em espaços acadêmicos, sentem as representações de ser forte e guerreira nos espaços que ocupam. Queremos oportunizar aprendizagens com estas professoras relacionadas às formas com que intervêm em seus contextos, para que, a partir das inquietações que seus corpos provocam, sobrevivam ao que o racismo impõe em seus cotidianos. Objetivamos denunciar as consequências do estereótipo, no atravessamento da vida destas mulheres e as representações que o mito da mulher negra ser forte impõe, bem como as resistências que produz. Escolhemos propor a pesquisa centrada nestas negras, onde suas narrativas ocupam espaço de expressão ou representação, conduzidos por um diálogo que se constrói nas entrevistas semi-estruturadas. A transcrição das entrevistas oportuniza que os diálogos entre diferentes conhecimentos aconteçam e se revelem epistemologias outras.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Dialogar com as experiências pioneiras de professoras negras, acadêmicas de instituições públicas, problematizando o estereótipo/ mito da mulher negra guerreira, na vida destas intelectuais.

Objetivos Secundários:

- Registrar experiências e memórias de professoras universitárias negras em programas de pós-graduação;
- Fortalecer a relevância social de ser professora negra universitária;
- Explicitar os formatos em que as relações de sobrecarga se apresentam às docentes negras, frente às expectativas do impacto de suas presenças nas instituições;
- Visibilizar as práticas de resistência e superação narradas pelas professoras negras;
- Compreender se estas mulheres se reconhecem como fortaleza.

Metodologia Proposta:

A execução deste projeto de pesquisa em Educação preconiza o manejo de informações extraídas de entrevistas, por isso o comprometimento em zelar pela integridade e dignidade das entrevistadas. Nossa proposta de estudo visa aproximar as memórias e experiências de professoras negras, da pós-graduação de universidades públicas, vinculadas a programas de pós-graduação em educação, que tenham mais de 60 anos. A primeira busca por estas

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 6.972.696

mulheres foi realizada nas páginas de todos os programas de pós-graduação das universidades públicas do país, e frente às dificuldades fizemos uso de ferramentas de redes sociais, em que estas pudessem estar sendo identificadas. Junto a estas tentativas realizaremos se necessário o contato por e-mail com as instituições, compartilhando nosso interesse e solicitando auxílio para que possamos ter acesso a estas pessoas. A aproximação com outras pesquisas que tenham tido como estudo este tema, assim como do recorte que adotaram, nos oportuniza estabelecer nossa colaboração ímpar no estudo, acerca dessas experiências narradas. As falas destas negras professoras acadêmicas, obtidas por intermédio das entrevistas serão gravadas, transcritas e estudadas horizontalmente, com base nas teorias que reconheçam nas memórias, narrativas e experiências a riqueza em potencial para que tenhamos a oportunidade de criar rede de conhecimento, reconhecimento e preservação no ineditismo que cada existir carrega. Assim, a metodologia para o trabalho com fontes narrativas será direcionada a partir dos conceitos de memória e narrativa e experiência vivida em Walter Benjamin (2012) e seus intérpretes, junto ao conceito de experiência em E. P. Thompson (1981) pesquisas educacionais que tratam das fontes orais produzidas por parte dos integrantes dos grupos de pesquisa Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC) da UFSC. A tese de doutoramento de Elison Antonio Paim (2005) intitulada Memórias e experiências do fazer-se professor, irá subsidiar o diálogo entre os diversos conhecimentos revelados. Nos aliamos teoricamente também ao pensamento de Grada Kilomba, que reconhece a necessidade da realização de “pesquisa centrada em sujeitos” (2019, p.82), “visto que os sujeitos marginalizados como secundários, são privados do direito a autorrepresentação”. O distanciamento necessário para que estas mulheres não sejam tornadas objetos, exige inclusive que se tenha comprometimento e ética com os relatos confiados a quem as ouve, já que são fruto da aproximação construída. Oportunizar que a voz dessas sujeitas, mulheres negras possam ser ouvidas em uma construção metodológica centrada em sujeitas é urgente, pois vivemos um cenário no Brasil, visto que, os ataques ao povo negro têm sido constantemente fortalecidos pelo genocídio da juventude negra, no feminicídio em que a mulher negra compõe os maiores índices, na subalternidade de negras e negros nas frentes de trabalho e na morte dessa população pelas mãos do estado. Para a realização das entrevistas faremos uso de roteiro semiestruturado a fim de conduzir o diálogo entre entrevistadora e entrevistadas. Realizada a transcrição dos áudios, a leitura das fontes será conduzida pelos conceitos benjaminianos de memória e rememoração, junto ao conceito de experiência de E. P. Thompson (1981) que oportuniza o trato destas fontes como possibilidade de produção de conhecimento, acerca dessas

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**

Continuação do Parecer: 6.972.696

transcendências no espaço acadêmico. Desta forma, compreendemos que o desdobramento necessário das falas compartilhadas, que centraliza essas mulheres, vem na perspectiva das mônadas por operar na reelaboração daquilo que é, e que não necessita da validação por vozes que sempre foram ouvidas. Há nesse fazer, um dever moral com a escrita e por isso o investimento em outros modos de fazê-la, por se tratar de uma construção com vidas e não com objetos. Não se trata de abordar lugar de fala, mas de diminuir o distanciamento dos lugares que sempre se negaram a ouvir.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Análise adequada dos riscos e benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem considerações adicionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto vem assinada pelo/a pesquisador/a responsável e pela autoridade institucional competente.

O cronograma informa que a coleta de dados acontecerá a partir de 12/08/2024.

O orçamento informa que não estão previstas despesas.

Consta do processo o roteiro da entrevista a ser realizada com os participantes.

O TCLE é esclarecedor a respeito de objetivos, procedimentos, riscos e direitos dos participantes, e cumpre as exigências da res. 406/12.

Recomendações:

Sem recomendações adicionais.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 6.972.696

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2307861.pdf	10/07/2024 16:14:15		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	10/07/2024 16:12:53	JULIANA DA ROSA BROCHADO DA LUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf	10/07/2024 16:12:23	JULIANA DA ROSA BROCHADO DA LUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Investigador.docx	23/06/2024 13:38:51	JULIANA DA ROSA BROCHADO DA LUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Investigador.pdf	20/04/2024 15:33:33	JULIANA DA ROSA BROCHADO DA LUZ	Aceito
Folha de Rosto	comite_de_etica_JULIANA_DA_LUZassinadoassinado.pdf	01/04/2024 19:41:13	JULIANA DA ROSA BROCHADO DA LUZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 29 de Julho de 2024

Assinado por:
Danielle O Mamed
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Bloco 1: Identificação

1. Você pode se apresentar, falar um pouco da sua história, da sua família e como foi sua vida escolar antes da universidade?
2. Fale sobre sua escolaridade e profissão dos pais, nível de vida, aspiração dos pais em relação a escolaridade e profissão dos filhos.
3. Você cursou a Educação Básica em uma escola pública ou privada?
4. Como foi sua preparação para ingressar no ensino superior?

Bloco 2: Formação Acadêmica

Graduação

5. Como foi a sua recepção na faculdade? O que você recorda deste espaço, que de alguma forma interferiu negativamente ou positivamente na tua vida?

Pós - graduação

6. Na pós-graduação houve a ampliação de questões das quais entendes ser necessárias no debate da academia, que contribuíram com a perspectiva de educação na qual acredita? do fazer-se professor

Ingresso como docente na universidade

7. Quais as maiores dificuldades que você encontrou ao longo da sua trajetória docente?
8. Quando e por que você começou a lecionar ? O que te fez ir para a pós-graduação?
9. O que você recorda das suas primeiras aulas? Você se sentiu preparada para lecionar em relação aos conhecimentos ensinados na academia?

Ingresso como professora na pós graduação

10. Como foi a sua recepção na equipe da pós-graduação? O que você recorda de aprender nas primeiras aproximações e como isso mudou ou não a concepção inicial que você tinha deste espaço?
11. Que tipo de habilidades você desenvolveu na sua formação que contribuíram para a sua atuação como professor/a da pós-graduação ?
12. Relacionado a Educação para as Relações Étnico Raciais, existia a possibilidade de abordar a história indígena e africana? Se sim, como lidava com este conteúdo e como você costumava trabalhar com estas questões?

13. Quais as maiores dificuldades que você encontrou ao longo da sua trajetória docente?

Bloco 3: Experiência Profissional

14. Qual o perfil da instituição que você trabalha/va? Qual o tamanho da equipe de professores/as? Eles conversavam/ contribuíam acerca da tua áreas de atuação?

15. Qual o perfil dos/as estudantes e colegas que você trabalha/ou na universidade?

16. E como acontece/ia a relação professores/as-estudante nesses espaços?

17. Você consegue/ia inserir para além do currículo prescrito incluindo outros conteúdos que você considera relevantes para a formação? Se sim, quais são/seriam eles e que estratégias você utilizava?

18. Como você avalia o impacto da tua presença como docente na instituição federal?

19. Que dificuldades se apresentaram em relação os/as estudantes a respeito da tua presença no desempenho da disciplina?

20. Você recorda de algum momento ou experiência que te marcou durante a sua atuação como professora da pós graduação? Se sim, por que esta experiência em particular?

21. Você sabe que nós mulheres negras, somos consideradas mulheres fortes . Comenta como tu te reconhece frente a essa afirmativa. Te consideras essa fortaleza? Justifica.

22. A partir das tuas experiências, o que dirias a uma professora negra que está ingressando na universidade?

23. De que forma estas mulheres necessitam estar preparadas para administrar as relações que se estabelecem dentro da universidade?

ANEXO C – CONVERSA QUE AJUDA A FAZER O ESTADO DA ARTE

Chegada a esse momento tão importante, narro aqui o que aprendi, pois são inúmeras as experiências de aprendizados que nos foram negadas e, respondendo a isso, acredito que podemos, sim, ir nos ensinando na caminhada, já que não temos tempo de facilitar o retardo das nossas chegadas.

A propósito, a tranquilidade nesse momento de construção do estado da arte é fundamental, pois tu estarás lidando com uma plataforma instável que necessita ter como aliada uma internet que não oscile.

Então, é necessário inicialmente entrar no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio por deste link: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>, ou pesquisando, e logo onde diz “busca”, registrar o título provisório ou não, mas cada palavra deve ser separada pelo sinal de +, pois isso facilita a busca, como, por exemplo, mulher+negra+forte. Quando clicar em buscar terás 117 resultados para esta busca mulher+negra+forte, e abaixo dessa informação aparecerá, “exibindo 1-20 de 117”, que se refere à quantidade de teses e dissertações que estão aparecendo na tela, nesse caso 20, do total de 117.

Na continuidade, tu seguirás refinando, ou seja, adicionando tópicos para verificar a quantidade de estudos que há, atendendo a esses requisitos. Então tu vais marcando progressivamente, sem desmarcar os anteriores e, nesse caso, para marcar o mestrado e doutorado (acadêmico), tu debes clicar na opção “buscar” e terás a modificação do resultado. Ainda no refinamento, vais selecionar dentro de qual período de anos queres verificar as pesquisas realizadas, então vais selecionar ano a ano e vais verificar. É importante ir salvando os resultados a cada busca, pois as oscilações no sistema podem dificultar a realização. Cabe mencionar que devem ser aplicados todos os filtros com as palavras mulheres+negra+forte e somente após debes trazer outras palavras, como, por exemplo, mulher+negra+mito, e seguir fazendo essa busca (tipo, ano, grande área do conhecimento, área do conhecimento, área de avaliação, área de concentração, nome do programa), chamada estado da arte.

O objetivo final é chegar ao menor número de pesquisas relacionadas ao tema, pois isso indicará a possibilidade de potencial para o ineditismo.